



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

SEVERINO JAIME DA SILVA

**ENSINANDO A HISTÓRIA DA RESISTÊNCIA
DOS ESCRAVIZADOS ATRAVÉS DE HISTÓRIAS
EM QUADRINHOS (HQS) SOBRE O
QUILOMBO DO CATUCÁ**

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

AGOSTO / 2022



Severino Jaime da Silva

**Ensinado A História da Resistência dos Escravizados Através de História em
Quadrinho (HQ) sobre o Quilombo do Catucá**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade de Pernambuco - UPE. Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Kalina Vanderlei

Nazaré da Mata - PE

2022

SEVERINO JAIME DA SILVA

**Ensinado A História da Resistência dos Escravizados Através de História em
Quadrinho (HQ) sobre o Quilombo do Catucá**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Aprovada:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kalina Vanderlei Paiva da Silva (Orientadora)
Universidade de Pernambuco – UPE

Profa. Dra. Suelly Creuza de Almeida (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Prof. Dr. Renan Marques Birro (Examinador Interno)
Universidade de Pernambuco - UPE

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos e todas que me inspiraram, tornando possível a sua realização.

Especialmente a:
minha Mãe Nina, como é conhecida, que mesmo diante das maiores dificuldades, não mediu esforços para que eu conseguisse terminar o meu Ensino Médio.
Olga, minha esposa, que nos momentos de dificuldade e baixa auto estima, sempre me fazia renascer, dando aquela força necessária para dar prosseguimento ao trabalho.
minhas filhas, Júlia e Beatriz.
minha tia Bernadete, que criou as oportunidades para que eu pudesse dar continuidade aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que ao longo dessa travessia estiveram perto de mim, de certa forma se tornando coautores desse texto. Especialmente...

À Minha mãe que não mediu esforço para que eu pudesse estudar.

À minha esposa Olga e companheira de todas as horas, que nos momentos mais difíceis estava ali para dar forças.

Às minhas lindas filhas, Júlia e Beatriz, que muitas vezes pediam para sair ou para brincar e este de coração partido dizia, papai precisa estudar, vamos deixar para um outro momento.

À minha Tia Bernadete, pois foi graças a ela que vim morar na região metropolitana do Recife, e tive a oportunidade de dar continuidade aos meus estudos, na busca pelo sonho de ser Professor.

À minha orientadora, Kalina Vanderlei, pelas leituras do nosso texto, fazendo as suas observações sempre muito pertinentes e indicando leituras e releituras.

Ao meu colega e amigo Sanchirles, pelas boas conversas e discussões que tivemos ao longo desses dois anos e meio do Mestrado.

À equipe gestora da Escola Municipal Ministro Jarbas Passarinho, em especial, a Gestora Agnes, que não mediu esforços para atender os meus pedidos de liberação para cumprir com as obrigações do Mestrado.

Ao meu companheiro de jornada Mestre em Língua Portuguesa Jailton Ferreira, pela leitura do projeto e nas correções ao longo da escrita.

A meu amigo e Compadre, Mácio André, pelas leituras e observações do nosso texto.

Aos idealizadores e idealizadoras, gestores, gestoras, coordenadores e coordenadoras do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória.

Aos professores e professoras, coordenadores e coordenadoras do ProfHistória da UPE.

Enfim, a toda a minha família e amigos que de certa forma contribuíram para que esse trabalho pudesse ser realizado.

RESUMO

Esta pesquisa buscou discorrer sobre o Ensino das Relações étnico-raciais, a partir quilombo do Catucá. Teve como objetivo, levar para a sala de aula a História de um quilombo que surgiu em Pernambuco na primeira metade do século XIX, nas proximidades do Recife e Olinda e que se espalhou pelas matas da Mata Norte Pernambucana, oferecendo aos estudantes e professores a possibilidade de conhecer outras narrativas históricas sobre o quilombo, que fuja das narrativas que norteiam os livros didáticos. Nossa problemática surgiu a partir da dificuldade em se conhecer as origens do quilombo do Catucá, situado no povoado de São Lourenço, município de Goiana – Pernambuco, assim como a história de seu líder, o Malunguinho. Diante dessa constatação verificamos a necessidade de escrever sobre o quilombo do Catucá, para dar visibilidade às narrativas históricas da população deste reduto de negros e negras que resistiram às imposições de uma sociedade escravagista, na tentativa de viver em liberdade. Como parte propositiva em forma de produto final de nosso trabalho, apresentamos uma História em Quadrinho (HQ) sobre o quilombo do Catucá intitulado, uma viagem pela História do Quilombo de Malunguinho: o rei das matas de Pernambuco, para servir de aporte teórico para estudantes e professores, sobretudo, da Mata Norte Pernambucana.

Palavras chave: Ensino de História. Relações étnico-raciais. Quilombo do Catucá. História em quadrinho.

ABSTRACT

This research tried to discuss the teaching of ethnic-racial relations, based on the quilombo of Catucá. Its goal was to bring to the classroom the history of a quilombo that emerged in Pernambuco in the first half of the nineteenth century, near Recife and Olinda and that spread through the forests of the northern Pernambuco region, offering students and teachers the possibility of knowing other historical narratives about the quilombo, which escape the narratives that guide textbooks. Our problem arose from the difficulty in knowing the origins of the Catucá quilombo, located in the village of São Lourenço, municipality of Goiana - Pernambuco, as well as the history of its leader, Malunguinho. Given this finding, we saw the need to write about the quilombo of Catucá, to give visibility to the historical narratives of the population of this stronghold of black men and women who resisted the impositions of a slaveholding society, in an attempt to live in freedom. As a final product of our work, we present a Comic Book about the Quilombo of Catucá entitled, a journey through the History of the Quilombo of Malunguinho: the king of the forests of Pernambuco, to serve as a theoretical contribution for students and teachers, especially those in the Northern Forest of Pernambuco.

Keywords: History Teaching. Ethno-racial relations. Quilombo do Catucá. Comic strip.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	34
Figura 2.....	39
Figura 3.....	40
Figura 4.....	45
Figura 5.....	85
Figura 6.....	86
Figura 7.....	87
Figura 8.....	88
Figura 9.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
a. Porque escrever sobre os negros e negras e em especial sobre o quilombo do Catucá e os quilombolas?	10
b. A Elaboração e a Disposição do Texto e dos Contextos	12
1. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA.....	15
1.1 Discussão Historiográfica acerca do Conceito de Quilombo	15
1.2 O quilombo do Catucá: Um subproduto do caos político em Pernambuco.....	31
2. A LEI 10.639/2003 E SUA IMPORTÂNCIA PARA INSERÇÃO DO TEMA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E QUILOMBOLA NAS SALAS DE AULAS BRASILEIRAS	48
2.1 Os Movimentos Negros e a sua importância para a implementação da política de educação para as relações étnico-raciais e quilombola no Brasil	48
2.2. As Leis afirmativas e sua aplicabilidade nos ambientes escolares: por um ensino mais “colorido”	60
3. A INSERÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQS) NO AMBIENTE ESCOLAR COMO OBJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	73
3.1 O contexto das Histórias em Quadrinhos (HQs) na educação brasileira.....	73
3.2 A inserção das Histórias em quadrinhos nos ambientes escolares e a representatividade dos negros e negras nas HQs	81
3.3 O processo de elaboração da HQ sobre o Quilombo do Catucá: entre encontros e desencontros	93
3. 4 A Ilustração da HQ: entre encontros e desencontros	98
Considerações Finais	108
Referências Bibliográficas.....	110
Anexo – Roteiro HQ.....	119

INTRODUÇÃO

a. Porque escrever sobre os negros e negras e em especial sobre o quilombo do Catucá e os quilombolas?

A resposta a esta pergunta partiu da minha necessidade como professor do Ensino Fundamental em dois municípios pernambucanos: Ipojuca e Jaboatão, de estudar as temáticas relativas ao ensino das relações étnico -raciais, tendo em vista que ao longo da graduação feita já após a criação da Lei 10.639/2003 que obrigou o ensino dessa temática nas salas de aulas do ensino regular público e privados, havia apenas uma cadeira relativa a História da África e dos Africanos, e ter me deparado logo no primeiro emprego como professor em trabalhar em uma comunidade Remanescente de Quilombola no Município de Goiana chamada de Povoação de São Lourenço, onde cerca de 90% do público era formado por negros e negras.

Foi trabalhando nessa localidade que comecei a refletir um pouco mais sobre a situação da população negra desse país, diante dos descasos que percebia, onde muitas vezes faltavam água e merenda para os estudantes, e a infraestrutura da escola era muito precária, considerada uma das piores do município, aonde, para abarcar a grande quantidade de estudantes da comunidade se alugavam diversas casas na comunidade, muitas vezes sem a mínima condição, para alocar os estudantes, sobretudo, das séries iniciais. Tais constatações nos faziam pensar sobre a situação dos povos negros desse país, sobretudo dessas comunidades negras rurais, que na maioria das vezes eram deixadas na invisibilidade, vivendo só de promessas por parte do poder público, nos anos de eleições.

Outro fato vivenciado era a estigmatização da população da comunidade, onde muitas vezes eram mal vistos pelas comunidades vizinhas, e inclusive por parte dos professores e professoras da rede municipal de Goiana, que ao afirmarmos que, ensinávamos na Comunidade de São Lourenço, faziam uma cara de dó e compaixão, pois os estudantes de lá eram considerados uns dos piores município, indisciplinados e sem interesse pela escola. Entretanto o que constatamos na comunidade, era uma enorme falta de assistência tanto parte do poder público municipal, quanto dos que formavam a comunidade escolar, a maioria dos estudantes não tinha o básico que lhe era garantido por Lei como uma educação digna e o direito a no mínimo uma refeição na escola, pois por falta de água ou de merenda, o que era constante na época, muitas vezes os estudantes eram liberados mais cedo o que acabava influenciando no desempenho escolar.

Foi nessa comunidade que em 2011, em conversas com alguns moradores e estudantes, os quais não se reconheciam como remanescentes de quilombo e nem sabiam o que isto significava, pois não havia trabalho direcionado no sentido de criar a ideia de pertencimento, o ser quilombola para muitos era visto como algo ruim, pois o reconhecimento os estigmatizava como descendente de negros e negras escravizados/as, e isso aumentaria a carga de preconceito racial a eles imposta. Embora desde o ano de 2005 a comunidade fosse reconhecida como Remanescente de Quilombo, na escola só era feito algum trabalho direcionado em momento específicos, como o dia 20 de novembro, aonde a comunidade escolar se organizava para fazer apresentações direcionadas as comemorações do aniversário de morte de Zumbi.

A maioria da população dessa comunidade se reconhecia mais como pescadores, pois era do mar que boa parte da população tirava o seu sustento, e ainda dava o direito na velhice de aposentar e na entressafra, receber uma ajuda de custo do governo, pois, muitos pensavam mais nas questões da sobrevivência. O ser quilombola para muitos só aumentava a carga de preconceito para com eles. Diante dessas assertivas o papel da escola, na busca desse reconhecimento se tornava imprescindível, mostrando as leis, os direitos que eles teriam com o reconhecimento, fazendo-os ir em busca do que é da comunidade por direito.

Lotado como professor de História, nada sabia sobre a comunidade, pois, na secretaria de Educação só foi feito o encaminhamento e mandaram procurar a diretora da Escola Adélia Carneiro Pedrosa. Ao chegar nos deparamos com uma realidade chocante, a escola parecia mais uma casa velha e acabada, como muitas outras das periferias brasileiras, porém, fui muito bem recebido pela equipe da escola que falou um pouco sobre os estudantes, sobretudo, a questão da indisciplina, ao assumir as minhas turmas percebi que os estudantes não eram muito diferentes das outras escolas por onde havia passado como estagiário.

Como historiador, logo demonstrei curiosidade e passei a colher mais informações sobre a comunidade através da liderança quilombola que trabalhava na escola e outras pessoas que faziam parte da comunidade escolar, como os estudantes do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Foi quando ouvi falar pela primeira vez do quilombo do Catucá, onde a líder quilombola afirmava que os povos que ali viviam eram descendentes de Malunguinho, o líder de um quilombo do início do século XIX. Como professor de história não sabia da existência desse quilombo em Pernambuco, apenas o dos Palmares faziam parte do nosso cotidiano. O curioso era que poucos colegas que ensinavam nessa comunidade sabiam responder a meus questionamentos, o que se sabia era que no mês de novembro a escola e a comunidade se reuniam para comemorar o dia 20 de novembro. Como é possível os estudantes e própria

comunidade se reconhecerem como quilombolas, se não conhecerem a sua própria história, ou seja, a história dos seus antepassados, seja através do professor ou professora em sala de aula, ou através de sua família em casa?

Foi diante dessas constatações, que mesmo não ensinando mais nesse município e nesta escola, porém, como professor, decidimos pesquisar o Quilombo do Catucá, formado em Pernambuco no século XIX, e produzir um material acessível para estudantes e professores relacionados a este quilombo que situado na Mata Norte Pernambucana, é sinônimo de resistência e solidariedade contra os desmandos da elite escravocrata de Pernambuco, na tentativa de buscar a valorização desse grupo social que ao longo do tempo sofreu as maiores perversidades, que afetaram de maneira negativa o seu psicológico e a sua identidade até os dias atuais.

b. A Elaboração e a Disposição do Texto e dos Contextos

A história dos quilombos no Brasil foi e continua sendo objeto de estudos e discussões de variados intelectuais brasileiros e estrangeiros, dada sua importância na desconstrução de alguns mitos que foram criados ao longo dos séculos. Colaborar com os estudos da temática partiu das inquietações como professor do Ensino Fundamental II e da necessidade de ensinarmos a temática História e Cultura afro-brasileiras e africana no ambiente escolar, assegurado pela Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental ao ensino médio, e alterada pela Lei 11.645/08 que incluiu o ensino da História indígena, e da necessidade de produzir materiais para alunos e professores que dialoguem com esta Lei.

Levando em consideração que boa parte dos objetos de conhecimento, como livros didáticos, que muitas vezes são o único material que boa parte dos alunos das escolas públicas tem acesso ao longo de sua vida escolar, além de outros documentos oficiais que regem a educação brasileira, deixam implícitos que o ensino dessa temática contemple apenas momentos e temas pontuais, nessa linha de pensamento, Selva Guimarães afirma que em nossa sociedade existe uma história apresentada como modelo político, econômico, social e cultural considerada norma e outras histórias que são colocadas em patamares inferiores,¹ como é o caso da História da África e afro-brasileira que fica relegada a esta segunda opção nas salas de aula

¹ . GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática do ensino de História: experiência, reflexões e aprendizado.** Campina, SP: Papirus, 2012.

brasileiras, tendo em vista que o Currículo Brasileiro ainda insiste em manter uma visão eurocêntrica para o ensino de história, deixando as outras facetas da história relegadas à boa vontade dos professores e equipe pedagógica das escolas. Dessa forma, torna-se primordial a elaboração de materiais que possam convergir com essa lacuna, promovendo o ensino de uma maneira mais prazerosa, e oferecendo possibilidades para estudantes e professores anexarem novas temáticas ao ensino-aprendizagem, que sejam mais condizentes com a realidade de sua comunidade escolar.

Assim, no primeiro capítulo, discorreremos sobre a temática do quilombo, onde partiremos do pressuposto de que os estudos sobre os quilombos brasileiros podem ser agrupados no século XX, em três correntes principais: a culturalista, político-marxista, e a ressemantizada, com forte influência dos movimentos negros. Esta última corrente tem buscado superar o binômio fuga-resistência, muito enfatizada nos estudos propostos pelas correntes anteriores. Como aporte teórico utilizaremos Raimundo Nina Rodrigues, Flávio Gomes, Clóvis Moura, Décio de Freitas, Schwartz, Carvalho, Leite, Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, entre outros.

Também traremos à discussão, um quilombo do século XIX, o do Catucá, que surgiu em Pernambuco por volta de 1817, para mostrar a dinamicidade desses agrupamentos de negros e negras que fugiram das agruras de seus donos na tentativa de construir uma “sociedade alternativa”, dentro das matas da Zona da Mata Norte Pernambucana. A importância de dar visibilidade a este quilombo partiu da necessidade de produzir um material que possa chegar ao chão da escola, e possibilitar aos estudantes e professores, conhecer e trabalhar a partir de outras histórias, tendo em vista que, de forma geral, o único quilombo que figura nos livros e materiais didáticos é o dos Palmares, que sofreu o processo de continuidade ainda no século XVII. Tal fato, acabou deixando subtendido que após a destruição desse os escravizados haviam deixado de resistir coletivamente.

O quilombo do Catucá, nos mostrará que ao longo do século XIX, os escravizados continuavam a resistir, seja de forma individual, ou grupal, aproveitando as brechas que o sistema escravocrata proporcionava. Para discorrer sobre o Catucá, utilizaremos como principal aporte teórico, o Historiador e Professor Marcus de Carvalho, que em Pernambuco e no Brasil é a principal referência nos estudos desse quilombo.

No segundo capítulo iremos discorrer a partir da temática do quilombo, a importância de trabalhar conteúdos voltados à temática do Ensino de História afro-brasileira e africana na sala de aula do ensino regular, que se tornou obrigatório a partir da lei 10.639/2003, na tentativa

de dar maior visibilidade a esse grupo da população, que por cerca de cinco séculos ficou praticamente na invisibilidade, ou era visível a partir de um ponto de vista negativo, ou através do mito da democracia racial que alegava que no Brasil não havia racismo, mas uma sociedade harmônica, o que de certa forma acabava adormecendo esse grupo social na luta por seus direitos, pois não percebia o lugar ao qual estava sendo relegado dentro da sociedade, o de subserviência. Para isso iremos mostrar nesse capítulo a importância dos Movimentos Negros para a implementação das políticas de educação para as relações étnico-raciais e quilombola no Brasil, para isso foram de fundamental importância os estudos realizados por: Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales, Nilma Lino Gomes, entre outras personalidades negras.

Nesse capítulo também daremos ênfase à criação das leis afirmativas, quando discutiremos a importância dessas leis na promoção da igualdade racial, algo que ainda está longe de se conseguir, porém passaram a dar mais espaço à população negra em lugares que antes eram ocupados na grande maioria pela branquitude, como as universidades públicas, entre outros ambientes. Ainda ponderamos nesse capítulo sobre a importância da criação de uma modalidade de Ensino específica direcionada para as comunidades remanescentes de quilombola, como forma de valorizar a cultura e a diversidade dessas comunidades.

No terceiro capítulo discutiremos o processo de inserção das Histórias em Quadrinhos (HQs), nos ambientes escolares brasileiros como ferramenta de ensino/aprendizagem, a partir da criação de algumas leis que permitem a utilização da mesma, inclusive com a liberação para compra pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) de HQ para compor o PNBE (Programa Nacional Biblioteca nas Escolas) das escolas públicas, reconhecendo a importância do uso de outras linguagens que possam contribuir com o Ensino aprendido. Além disso discorreremos sobre a representação dos negros e negras nas histórias em quadrinhos para isso utilizaremos como aporte teórico para o capítulo: Nobu Chinen, Waldomiro Vergueiro, Marta Regina, Paulo Ramos, Ângela Rama, Túlio Vilela, entre outros. Como material propositivo produzimos um roteiro de história em quadrinhos sobre o quilombo do Catucá e encaminhamos para ilustração visando levar para o chão da escola um produto que possa contribuir com o ensino das relações étnico-raciais.

1. O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS QUILOMBOS NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA

1.1 Discussão Historiográfica acerca do Conceito de Quilombo

A escravização de africanos nas Américas, por mais de trezentos anos, consumiu cerca de 15 milhões de homens, mulheres e crianças que foram arrancados de suas terras e enviados para as variadas regiões do continente americano através do Atlântico². Este evento trágico marcou a formação de um mundo dito moderno, criando um empreendimento e implementando um sistema econômico mundial. Em que os seres humanos, trazidos do continente africano, foram objetivados e anexados com valores de acordo com o sexo, idade e capacidade de produzir. Para o Brasil, estima-se que foram trazidos cerca de 40% do quantitativo estimado para as Américas³.

Entretanto, onde houve escravização, houve resistência, seja individual ou coletiva, mesmo sabendo que tais rebeldias poderiam gerar a fúria de seus ditos donos. Os escravizados e escravizadas lutaram e resistiram contra sua objetivação, resistiram como sujeitos e usaram das mais variadas formas para mostrar sua indignação perante os desmandos dos donos do poder da sociedade na qual estavam inseridos. Insurreições, rebeliões, assassinatos de senhores, fugas individuais ou em grupos, morosidade na realização das tarefas, suicídios, abortamentos de crianças, entre outras. Os jornais, e outros documentos oficiais dos opressores, trazem diversos relatos de prisões e de procurados comprovando a tese da sujeitabilidade dos escravizados e a sua não objetivação.

Os escravizados escapavam em grupo, ou individualmente, formando comunidades e procurando se estabelecer com base econômica e estrutura social própria. Segundo Gomes,

nas Américas se desenvolveram pequenas, médias e grandes, improvisadas, solidificadas, temporárias ou permanentes comunidades de fugitivos que receberam diversos nomes, como *cumbes* na Venezuela ou *palenques* na Colômbia. Na Jamaica, no restante do Caribe inglês e no sul dos Estados Unidos foram denominados de *marrons*.⁴

Tal fato demonstra aquilo que frisamos: onde existiu escravização houve resistência e a formação de comunidades, algumas mais duradouras, outras nem tanto, mas que coloca em xeque as teses que demonstravam os escravizados como objetos e vivendo em harmonia com

². GOMES, Flávio dos Santos; REIS, João José. Uma História de liberdade. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

³. Ibid.

⁴. GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015. p. 09.

os seus senhores e senhoras. Porém, nem toda fuga gerava um quilombo, pois algumas fugas eram temporárias, por exemplo: para visitar um parente em outra localidade, para ir às vilas ou cidades ou, até mesmo, para demonstrar sua indignação e, conseqüentemente, angariar algumas conquistas de seus senhores. Alguns estudiosos classificam as fugas de escravizados/as nas Américas como “*grand marronage*, que seriam as comunidades de fugitivos estáveis e mais duradouras, e a *petit marronage*, de grupos pequenos formados de escapadas temporárias, daquelas que retornavam à condição de cativos”⁵. Há registro de *grand marronage* nas Américas desde os primórdios da utilização da mão de obra escravizada⁶.

No Brasil, as comunidades formadas por escravizados fugitivos ficaram primeiramente conhecidas como *mocambos* e depois *quilombos*. De acordo com Gomes (2015) “*eram termos da África Central usados para designar acampamentos improvisados, utilizados para guerras ou mesmo apressamento de escravizados*”⁷. Ainda segundo o autor,

no século XVII o termo quilombo também era associado aos guerreiros imbangalas (jagas) e seus rituais de iniciação. Já mocambo, ou mukambu, tanto em kimbundo, como em quicongo (línguas de várias partes da África Central), significa pau de feira, tipo de suportes com forquilhas utilizados para erguer choupanas ou acampamentos⁸.

Atualmente, analisando as literaturas sobre os quilombos, não encontramos relatos de como os fugitivos se autodenominavam. E sabemos muito menos ainda, o porquê de termos como “quilombo” se propagaram no território brasileiro. Uma das explicações é que a disseminação dessas terminologias está intrínseca à administração portuguesa. Dessa forma, “a palavra seria utilizada para caracterizar tanto as estratégias militares – acampamentos – na África pré-colonial, como aquelas da resistência à escravização na América portuguesa”⁹.

Gomes ressalta ainda que o termo “quilombo” só aparece na documentação colonial no final do século XVII, antes desse período a terminologia que aparece é mocambo¹⁰. Entretanto, o historiador Stuart Schwartz alerta para o fato de que ao longo do século XVII, na documentação colonial, as comunidades de fugitivos foram denominadas ao mesmo tempo de mocambos, principalmente na Bahia, e de quilombos em Minas Gerais; e em Pernambuco o termo quilombo apareceu somente a partir de 1681¹¹. “Assim, mocambos (estrutura para erguer casas) teriam se

⁵ . GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015. p. 10

⁶ Ibid.

⁷ Ibid. p. 10.

⁸ Ibid. p. 10

⁹ Ibid. p.11

¹⁰ Ibid.

¹¹ . SCHWARTZ, Stuart. **Mocambos, quilombos e Palmares**: a resistência escrava no Brasil Colonial. Estudos Econômicos. São Paulo: IPE-USP. V. 17, n. esp. 1987. P. 61-88.

transformado em quilombos (acampamentos)”¹². E seus membros no Brasil eram chamados de quilombolas, calhambolas ou mocambeiros¹³.

O primeiro agrupamento de africanos fugitivos – que se tem notícia no Brasil – surgiu na Bahia por volta de 1573 e foi destruído em 1575¹⁴. O que nos permite afirmar que desde os primeiros anos da chegada dos seres humanos como escravizados do continente africano (mesmo sem conhecer o território) escapavam buscando, de certa forma, a sua liberdade; alguns fugiam antes mesmo de serem negociados. Flávio Gomes em suas pesquisas identificou diferentes tipos de quilombos:

Havia aqueles que procuravam constituir comunidades independentes com atividades camponesas integradas à economia local, existia o quilombamento caracterizado pelo protesto reivindicatório dos escravos em relação aos seus senhores e havia os pequenos grupos de fugitivos que se dedicavam a razias e assaltos às fazendas e povoados próximos¹⁵.

Entretanto, isso não significa que cada um dos quilombos fosse constituído por uma dessas formas, na realidade existiam quilombos que eram formados e praticavam variadas formas de sobrevivência. Entretanto, os mais duradouros conseguiam se reproduzir ao longo do tempo e organizar uma economia mais estável, cultivando para sua subsistência e até produzindo excedentes que poderiam ser trocadas ou armazenadas. Já os caracterizados como protestos reivindicatórios, eram organizados por escravizados de uma mesma localidade, mantinha-se refugiado nas terras de seu próprio senhor, poderiam ficar por dias, semanas ou meses. Ainda havia aqueles que escapavam por alguns dias e depois retornavam para as fazendas¹⁶.

Nos seus primórdios, o conceito de Quilombo era um conceito jurídico-formal, possuía seu significado registrado e tinha como uma das principais características, a distância, sua localização em lugares isolados, despovoados e à quantidade mínima de escravizados. Como podemos perceber na resposta do Rei de Portugal à consulta do Conselho Ultramarino no ano de 1740 “... toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoadas, ainda que não tenha rancho levantado e nem se achem pilões nele”¹⁷. Entretanto, “um século antes já existia câmaras municipais que definiam quilombos como agrupamentos com “dois ou mais

¹². Ibid. p. 86.

¹³. GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

¹⁴. MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 335-339.

¹⁵. GOMES, Flávio dos Santos. **A hydra e os pântanos**: quilombos e mocambos no Brasil. 1997. 773 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. P. 34.

¹⁶. Ibid.

¹⁷. MOURA, Clóvis. **Os quilombos e as rebeliões negras**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 16

fugitivos”, que tivessem “ranchos e pilões”, ou seja, com uma estrutura mais fixa”¹⁸. O que divergiam nessas documentações, geralmente eram a quantidade mínima de escravizados fugitivos, para enquadrar como quilombo, no geral a estrutura econômica permanecia a mesma.

Essa definição de quilombo oficial irá permear as documentações por quase todo o período escravagista brasileiro e se baseavam nos seguintes elementos, segundo Almeida: fuga; quantidade mínima de fugitivos (no caso 5); isolamento geográfico; moradia habitual, capacidade de reprodução e de autoconsumo na figura do pilão¹⁹. Percebe-se que a busca por um documento que definisse o quilombo, já demonstrava a preocupação do governo colonial frente à metrópole, em criar leis, tendo em vista que a fuga de escravizados/as era uma ameaça efetiva à escravização. E estes passariam a representar uma ameaça simbólica importante, aumentando o pesadelo de senhores e funcionários coloniais.

Estudos recentes vêm demonstrando que é inadequado limitar o conceito de quilombo a essa definição oficial, tendo em vista que ela não consegue abarcar a complexidade da realidade social da época. Alguns autores, como Marcos Aurélio Luz, enfatizam que os primeiros quilombos se localizaram justamente nas proximidades dos engenhos, uma vez que os escravizados não conheciam os territórios, o que facilitava a repressão e a destruição e consequentemente a punição dos fugitivos²⁰. Mesmo no século XIX, há documentações que comprovam a existência de quilombos que se formaram nas proximidades das maiores cidades coloniais. Como é o caso do quilombo do Catucá que se formou nas matas próximas ao subúrbio do Recife e Olinda, se espalhando por toda a Zona da Mata Norte Pernambucana (uma das regiões mais desenvolvidas da capitania)²¹. Entretanto o que levava os escravizados a fugirem?

Segundo Sharyse Amaral, algumas motivações que levavam os escravizados a fugirem eram: reivindicção no tratamento dado pelo senhor; tentativa de devolução para o antigo dono; busca por um comprador; cumprimento de obrigações religiosas; visita a parente; trabalho para compra da alforria; busca por diversão, entre outros. Entretanto, ela alega que nem todos os fugitivos se desligavam totalmente do seu senhor, muito menos todas as fugas

¹⁸. GOMES, Flávio dos Santos. Quilombos/remanescentes de quilombo. In: GOMES, Flávio dos Santos; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 368.

¹⁹. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 43-81.

²⁰. LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2000.

²¹. CARVALHO, Marcus Joaquim M de. O quilombo de Maluguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

resultavam na formação de quilombos²², o que converge com os estudos realizados por Gomes (2015), Reis (1995/1996) e Carvalho (1991).

Segundo Reis, muitos quilombos eram formados a partir de fugas coletivas, porém existiam aqueles que surgiram a partir de fugas individuais, que iam se unindo aos poucos com outros fugitivos e formando comunidades²³. Diferentemente do que muitos pensavam, a população do quilombo era formada não apenas por negros, negras e seus descendentes, mas também por indígenas, fugitivos do serviço militar, brancos pobres, entre outros marginalizados; porém, a grande maioria era de negros e negras²⁴. O que demonstra a diversificação desse espaço de sobrevivência.

As fugas temporárias eram bem mais comuns, sobretudo, em período de alta no preço dos escravizados (isso demonstra o quanto os escravizados/as estavam a par do que acontecia nos arredores das senzalas), diante dessas situações, podiam usar de barganhas para angariar algumas reivindicações. Entretanto, os escravizados que fugiam de forma temporária corriam o risco de, ao retornar, receber punições – muitas vezes – severas, como: açoites, marcação com ferro em brasa, enforcamento, corte de membros, degola e exposição da cabeça em praça pública. Mesmo tendo conhecimento do risco de serem punidos, muitos escravizados arriscavam-se a sair sem autorização e voltar²⁵.

Nos estudos realizados por intelectuais brasileiros e estrangeiros sobre a resistência através da organização de quilombo no Brasil, conforme já salientamos, há prevalência de três abordagens,

as que tratam o quilombo como refúgio de escravos fugitivos no passado colonial; às que tratam como comunidade caracterizada, no passado e presente, por um modo de produção material e simbólica relativamente autônomo e a dos movimentos sociais negros, que transformaram o negro de objeto de ciência em sujeito de conhecimento, ampliando dessa forma o conceito²⁶.

Desde o final do século XIX, com ênfase maior no século XX, o quilombo passou a ser objeto de estudo de intelectuais dos variados campos do conhecimento. Aonde até os anos de 1950, há prevalência de uma visão culturalista nos estudos sobre o quilombo, em que este

²². AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2010.

²³. REIS, João José. **Quilombo e revoltas escravas no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n. 28, dez. 1995 fev. 1996 p. 14-39

²⁴. REIS, João José. **Quilombo e revoltas escravas no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n. 28, dez. 1995 fev. 1996, p. 14-39.

²⁵. AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2010.

²⁶. BARROS, Zelinda dos Santos. **Processo de emergência histórica dos quilombos**. Cachoeira: UFRB. Coletivo Ângela Davis, 2016. p. 29.

espaço era pensado como resistência cultural e que os escravizados teriam fugido para resistir culturalmente ao processo de aculturação, apenas nesse local era possível preservar suas identidades étnicas²⁷.

Nessa perspectiva, os africanos e afro-brasileiros eram vistos de forma romantizada e homogênea. Nesse período, os estudos sobre o quilombo no Brasil, teria pelo menos vivido dois momentos distintos. O primeiro inicia na virada para o Século XX, quando os estudos sobre os africanos e afro-brasileiros são desenvolvidos por “*homens de sciencia*”, ou seja, autodidatas de formação “*bacharelesca*” da medicina e do direito, que interpretariam a teoria do racismo científico, procurando explicar a realidade do negro e do mestiço brasileiro²⁸.

O segundo momento, ocorreu a partir de 1930, período em que as universidades no Brasil estão se consolidando e os primeiros especialistas na área das humanidades começam a surgir, dando um maior rigor científico às produções (vale salientar que as metodologias e teorias foram aprimoradas). A chegada das teorias baseadas na antropologia cultural norte-americana, trazendo diversas mudanças epistemológicas para os estudos sobre os negros/as brasileiros/as²⁹.

Segundo a antropóloga Zelinda Barros, nesse momento os estudos sobre o quilombo terão como principal ênfase a questão da resistência cultural,

A principal característica deste tipo de abordagem é a ênfase ao quilombo como resistência cultural, como recriação ou continuidade africana em solo brasileiro. Os quilombos são representados como o oposto de senzala, uma vez que recria a África no Brasil, enquanto que as senzalas representariam o sistema de aculturação imposto pelo regime escravista³⁰.

Esta visão ganhou força no Brasil até a primeira metade do século XX, onde pensou-se os quilombos, sobretudo, como resistência cultural. Os escravizados/as teriam fugido e se organizado para resistir culturalmente perante a sociedade, seria nos quilombos que os africanos/as e seus descendentes poderiam preservar suas identidades étnicas. Onde a África era vista de forma romantizada, homogênea ou “essencializada”. Assim, os quilombos eram

²⁷. GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015. p. 73.

²⁸. BARROS, Zelinda dos Santos. **Processo de emergência histórica dos quilombos**. Cachoeira: UFRB. Coletivo Ângela Davis, 2016.

²⁹. SOUZA, Thyago Ruzemberg de. De Nina Rodrigues a Arthur Ramos: a reinvenção de Palmares nos “estudos do negro”. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UF MG. v. 5, n. 2, maio/ago-2013.

³⁰. BARROS, Zelinda dos Santos. **Processo de emergência histórica dos quilombos**. Cachoeira: UFRB. Coletivo Ângela Davis, 2016. P. 29.

representados como o oposto das senzalas, uma vez que recriavam a África no Brasil, enquanto a senzala representa o sistema de aculturação imposto pelo regime escravista³¹.

O médico e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), influenciado pelas teorias eugenistas da época, defende uma visão de quilombo e, conseqüentemente do negro, um tanto quanto preconceituosa. Palmares foi considerado por ele “a maior das ameaças à civilização do futuro povo brasileiro” e frisa que “... em liberdade os negros de Palmares se organizaram em um estado equivalente aos que atualmente se encontram por toda a África ainda inculta”³². Segundo ele, a “tendência geral dos Negros é se constituírem em pequenos grupos, tribos ou estados em que uma parcela variável de autoridade e poder cabe a cada chefe ou potentado”³³. É uma visão de quilombo como um projeto Restauracionista, em que os fugitivos desejavam restaurar a África arcaica neste lado do Atlântico. Buscava-se dessa forma, nos quilombos, os resquícios de uma África romantizada, entretanto que não era exemplo de sociedade a ser seguido, o modelo ideal era o europeu.

Nina Rodrigues reconhecia a herança cultural africana dos povos brasileiros, porém defendia que ao longo do tempo, no contato com outras culturas, ela seria suplantada pela de origem europeia, uma cultura que segundo ele era superior. O quilombo dessa forma, era visto como espaço de uma raça inferior, pois, diferentes das sociedades “desenvolvidas” que tinham governantes, os negros teriam chefes. É visível no pensamento de Nina Rodrigues a inferiorização dos povos africanos e afro-brasileiros e a valorização da cultura europeia, o que contribuirá com desvalorização da população negra compactuando com o racismo e preconceito que, até os dias de hoje, é muito vigente em nossa sociedade.

O antropólogo Artur Ramos (1903-1949) em seu livro *As culturas negras no Novo Mundo* (1937), diferente de Nina Rodrigues, influenciado pelas teorias da democracia racial no Brasil, não vê como algo negativo a mistura racial, porém acreditava que a cultura mais desenvolvida suplantaria a menos. Para ele, o quilombo dos Palmares foi uma reação à aculturação imposta aos escravizados. Notadamente, recebeu influência da teoria da aculturação³⁴ do antropólogo estadunidense Melville J. Herskovits, citando os três resultados da aculturação observados por esse antropólogo na sociedade norte-americana:

³¹ . BARROS, Zelinda dos Santos. **Processo de emergência histórica dos quilombos**. Cachoeira: UFRB. Coletivo Ângela Davis, 2016.

³². RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. 8. ed. Brasília: ed. UnB, 2004. p.95

³³. RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. 8. ed. Brasília: ed. UnB, 2004. p.84.

³⁴. Essa teoria criada pelo antropólogo norte-americano Melville Jean Herskovits (1895-1963). Onde a aculturação diz respeito ao processo em que duas culturas se encontram e, como resultado, uma ou ambas passam a se transformar ou ser modificada. Dessa forma, quando ocorre uma aculturação, uma cultura absorve externamente os elementos culturais de um outro grupo, encaixando-os e acomodando-os em seus próprios padrões. Em dias

A **aceitação**, “quando a nova cultura é aceita, com perda ou esquecimento da herança cultural mais velha”, a **adaptação**, quando “ambas as culturas, a original e a estranha, combinam-se intimamente, num mosaico cultural, num todo harmônico”, e a **reação**, “quando surgem movimento contra aculturativos, ou por causa da opressão, ou devido aos resultados desconhecidos da aceitação dos traços culturais estranhos”³⁵

Na visão de Ramos, os quilombos foram reação à aculturação, os escravizados fugiam para manter a sua herança cultural. Segundo o pensamento vigente na época, os negros em convivência com os brancos – pelo fato de a cultura africana ser considerada “inferior” – acabava sendo suplantada pela cultura do branco. Vale salientar que o conceito de aculturação era definido por Ramos como o “fato de duas ou mais culturas se porem em contato, tendendo a mais adiantada a suplantam a mais atrasada”³⁶. É a partir dessa hierarquia que também era explicada a substituição da mão de obra indígena pela africana, pois, segundo o pesquisador, “o Negro se adaptou maravilhosamente ao trabalho agrícola, consequência de seu estágio de cultura, superior ao do índio”³⁷. Ou seja, para Ramos, o negro era mais capaz que o índio na escala de desenvolvimento, já que era mais habituado ao trabalho na agricultura, porém inferior ao branco europeu. Assim, os negros aquilombados resistiam ao processo de aculturação, como forma de proteger a sua cultura, o Quilombo dos Palmares, dessa forma, “passou à história brasileira como uma grande tentativa negra de organização de Estado”³⁸.

Uma diferença entre Nina Rodrigues e Arthur Ramos no que concerne ao quilombo dos Palmares é que, para o primeiro, Palmares era a reconstituição de um Estado africano no Brasil, já para o segundo era uma reação cultural de povos africanos ou descendentes, as imposições culturais europeias através da escravização. Para se diferenciar de seu antecessor, Ramos chama Palmares de Estado Negro, não era um Estado africano, estrangeiro, era um Estado do Negro Brasileiro, no qual havia a predominância da cultura africana. Possivelmente essa brasilidade dada ao quilombo está relacionada à tentativa de construção de uma identidade nacional da população brasileira, que esteve bem presente a partir da década de 1930, pois valorizava as três raças “harmoniosas”, através da teoria da “Democracia Racial”³⁹.

atuais, o conceito de aculturação não é mais tão aceito pela maioria dos estudiosos, tendo em vista que esse processo tende a mascarar as relações de poder envolvidas entre as culturas. OKA, Mateus. *Aculturação. Todo Estudo*. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/aculturacao>. Acesso em: 07 jan. 2022.

³⁵. RAMOS, Artur. Os estudos negros e a escola de Nina Rodrigues. In CARNEIRO, Edson. **Antologia do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p.245. Apud Zelinda Barros (2016) p.30-31.

³⁶. RAMOS, Arthur. **Aculturação Negra no Brasil**. p. 75.

³⁷. Id. **O Negro na civilização brasileira**. p. 47.

³⁸. Ibid. p. 48.

³⁹. SOUZA, Thyago Ruzemberg de. **De Nina Rodrigues a Arthur Ramos: a reinvenção de Palmares nos “estudos do negro”**. *Temporalidades –Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UF MG*. v. 5, n. 2, maio/ago-2013.

Dessa forma, tanto Nina Rodrigues como Arthur Ramos ajudaram na disseminação de alguns estereótipos em relação ao quilombo e aos negros e negras brasileiras que até os dias de hoje permeiam o seio da sociedade brasileira. Aos escreverem sobre os negros e negras aquilombados, os trataram apenas como objetivo de pesquisa e não como sujeitos produtores de histórias. Nina Rodrigues, por exemplo, não levou em consideração que, antes mesmo da saída da África, os negros e negras já iniciavam o seu processo de ressignificação cultural, onde eram batizados por padres católicos, e, lhes era imposto um nome ocidental. Os homens e mulheres negras embarcados para o continente americano nos navios negreiros eram das variadas partes do continente Africano, onde, devido ao seu extenso tamanho, as línguas, os costumes e a forma de ver o mundo era diversificada. Mesmo desde antes de embarcarem, já sofriam com a tentativa do apagamento de suas identidades.

Tais pensamentos acabaram reproduzindo uma concepção de quilombo enquanto comunidades isoladas e isolacionistas, que pretendia recriar a África nas Américas, ou uma sociedade alternativa brasileira com predominância africana à sociedade escravocrata, onde todos seriam livres e possivelmente iguais, tal como teria sido na África consideravelmente romantizada⁴⁰. Chegando a tais conclusões, sem levar em consideração a diversidade de grupos humanos que habitavam estes espaços de resistência e de sobrevivência.

Ao longo do século XX, uma variada gama de mitos (no que se refere ao quilombo, em especial ao dos Palmares) foram criados e, muitos desses, ainda insistem em permanecer na literatura escolar dos estudantes brasileiros. O quilombo como algo preso ao passado e isolado, formado por negros e negras, que tentava criar uma sociedade alternativa ao modo *vivendi* africano, como se África fosse um país e não um Continente diversificado, e que algumas regiões de onde vieram diversos escravizados, há época da chegada dos Europeus, eram bem mais desenvolvidas que muitas cidades europeias.

Na década de 1950 e 1970, uma visão materialista do quilombo (visão de um mundo dividido entre pobres e ricos) ganha espaço no campo historiográfico e das ciências sociais, sobretudo, para criticar a tese de benevolência da população negra defendida por Gilberto Freyre e seus seguidores. A principal característica da visão materialista é a resistência dos grupos menos favorecidos contra a classe opressora. Clóvis Moura, Dércio Freitas, entre outros, dialogam nessa direção. Onde o quilombo passará da visão de uma resistência voltada para a

⁴⁰. GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

manutenção da cultura africana, de forma romantizada, para a questão da dominação de classe e da resistência contra o sistema escravagista imposto pelo grupo dominante.

Para Clóvis Moura, em seu livro *Os quilombos e a rebelião negra*, Palmares é descrito como “a maior resistência – social, militar, econômica e cultural – ao sistema escravista”⁴¹. Aonde os escravizados teriam se rebelado contra o sistema. E faz crítica à visão culturalista do quilombo, pois, para ele “O quilombo constituiu uma criação dos escravos em resposta às condições peculiares do escravismo brasileiro; não foi a transplantação de formações sociais africanas”⁴². Entende o quilombo a partir da luta de classes, em uma sociedade dividida pelo antagonismo social e político entre os donos dos meios de produção e os trabalhadores, entre os senhores e escravizados⁴³.

É interessante frisar que Moura não foi o primeiro teórico a fazer associação entre o quilombo e a luta de classe, tendo em vista que Astrogildo Pereira – líder comunista – já havia feito essa associação em 1929⁴⁴. Porém, para Moura, o quilombo era a unidade básica de resistência dos escravizados, e existiu enquanto durou a escravização, também foi crítico, por exemplo, à posição de alguns abolicionistas como Joaquim Nabuco alegando que,

“como da maioria dos abolicionistas moderados, a de ver o problema como uma simples substituição de mão-de-obra”. [...] o negro devia ser excluído, como agente histórico, pelos próprios abolicionistas. Esta atitude tem continuidade nos nossos dias atuais, com o discurso liberal, que não aceita as lutas dos escravos como um fato político, mas como simples manifestação de homens que, “até hoje mantidos a níveis de animais”, jamais poderiam participar do processo de mudança social no qual eram os principais interessados”⁴⁵.

Embora, a visão de quilombo de Clóvis Moura esteja presa a um passado, podemos observar que ele possuía uma preocupação com a população negra do pós-abolição, fazendo crítica aos grupos dominantes, alegando que os negros – após sua emancipação – tinham ficado à mercê na sociedade; os governantes e os senhores nada fizeram para inserir esse grupo social na sociedade brasileira. Onde alega que:

[...] após o 13 de maio e o sistema de marginalização social se seguiu, colocaram-no como igual perante a lei, como se, no seu cotidiano da sociedade competitiva (capitalismo dependente) que se criou, esse princípio ou norma não passasse de um mito protetor para esconder as desigualdades sociais, econômicas e étnicas. O negro foi obrigado a disputar sua sobrevivência biológica em uma

⁴¹. MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. p. 48.

⁴². MOURA, Clóvis. Quilombo. In. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 335-339.

⁴³. Id. **Rebeliões da Senzala**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988a.

⁴⁴ KOINONIA. Um pouco de história: o Quilombismo. **Boletim Territórios Negros**, v.1, n. 2, mar. 2001. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/oq/artigosdetalhes.asp?cod=12574>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁴⁵. MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. p.80

sociedade secularmente racista, na qual as técnicas de seleção profissional, cultural, política e étnica são feitas para que ele permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas, exploradas e subalternizadas.⁴⁶

Esse discurso, trazido por Moura, será muito difundido pelos movimentos organizados por negros e negras intelectuais do país e muito utilizado atualmente. Em seus textos, aponta ainda as complexas relações dos quilombolas com os escravizados e demais seguimentos da sociedade, convergindo para o que, presentemente, tornou-se quase consenso pelos estudiosos dos quilombos. Porém, segundo Gomes, desconsiderou outras possibilidades de organização de quilombos que não segue o modelo de Palmares⁴⁷.

Décio de Freitas (1922-2004), foi outro estudioso do tema que converge com a visão materialista do quilombo. Em suas obras, aborda os quilombos como instrumento de luta dos escravizados e que não conseguiram destruir o sistema escravista devido, sobretudo, à sua condição geográfica, econômica e social marginal. Em seus estudos, tomando como base a questão econômica, Freitas irá produzir uma tipologia dos quilombos, a saber: quilombos agrícolas, mineradores, extrativistas, mercantis, pastoris, predatórios e de serviços⁴⁸, para melhor entender como funcionava esses variados espaços de sobrevivência.

Para Décio, as formas de divisão de trabalho que foram observadas nos quilombos por seus estudos, não podem ser comparadas à divisão do trabalho capitalista, tendo em vista que não havia a apropriação dos excedentes por um grupo detentor dos meios de produção. Havia, no caso, uma divisão técnica, seguindo a qualificação dos moradores. E o excedente era comunal. Assim como Clóvis Moura discordava da existência dos quilombos como uma reprodução das estruturas econômicas e sociais africanas. Para ele, o quilombo no Brasil “foi uma criação dos escravos, em resposta às condições específicas do sistema escravista brasileiro”⁴⁹.

O que se percebe é que – nessas duas visões – tanto a culturalista quanto a materialista, o quilombo era visto de forma marginalizada, ou em uma visão folclórica, ou como se fossem espaços isolados, em um momento como resistência cultural e, em outro momento, de luta contra a escravização⁵⁰. Porém, essa historiografia de esquerda ajudou a desmistificar variados

⁴⁶. MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: fundação Mauricio Grambois; Anita Garibaldi, 2014. p. 219

⁴⁷. Gomes, Flávio dos Santos. **Histórias De Quilombolas: Mocambos E Comunidades De Senzalas No Rio De Janeiro - Século XIX**. Arquivo Nacional, 1995.

⁴⁸. FREITAS, Décio. **O escravismo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982 p. 45.

⁴⁹. Ibid.

⁵⁰. GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

aspectos, sobretudo, de Palmares; no entanto, criou outros tantos mitos. Dércio de Freitas em seus estudos, por exemplo, descobriu assembleias em Palmares. E uma outra versão muito difundida por ele, era a de uma sociedade igualitária e distributiva, algo que os estudos *a posteriori* não confirmaram. Chegou a esta conclusão, por haver um celeiro coletivo onde era armazenada a produção excedente. Entretanto, segundo João José Reis, esse “mecanismo de armazenar o excedente é típico de várias formações sociais complexas, é evidente que havia uma elite privilegiada constituída em torno dos líderes⁵¹.”

Para a historiografia atual, os quilombolas deixam de ser fugitivos de um sistema escravista para tornarem-se combatentes de um outro tipo de liberdade. Surgem assim, seres humanos com histórias de vida próprias e memórias de lutas coletivas. Dessa forma, os escravizados e quilombolas eram indivíduos com personalidade, vontades, desejos e com problemas pessoais. Mas, também, faziam-se classe em diferentes contextos – especialmente – quando imbuídos de um espírito de luta herdado e partilhado por experiências vindas de um presente ou de um passado em comum; visão esta que é defendida por João José Reis, Flávio Gomes, Marcus Carvalho. Nos dias de hoje, os quilombolas são vistos dentro de relações que são sociais, étnicas e culturais.

Sendo assim, os quilombos passam a ser vistos dentro de uma complexa rede de cooperação muito bem articulada entre os quilombos, as senzalas, a casa grande, os libertos e os pequenos comerciantes da localidade. Essa cadeia de articulação protegia os refugiados, tendo em vista que muitas vezes eram informados das expedições que se dirigiam para reprimir os seus espaços. Gomes faz a seguinte pergunta: Qual era a base econômica do quilombo? E responde,

o melhor seria falar em múltiplas estruturas socioeconômicas, pois fatores geográficos, demográficos e culturais interferiam na montagem dela. O mais importante – em qualquer período ou local – foi o não isolamento. Houve quem dissesse que os mocambos/quilombos se isolaram do restante da sociedade e que foi o isolamento - via de proteção – foi fundamental para sua reprodução [...] No Brasil – ao contrário de outras áreas escravistas nas Américas -, as comunidades de fugitivos se proliferaram como em nenhum outro lugar, exatamente por sua capacidade de articulação com as lógicas econômicas das regiões onde se estabeleceram⁵².

Assim, o quilombo não era algo isolado, visão que ainda é muito difundida atualmente, inclusive, nos espaços de saberes como as escolas. No entanto, a sua sobrevivência só foi possível graças a solidariedade e ao seu poder de articulação com os mais variados setores da

⁵¹. REIS, João José. Quilombo e revoltas escravas no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, dez. 1995 fev. 1996 p. 14-39 p. 17.

⁵². GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015. p. 19-20.

estrutura econômica do período escravagista, inclusive com os escravizados das senzalas, estreitando os laços e se organizando em busca de sua sobrevivência. Um exemplo desta relação complexa – que eram os quilombos, sobretudo, no século XIX – João José Reis observou, em seus estudos, a relação entre quilombolas e coiteiros, onde não só os agricultores da região⁵³ empregavam negros fugitivos, como também os próprios negros fugados (quilombolas) já anexados à terra, empregavam esses fugitivos no trabalho da roça⁵⁴, o que demonstra o quão complexa era a relação dentro dos quilombos.

Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, em seus estudos sobre o quilombo do Catucá⁵⁵, encontra nas documentações relatos que também colocam em xeque as discussões de quilombo como algo estático. Ele observa que estes só sobreviveram nessa região por quase trinta anos, graças ao apoio de outros setores da sociedade que os acoitavam, assim como informavam sobre o movimento das tropas repressivas⁵⁶.

Esses laços de solidariedade se mantiveram, inclusive, nos pós-abolição. Segundo Ana Maria Reis, “como essa realidade se perpetuou e se agravou, independente das pressões inglesas e da assinatura da lei que libertava a população negra, aquilombar-se foi uma ação história legítima também no contexto da pós-emancipação”.⁵⁷ Os negros e negras continuaram após a “alforria” a se organizarem das mais diferentes formas para poder sobreviver (seja através dos laços de solidariedade, seja através de suas articulações), diante de uma sociedade elitista e branca que continuou a impor à população negra as maiores atrocidades. Dentro desse contexto de pós-abolição, o movimento negro foi de fundamental importância no debate sobre o lugar ocupado pelos negros e negras na sociedade, onde o conceito de quilombo passa a ser ressignificado.

Dentro dessa perspectiva de defesa e de promover a visibilidade ao negro e à negra do país, no ano de 1948, foi criado o jornal “*Quilombo*”, por Abdias Nascimento, onde o conceito de quilombo que antes era associado à resistência negra e ao passado escravista passa a ser ressignificado, tornando-se um modelo para a formação de uma identidade histórica e política para os negros e as negras do Brasil. Na visão de Beatriz Nascimento,

⁵³ Quilombo localizado em Barra do Rio das Contas, sul da Bahia, nas imediações de centros urbanos da região.

⁵⁴ REIS, João José. Escravos e coiteiros no quilombo do Oitizeiro. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

⁵⁵ Localizado nas proximidades das áreas urbanas pernambucanas e em uma região produtora de açúcar.

⁵⁶ CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malaguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

⁵⁷ FARIAS, Ana Maria Reis de. Quilombos & quilombolas, hoje: sobre a reconstrução de conceitos para o ensino da história. In: ABREUS, Marta e PEREIRA, Matheus Serva (org.). **Caminhos da liberdade**: História da abolição e do pós-abolição no Brasil. Niterói: PPG História- UFF, 2011. p. 497

“o quilombo passou a ser sinônimo de povo negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude a associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra”⁵⁸.

Assim, Beatriz Nascimento traz a ideia de quilombo, não como algo estático, preso a um passado de resistência, ou como forma de resguardar uma cultura tipicamente africana, mas como princípio ideológico, como base da identidade cultural negra e como reação ao colonialismo cultural. Dessa forma, o quilombo passa a ser visto como “Um local onde a liberdade era praticada, onde os laços étnicos e ancestrais eram revigorados”⁵⁹. Dentro dessa perspectiva, a autora propõe a ampliação do conceito de quilombo, partindo da hipótese de continuidade histórica, do passado histórico para as comunidades negras rurais e urbanas dos dias atuais,

Continuidade histórica é um termo ainda mais abstrato do que “sobrevivência” ou “resistência cultural” dos antropólogos. A continuidade seria a vida do homem – e dos homens – continuando aparentemente sem clivagem, embora achatada pelos vários processos e formas de dominação, subordinação, dominância e subserviência. Processo que aconteceu, ao longo desses anos, com aqueles que, em nossas abstrações, se englobam na categoria de negros⁶⁰.

Beatriz, ainda enfatiza que “oficialmente” o quilombo termina com a abolição. Porém, continua enquanto recurso de resistência e sobrevivência, enfrentando a sociedade oficial que se instaura, não mais com aquele nome, nem sofrendo o mesmo tipo de repressão; contudo, outras formas aparecem para calar a população negra. Onde o negro e os oprimidos permanecem, por exemplo, nas favelas e áreas das periferias das cidades, não só em decorrência da marginalização do trabalho, mas, além disso, pela marginalização racial. Dessa forma podemos dizer que “o quilombo, embora transformado, perdura”⁶¹.

Para essa pesquisadora e mulher negra, o quilombo exerceu um papel importantíssimo na consciência histórica dos negros e negras do país. O quilombo representa um instrumento importante no processo de reconhecimento de uma identidade negra brasileira. Tendo em vista que – até os anos 1970 – embora tentassem, os negros e negras do país não podiam expressar-

⁵⁸. NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 152- 167. p. 166.

⁵⁹. Id., O quilombo do Jabaquara. **Revista de Cultura Vozes**. V.73, n. 03, p. 17.

⁶⁰. Id., Quilombo e memória comunitária: Um estudo de caso. In: RATTIS, Alex. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 138- 151. p. 139.

⁶¹. NASCIMENTO, Beatriz. Quilombos: Mudança social o conservadorismo. In: RATTIS, Alex. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 152- 167. P. 166.

se com sua voz na luta pelo reconhecimento de sua participação social, porque não lhe era dado um lugar de fala.

Dentro dessa perspectiva, Abdias Nascimento – em seu livro *Quilombismo*, publicado em 1980 – define quilombo como resistência física e cultural dos negros e negras, não apenas restrita às comunidades situadas em locais de difícil acesso, durante a escravidão, mas uma resistência que pode ser verificada, tanto no passado como no presente, nas irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escola de samba, gafieiras etc.⁶². Assim como Beatriz Nascimento, Abdias nos faz refletir sobre o projeto de sociedade diferente da que temos, enfatizando que:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. (...) Cumpre aos negros atuais manter e ampliar a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio e de afirmação da sua verdade. O quilombismo expressa a ciência do sangue escravo, do suor que este derramou enquanto pés e mãos edificadores da economia desse país. Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das suas inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha no *front* da criação teórico-científica. Há de ser uma teoria científica inextricavelmente fundida à nossa prática histórica que efetivamente contribua à salvação da comunidade negra, a qual vem sendo inexoravelmente exterminada, seja pela fome, seja pela miscigenação compulsória, seja pela assimilação do negro aos padrões e ideais ilusórios do lucro ocidental. (...) Assegurar a condição humana do povo afro-brasileiro, há tantos séculos tratado e definido de forma humilhante e opressiva, é o fundamento ético do quilombismo⁶³.

Entender a história da população negra (através de sua própria narrativa) respeitando o seu “lugar de fala” é de fundamental importância. E isso só está sendo possível, na atualidade, graças aos movimentos organizados pelos negros e negras.

Sobretudo, a partir dos movimentos reivindicatórios, no decorrer da segunda metade do século passado, onde vários grupos organizados dentro da sociedade brasileira, formados por negros e negras, com destaque para o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Movimento das Mulheres Negras (MMN) criado na década de 1970, em plena ditadura militar, junto a outros movimentos, passam a reivindicar por melhores condições de vida e o direito ao reconhecimento de sua importância no desenvolvimento da sociedade brasileira, buscando dar visibilidade aos negros e negras que até o momento estavam quase totalmente excluídos dos mais variados setores da sociedade brasileira.

⁶². BARROS, Zelinda dos Santos. **Processo de emergência histórica dos quilombos**. Cachoeira: UFRB. Coletivo Ângela Davis, 2016. p. 39.

⁶³. NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de militância pan-africana**. 3. ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeatro, 2019. p. 289, 290, 291.

Tais movimentos passaram a mostrar os negros e negras como sujeitos da história e não como objetos de estudos dos brancos. Suas reivindicações passaram a ser ouvidas, embora de forma acanhada, nas universidades e outros espaços de saber. Os negros e negras intelectuais passaram a fazer contraponto aos “necrólogos” ou “peritos institucionais em matéria da vida dos negros e negras”, na maioria das vezes brancos⁶⁴. Os “negros e negras intelectuais”, por possuir ascendências negras, carregam em si o antirracismo, às suas visões de mundo e direcionam as suas trajetórias acadêmicas segundo a “ética da convicção antirracista”. Por isso, a importância da presença do negro e negra nos variados espaços de poder, para que possa falar por si. A construção de uma sociedade mais justa e compreensiva só será construída quando a comunidade branca mudar o seu posicionamento, além de entender que os brancos sempre estiveram em um lugar de privilégio, mesmo aqueles das classes menos favorecidas, pois, pessoas brancas, dificilmente irão sentir na pele o peso do racismo, como acontece com os negros.

Foi dentro do contexto de ressignificação e de reivindicações dos movimentos negros e de parte da sociedade, que foram incluídos na Constituição de 1988 alguns de seus ensejos, pelo reconhecimento de sua importância no desenvolvimento da sociedade brasileira. O art. 68º dos ADCT (Atos das Disposições Constitucionais Transitórias) promulgava que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir os títulos respectivos”⁶⁵, garantindo dessa forma o direito de posse das terras herdadas dos seus antepassados. E no artigo 216 § 5º da Constituição, instituiu o tombamento de “documentos” e “sítios detentores de reminiscências de antigos quilombos”. O que determinava que os “remanescentes de quilombos” fossem reconhecidos como patrimônio cultural da nação.

Graças a esses artigos, diversas comunidades rurais e urbanas no Brasil foram reconhecidas como sendo remanescentes de quilombos e ganharam o direito de posse das terras onde residiam. No entanto, muitas ainda nos dias de hoje continuam na luta incessante pelo reconhecimento e pela garantia de suas terras. Como é o caso da Comunidade Remanescente de Quilombola de Povoação de São Lourenço, no município de Goiana Pernambuco, onde parte de seus moradores são considerados remanescentes de um quilombo histórico de Pernambuco, do século XIX, o Quilombo do Catucá, dos líderes Malunginhos. Embora sejam reconhecidos

⁶⁴. SANTOS, Sales Augusto dos. A metamorfose de militante negros em negros intelectuais. **Revista Mosaico**. v. 03. n. 05, 2011.

⁶⁵. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 set. 2020.

com Remanescentes de quilombo até os dias de hoje, não conseguiram a remarcação de suas terras, passando a viver, quase exclusivamente, da pescaria.

1.2 O quilombo do Catucá: Um subproduto do caos político em Pernambuco

Antes de adentrarmos na formação do Quilombo do Catucá – que surgiu em Pernambuco, por volta dos anos de 1817 – é necessário fazermos um breve resumo do cenário político e econômico ao qual esse local de resistência e sobrevivência está inserido. No Século XIX, o Brasil colonial passara por uma série de mudanças, sobretudo, após a instalação da Corte Portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, em março de 1808, acompanhado por mais de 10 mil pessoas, fugindo do Imperador francês Napoleão Bonaparte que havia invadido Portugal, uma vez que, o Príncipe Português D. João desobedeceu ao Bloqueio Continental que proibia, entre outras coisas, o comércio com a Inglaterra, deslocando o eixo político e econômico do Império português⁶⁶.

Ao chegar ao Brasil, D. João começa a estabelecer alianças, sobretudo, com a elite de São Paulo e Rio de Janeiro, por meio de negócios, de casamento e de concessão de empregos aos membros da elite, estreitando os laços com esse grupo do Centro-Sul do país. Entretanto, essas alianças irão custar muito caro para o restante das províncias, onde os habitantes tiveram que pagar cada vez mais impostos para custear os gastos do governo estabelecido no Rio de Janeiro. E isso irá gerar diversas revoltas nas diferentes regiões do país e, especialmente, em Pernambuco.

Dentro desse cenário de insatisfação, Pernambuco se destacou, pois, foram várias as revoltas organizadas na Província Pernambucana (*Revolução Pernambucana* de 1817⁶⁷, *Confederação do Equador* 1824⁶⁸, *Guerra do Cabanos* 1832⁶⁹ e mais tarde a *Revolução Praieira* em 1848⁷⁰). É dentro desse cenário de revoltas entre elites que por volta de 1817 surgiu o Quilombo do Catucá, onde muitos escravizados, aproveitando o caos político que havia se

⁶⁶. Nesse período Portugal possuía colônias na África, América e Ásia. Por esse motivo alguns estudiosos usam o termo Império para se referir a esse país no período. HAAG, Carlos. Um imenso Portugal. **Revista pesquisa FAPESP**. Edição 201, 2012. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-imenso-portugal/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

⁶⁷. TAVARES, Francisco Muniz. **História da Revolução de 1817**. Recife: Editora Cerpe, 1840, reedição 2017.

⁶⁸. LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador**. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1979.

⁶⁹. ANDRADE, Manuel Correia de. **A Guerra dos Cabanos**. Rio de Janeiro: 1965; Recife: Editora da UFPE, 2005.

⁷⁰. CARVALHO, Marcus Joaquim. M de. "A Praieira e a Nacionalização do Comércio a Retalho", **Anais da XV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**. Rio de Janeiro, 1995, pp. 163-167.

instalado na Capitania, aproveitaram para fugir para as matas da Zona da Mata Norte Pernambucana.

Embora exista uma documentação farta no que concerne ao Quilombo do Catucá, especialmente no Jornal Diário de Pernambuco, e demais documentos oficiais arquivados no Arquivo Público Estadual de Pernambuco, poucos estudos foram realizados por historiadores ou outros cientistas sociais sobre este espaço de resistência do século XIX. Na busca por literaturas que versam sobre esta temática, encontramos como principal referência os artigos e livros publicados por Marcus J. M. de Carvalho, intitulados: *O Quilombo do Catucá em Pernambuco*⁷¹; “*O Quilombo de Malunguinho: O Rei das Matas de Pernambuco*”⁷²; *O Outro lado da Independência: Quilombolas, negros e pardos em Pernambuco (Brasil), 1817-23*⁷³; *Liberdade: Rotinas e Rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850*⁷⁴. Baseados nestes materiais, iremos discutir sobre o Catucá e que servirá de base para a produção do roteiro da nossa História em Quadrinhos (HQ). Carvalho cita outras referências, como Gilberto Freyre, Roger Bastide, Richard Price e Stuartz Schwartz, porém segundo Carvalho esses autores, em sua maioria tomaram por base o trabalho do historiador oitocentista Pereira da Costa, e tendo por base a obra Anais Pernambucanos nº 9, o qual o autor faz algumas ilações ao referido quilombo.

O quilombo do Catucá – nas palavras de Marcus Carvalho – foi fruto da luta dos escravizados pela liberdade e do caos político na província pernambucana, entre os anos de 1817 e final da década de 1830⁷⁵. Os chefes desse quilombo eram chamados de Malunguinhos – malungos (companheiros de viagem da África). Segundo Carvalho, tal fato permite especular que o quilombo talvez tenha se originado de uma fuga de escravizados vindos de um mesmo navio negreiro. “Era uma nova identidade, forjada na luta pela sobrevivência na América.”⁷⁶ O emprego da forma diminutiva do termo “malungo”, é um indício de um processo de

⁷¹. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. N. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991.

⁷². CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In João José Reis, e Flávio Gomes (Org.) **Liberdade por um Fio: História do Quilombo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 465-493.

⁷³. Id., “O Outro Lado Da Independência: Quilombolas, Negros e Pardos Em Pernambuco (Brasil), 1817-23.” **Luso-Brazilian Review**, v. 43, n. 1, University of Wisconsin Press, 2006, p. 1–30. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4490641>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁷⁴. Id., **Liberdade: Rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850**. 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

⁷⁵. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de., **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. n. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991.

⁷⁶. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 473.

transformação cultural bastante dinâmico, tendo em vista que o “inho” segundo Sérgio Buarque de Holanda é um traço característico da população camponesa brasileira⁷⁷.

Assim “Malungo”, portanto, é termo Banto, entretanto, “Malunguinho” é uma derivação plenamente crioula⁷⁸. Dessa forma, o líder do Catucá, possivelmente era africano, mas que resistiu o suficiente para ter seu nome abrasileirado, forjando uma nova identidade, onde todos não era apenas malungos, mas malunguinhos⁷⁹. Assim Muitos desses escravizados que chegaram ao porto do Recife nos navios tumbeiros, aproveitaram a confusão de 1817 e as brigas entre os partidos pelo poder entre os anos de 1821 e 1823 e da guerra civil de 1824 para fugirem para o mato.

Em seu período de formação, segundo Carvalho, assim como a maioria dos quilombos brasileiros há a prevalência de africanos. Isso não seria de surpreender, tendo em vista que entre a virada do século XIX e a independência foi o período que mais chegou escravizados em Pernambuco. Nesse momento, a Província estava sofrendo o *boom* na produção algodoeira, o ouro branco, que rapidamente se expandiu por toda a colônia, que em algum momento ultrapassou a produção de açúcar. Em um certo momento antes da independência, Pernambuco chegou a receber mais gente escravizada que a Bahia e Rio de Janeiro⁸⁰.

Nesse período, Pernambuco era bem diferente da antiga província do quilombo dos Palmares, onde a sociedade era mais fechada e a repressão aos escravizados era mais eficiente. A fuga para o mato tornara cada vez mais difícil à medida que a agricultura ia ocupando os nichos ecológicos, mais apropriado para esconderijo. Enquanto o quilombo dos Palmares ocupava uma área distante das fronteiras canavieiras, o Catucá margeava as fronteiras agrícola da zona da mata norte, iniciando quase que num subúrbio do Recife⁸¹. A chamada floresta do Catucá,

serpentava a área mais populosa da província, a zona da mata seca, ao norte do Recife. Cortado por muitas estradas e picadas, ela começa nos limites de Beberibe, antigo subúrbio do Recife, passava pelo sítio dos Macacos e por São Lourenço, mais a oeste da capital, lançando-se entre os engenhos costeiros e a serra a oeste do Recife em direção ao norte. Passava pelos rios e mangues da região, chegando não muito longe da costa em Paratibe e daí a Pasmado, perto da ilha de Itamaracá, até o povoado de Tejucupapo, próximo a vila de Goiana, já quase na fronteira com a província da Paraíba. O centro do quilombo estava num pedaço dessa floresta, situada entre as matas dos engenhos Timbó e Monjope, entre as freguesias de Paratibe, Paulista e

⁷⁷ . HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

⁷⁸ . Ibid.

⁷⁹ . Ibid. p. 474.

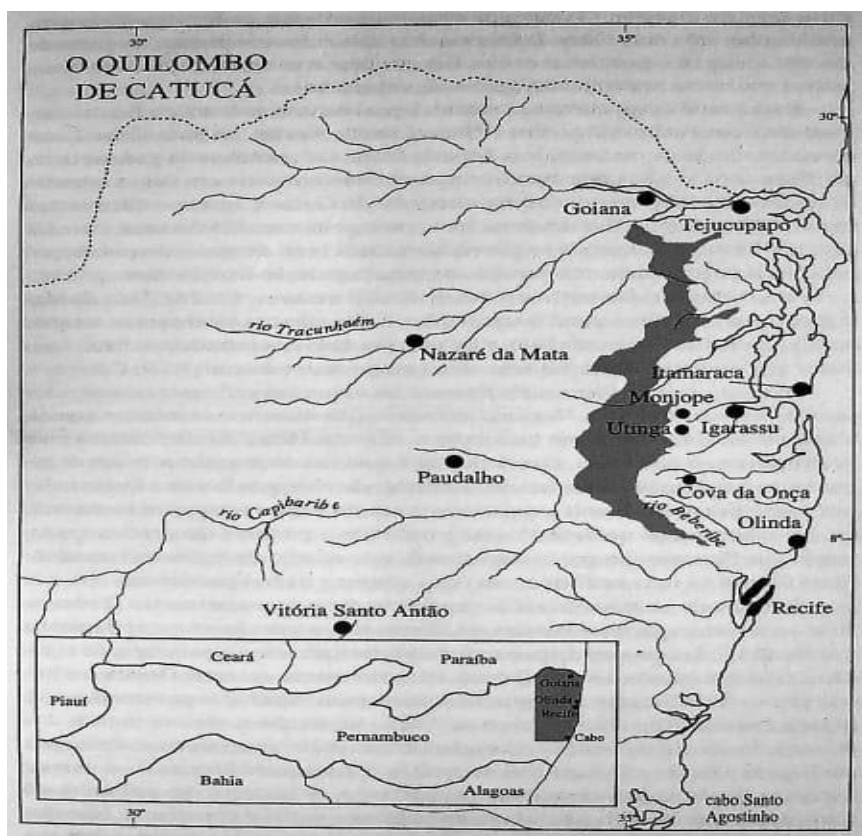
⁸⁰ . CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

⁸¹ . CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. N. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991.

Recife, um local de terreno acidentado, cortado por riachos e brejos, conhecido como Cova da Onça⁸².

Diferente do quilombo dos Palmares, o quilombo do Catucá – assim como muitos outros no Brasil do século XIX – margeavam as fronteiras do perigo se localizando em locais onde se tornava impossível viver de forma isolada, sem uma complexa rede de solidariedade que envolvesse os mais variados grupos sociais da sociedade vigente, tais como: alforriados, comerciantes, escravizados, até muitas vezes senhores e senhoras de engenhos. Abaixo localização do quilombo do Catucá, segundo o historiador Marcus de Carvalho.

Figura 1. Mapa da região do Quilombo de Catucá



Fonte: Mapa do Quilombo do Catucá segundo a representação do autor Marcus Carvalho em sua obra "Quilombo de Malunguinho: O Rei das Matas de Pernambuco".⁸³

Nesse período, Goiana era um dos mais importantes entrepostos comerciais da Zona da Mata. Como entreposto, recebia o gado e o algodão dos distritos de Bom Jardim, Limoeiro e Nazaré da Mata e seguiam para o Porto do Recife. Era, justamente, nesse caminho que ficava a

⁸². Ibid. p.6.

⁸³. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 467.

chamada mata do Catucá, onde os escravizados se escondiam, o que tornava ideal para os ataques dos quilombolas. Entretanto, essa localização também favorecia a repressão por parte das tropas senhoriais e a sua posterior destruição⁸⁴.

Conforme já salientamos, a história do quilombo do Catucá está intrinsecamente ligada à história política e social. A divisão entre as elites pernambucas levou à desorganização dos aparelhos repressivos, facilitando a fuga dos escravizados e a posterior formação dos quilombos. É interessante frisar que nesses momentos de querelas entre as elites, muitas vezes, por falta de homens livres dispostos a pegar em armas para lutar, muitos senhores armavam seus próprios escravizados para irem à luta. Muitos desses, aproveitavam desses momentos para debandarem para as matas da região⁸⁵.

O combate aos fugitivos, que se organizava em grupo nas matas, requeria uma maior organização das elites e apoio das forças do “Estado”. Pois, os senhores dificilmente poderiam ter sucesso no combate sem este apoio, já que as fugas individuais eram de responsabilidade de seus próprios donos. Por essa razão, Carvalho afirma que o quilombo renascia sempre que as elites estavam divididas e sofreu suas piores punições, quando a classe senhorial estava organizada. Dessa forma, o quilombo do Catucá cresceu com as disputas pela independência e a Confederação do Equador. Porém, foi duramente reprimida na segunda metade dos anos 1820. Voltou a crescer no final da década (já citada) e na primeira metade dos anos 30, onde vários movimentos agitaram o Recife e o interior, principalmente a Cabanada (1832-1835) do outro lado da província. Com o término da Cabanada, a repressão voltou novamente para a zona da mata norte. “O quilombo, como tentativa de construção de uma sociedade alternativa, foi destruído no final da década de 1830”⁸⁶.

Por volta de 1824, enquanto a revolta intra-elite estava aguçada, os quilombolas apareceram com maior força, praticando diversos assaltos nas estradas da zona da mata e ameaçando os engenhos. Entretanto, assim que os confederados foram vencidos, o general Lima e Silva, Presidente da Província, utilizou as forças enviadas por D. Pedro I para combater os quilombolas⁸⁷. Porém o quilombo continuou vivo.

Pouco tempo depois dessa diligência, vários senhores da mata norte passaram a solicitar – ao governo provincial – o seu apoio no envio de tropas para combater os quilombolas; que

⁸⁴. Ibid.

⁸⁵. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. N. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991.

⁸⁶. Ibid. p. 8

⁸⁷. Ibid.

entraram na pauta da reunião do Conselho de Governo. Onde reconheceu a importância de organizar uma repressão mais efetiva contra os negros aquilombados⁸⁸.

Um dos argumentos dos senhores era de que os fugitivos estavam organizando um ataque ao Recife. De acordo com um oficial, estavam tramando uma rebelião formal aos modos da que aconteceu em Salvador em agosto de 1826. É provável que realmente estivessem organizando tal ataque, pois os negros aquilombados recebiam notícias do que estava acontecendo fora dos seus espaços – devido à sua rede de solidariedade. Todavia, também não podemos descartar, a possibilidade de os oficiais e senhores de engenhos terem usado tais argumentos para conseguir apoio do governo (com forças militares e dinheiro) para tentar debelar o quilombo. Uma vez que o governo muitas vezes negava ajuda no combate, alegando que era responsabilidade dos senhores se organizarem para combater os quilombolas. No diário de Pernambuco – que, na época, também publicava os despachos do governo – encontramos publicações que indicam essas negativas reiteradas.

Diante dessa ameaça, o governo junto aos senhores de engenhos (com toda as suas forças) partiram para a repressão dos quilombolas que se encontravam nas matas do Catucá. Geralmente, a ordem repressora partia com um grupo para as matas, enquanto outros grupos ficavam nos arredores em forma de piquetes, em pontos estratégicos, para evitar a fuga dos aquilombados. Nessa diligência, de acordo com os documentos oficiais, cerca de 63 fugitivos foram feitos prisioneiros; e um número não sabido de mortos. Entretanto, o chefe da operação alegou que a maioria fugiu, demonstrando a força e organização dos quilombolas. Segundo o oficial que comandou a operação foram encontrados diversos “mucambos” e, até mesmo, “casas”, além de “muitas lavouras”, que tratou de destruir e queimar antes da retirada da tropa das matas⁸⁹.

É possível inferir, a partir de tais descrições, que os aquilombados já possuíam uma certa estabilidade nesse local. Tendo em vista que, além de mocambos, foram encontradas casas e roças para o sustento das pessoas que ali se encontravam, em uma tentativa de construir “uma vida semi-sedentária, com a formação de família, unidade básica para a construção da noção de liberdade do escravo”⁹⁰. Tal estabilidade, só foi possível, tendo em vista que a elite estava desorganizada nas suas disputas internas. Depois dessa investida, segundo Carvalho, esse

⁸⁸. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. N. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991.

⁸⁹. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. N. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991.

⁹⁰. *Ibid.*, p. 9.

quilombo tornou-se cada vez mais móvel, tendo em vista a constante repressão, o que dificultava a sedentarização e a prática de uma agricultura mais variada⁹¹.

Os quilombolas, assim, passaram a agir através de grupos menores, onde inclusive mulheres participavam das operações. Embora, sejam esquecidas pelas narrativas históricas, as mulheres tiveram participação importante na construção e na manutenção desse ambiente de resistência e de tentativa de criar uma sociedade alternativa.

Um fato que chama à atenção é a força e a coragem dos grupos de quilombolas. Há o relato de um ataque – citado por Carvalho – a um senhor importante da época, o Barão de Cimbres, de que uma “quadrilha” de quilombolas, entre eles havia 4 (quatro) mulheres, demonstrando que as mulheres tiveram papel importante dentro do quilombo e nos ataques de defesa; diferentemente do que era pensado, elas também agiam na linha de frente. A presença feminina pode ter sido muito além daquilo que imaginamos em dias atuais.

Porém, destacamos que – embora o número de mulheres nos quilombos fosse bem inferior aos de homens – elas tiveram papel de destaque na rede de proteção criada nesses espaços, onde muitas vezes, ocuparam papel de liderança. Como foi o caso de “Acotirene, líder de um dos quilombos da República de Palmares, Aqualtune, mãe de Ganga-Zumba e avó materna de Zumbi, e Dandara, mulher de Zumbi”⁹². No Catucá, é sabido que o último Malunguinho, João Batista, possuía um filho chamado Francisco Ferreira que, após a morte do seu pai, assumiu o comando do quilombo. Conforme podemos perceber na documentação publicada no Diário de Pernambuco de 1835, ele também possuía uma filha de 14 anos e uma esposa chamada Maria Ignácia; que foram presas junto com ele. Ainda, segundo observamos no despacho, a garota de 14 anos foi entregue a uma família (capaz de ignorar qual seria o destino que caberia a ela). O que nos faz refletir sobre os desmandos cometidos pelos donos do poder, perante a população negra escravizada.

Embora a repressão não fosse pouca, sobretudo, nos momentos em que as elites estavam organizadas, os negros, as negras e os indígenas do quilombo do Catucá não se limitavam a construir uma sociedade alternativa nas matas de mesmo nome. Enquanto existiu, os quilombolas atacaram os engenhos dos arredores, as casas dos moradores, comerciantes e boiadas que transitavam pela zona da mata norte. Em 1828, por exemplo, atacaram o engenho Guruguza e atearam fogo no engenho Utinga, o que levou as autoridades a organizar mais uma diligência contra os moradores do quilombo.

⁹¹. Ibid.

⁹². BARROS, Zelinda dos Santos. **Processo de emergência histórica dos quilombos**. Cachoeira: UFRB. Coletivo Ângela Davis, 2016. p. 20.

De acordo com Carvalho, nessa diligência pelo menos cinco soldados foram mortos e mais de cinquenta feridos em combates ou em estrepes e armadilhas colocadas pelas matas, que devido à gravidade, muitos deles ficaram aleijados. No que concerne aos moradores do quilombo, não se sabe quantos morreram, ficaram feridos ou foram presos⁹³. O que demonstra a força e a organização dos quilombolas.

Pela documentação oficial, percebemos que os negros e negras aquilombados do Catucá resistiram e se prepararam para receber as tropas repressoras, onde assim como os moradores do Quilombo dos Palmares organizaram diversas armadilhas e estrepes pelas matas como forma de proteção. Para atingir tal grau de organização, era necessária a existência de uma rede de solidariedade, o que distorce da tese do quilombo como isolamento, que norteava e ainda norteiam alguns materiais pedagógicos usados pelos nossos estudantes. Se não fosse essa rede de articulação seria difícil a sobrevivência do quilombo nessa região que era na época uma das mais desenvolvidas da província e tão perto do Recife. Segundo Carvalho,

Na zona rural mais populosa da província, o contato entre rebeldes e libertos, e mesmo escravos dos engenhos da região, era fundamental para a existência do quilombo. Essa cooperação ocorreu inclusive nos ataques dos quilombolas. O Catucá, portanto, está entre os quilombos do Brasil oitocentistas, que tinham por base essa cumplicidade entre escravos de engenhos, quilombolas e a população livre e liberta local, mormente os não proprietários dos meios de produção. [...] o Catucá era um quilombo móvel, dividido em vários grupos no meio da floresta, tendo por meio de vida não só a agricultura de subsistência, mas também furtos nos engenhos e assaltos nas estradas, além da prática de algum comércio e contrabando⁹⁴.

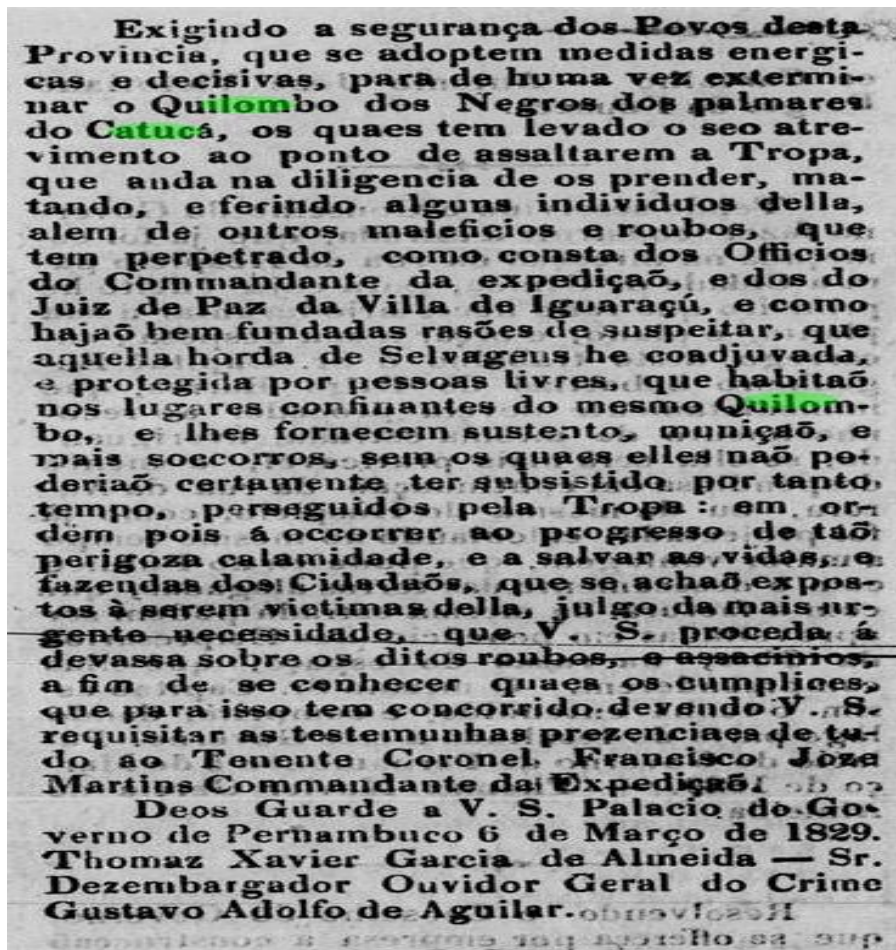
Dessa forma, podemos inferir que os quilombolas agiam através da cooperação de pessoas de fora do quilombo. Às vezes, esta cooperação podia se dar através do medo. Tendo em vista que era muito comum eles agirem cometendo pequenos furtos e/ou ameaças na região. Tais ações se davam por uma questão de proteção, onde muitas vezes os plantadores próximos aos quilombos tinham que negociar com seus “inimigos de raça e de classe”, como também, pela vontade de se ajudar mutuamente, assim como pela solidariedade racial. Vale ressaltar que ambos viviam, na maioria dos casos, em situações de subalternidade perante a sociedade vigente. Nesse documento publicado na edição 56 do Diário de Pernambuco de 11 de março de 1829, além de mostrar a força dos quilombolas ao assaltarem as tropas militares enviadas para

⁹³. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. n. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991. P. 12.

⁹⁴. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. n. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991. P. 12

reprimir, há alegação de que a força dos negros e negras advém das pessoas livres que os ajudam, fornecendo sustento, munição e socorros. Pelos relatos, tais fatos eram muito comuns.

Figura 2: Reportagem do Diário de Pernambuco sobre o Catucá



Exigindo a segurança dos Povos desta Província, que se adoptem medidas energicas e decisivas, para de huma vez exterminar o Quilombo dos Negros dos palmares do Catucá, os quaes tem levado o seo atrevimento ao ponto de assaltarem a Tropa, que anda na diligencia de os prender, matando, e ferindo alguns individuos della, alem de outros maleficios e roubos, que tem perpetrado, como consta dos Officios do Commandante da expedição, e dos do Juiz de Paz da Villa de Iguaçu, e como hajaõ hem fundadas rasões de suspeitar, que aquella horda de Selvagens he coadjuvada, e protegida por pessoas livres, que habitão nos lugares confinantes do mesmo Quilombo, e lhes fornecem sustento, munição, e mais socorros, sem os quaes elles não poderiaõ certamente ter subsistido por tanto tempo, perseguidos pela Tropa: em ordem pois á occorrer ao progresso de tão perigoza calamidade, e a salvar as vidas, e fazendas dos Cidadãos, que se achão expostos à serem victimas della, julgo da mais urgente necessidade, que V. S. proceda á devassa sobre os ditos roubos, e assassínios, a fim de se conhecer quaea os cúmplices, que para isso tem concorrido devendo V. S. requisitar as testemunhas prezenciaes de tudo ao Tenente Coronel Francisco Joza Martins Commandante da Expedição.

Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo de Pernambuco 6 de Março de 1829.
Thomaz Xavier Garcia de Almeida — Sr. Dezembargador Ouvidor Geral do Crime
Gustavo Adolfo de Aguiar.

Fonte: Diário de Pernambuco, 11 de março de 1829. Edição 56.

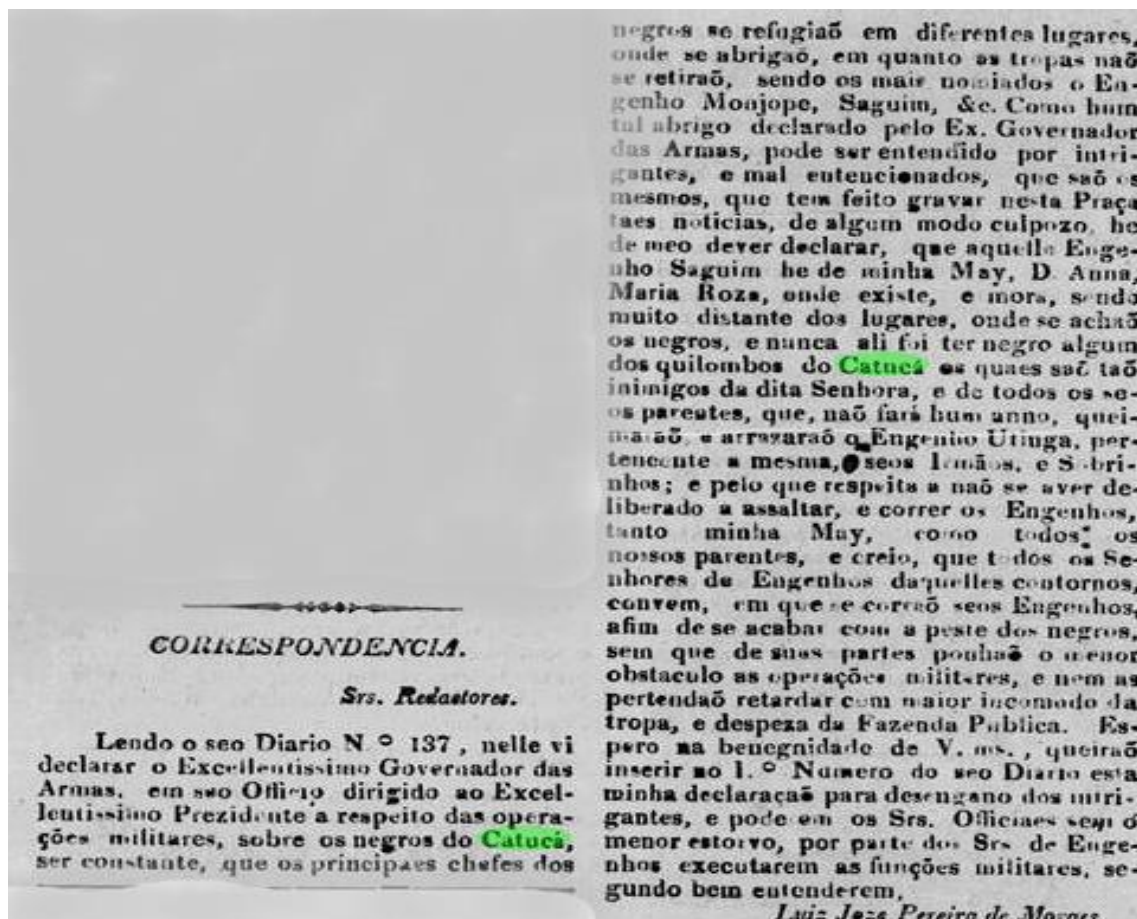
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_01&Pesq=%22catuca%22&pagfis=772.

Entretanto, essa ajuda não partia apenas da classe menos favorecidas, nos jornais há reclamações do Oficial General Antero José Ferreira de Brito ao Presidente da Província, por exemplo, alegando que estava muito decepcionado com os homens brancos da região. Não só os moradores dos engenhos, mas mesmo os senhores recusavam-se a ajudar as tropas do Estado por temerem a vingança dos quilombolas. De acordo com ele, “os senhores preferiam manter os seus negócios com os rebeldes, a quem vendiam pólvora e cartuchame”⁹⁵. A correspondência publicada no Diário de Pernambuco de 24 de dezembro de 1828, edição 143, representa bem essas alegações, pois, mostra o filho da Dona do Engenho Monjope tendo que defender a mãe

⁹⁵ CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. *O quilombo do Catucá em Pernambuco*. Caderno CRH. n. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991. P. 13

publicamente, através do envio de uma correspondência ao Jornal, alegando que sua família não dava abrigo aos quilombolas do Catucá. Ela justifica que eles são inimigos da família, tendo em vista que tinha ateadado fogo em um engenho da família há um ano.

Figura 3: Carta ao Diário de Pernambuco



Fonte: Diário de Pernambuco de 24 de dezembro de 1828. Edição 143 p. 03

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_01&Pesq=%22catuca%22&pagfis=509.

De certa forma, podemos perceber que mesmo os senhores mais abastados temiam os negros aquilombados do Catucá. Por isso, muitas vezes faziam vista grossa ao que estava acontecendo nos arredores de seus engenhos. É o que pode ter ocorrido com os donos desses engenhos. Provavelmente, na tentativa de não sofrerem alguma retaliação. Pois, como vimos os negros aquilombados dependendo da forma que os senhores agiam podiam usar de sua resistência para atingir suas propriedades, como aconteceu com o Engenho Utinga, o qual foi ateadado fogo. Dessa forma, a “amizade” – em alguns casos – poderia salvar a vida e o bens de um proprietário.

Segundo Carvalho, em 1829 – período em que a repressão ao quilombo estava cada vez mais ativa – existia nas proximidades de Goiana ao menos dois grupos de quilombolas

margeando essa região, uma das quais comandada por João Pataca, que havia passado a noite da véspera de Santo Antônio batucando na senzala do engenho Macaco sem ser importunado (dançando, comendo e bebendo). Alguns dias depois, um grupo de quilombolas atacou o engenho, como o Senhor estava ausente, atacaram a esposa Dona Helena e tentaram arrancar alguns anéis que ela estava nos dedos. Uma mucama aproveitando do descuido dos assaltantes, saiu à procura de João Pataca para informar o acontecido. De posse da informação, Pataca marchou em direção ao engenho e capturou dois dos assaltantes, um dos quais foi punido com a morte⁹⁶.

Tal acontecimento nos faz refletir sobre essa rede de solidariedade que existia entre os quilombolas e as pessoas dos arredores – inclusive de dentro da própria senzala – como era o caso dessa mucama. No mínimo para chegar até João Pataca, ela tinha conhecimento de seu esconderijo, que por sinal, ao que parece, não era muito distante do engenho. É bem provável que seu esconderijo fosse nas matas do próprio engenho. Tendo em vista que ele pegou dois dos assaltantes e os puniu, agindo como se fosse uma autoridade da época.

Ainda segundo Carvalho, chamam muito à atenção (nas documentações dos anos de 1829) as atividades de João Pataca – homem que puniu os assaltantes do engenho Macaco – onde as autoridades da época falam em duas “quadrilhas” no Catucá, nas proximidades de Goiana, as quais somavam “cento e tantos” rebeldes. João Pataca comandava uma e a outra era comandada por João Bamba. A de João Bamba era considerada “ladrona e atacante”, enquanto a de João Pataca era mais mansa. Porém, a de João Bamba agia de acordo com Pataca, entretanto, o grupo de Pataca era formado também por gente de João Bamba; dessa forma, “os dois grupos se complementavam. Pataca negociava com o mundo externo ao quilombo e lidava com as mentes dos escravos ainda no cativeiro, liderando cultos e festas religiosos”.⁹⁷ Carvalho ainda diz que,

Pataca e seus homens apareciam nos vilarejos da área, onde faziam compras e vendiam peixes. O líder andava com “negras e guarda de honra”, faziam compras e vendiam peixes. O líder andava com “negras e guarda honra”, fazia batuques nas matas, em alguns engenhos da área e até mesmo dentro de casas no vilarejo de Tejucupapo. (APE, juízes de Paz 1, 29/06/1829) De acordo com uma autoridade antes eles iam a Tejucupapo “de salto” mas hoje [julho de 1829] são pacíficos moradores nela, comendo, batucando, passeando armados e obrigando que se lhes vendam armas e pólvora⁹⁸.

⁹⁶. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. n. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991 p. 14. APEPE, 1829c.

⁹⁷. Id. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. P. 479-480.

⁹⁸. Ibid. p. 480.

Tais atitudes são indícios de que os quilombolas não só combatiam a escravização, como também tentavam se inserir na sociedade como homens e mulheres livres. Assim, essa aliança entre as pessoas pobres dessa região e, até mesmo, com os senhores e as senhoras de engenho como Dona Helena do Macaco é uma estratégia de sobrevivência. A figura de acoitadores de escravizados e escravizadas fugitivos ao que parecesse era bem comum ao longo do século XIX. João José Reis, ao estudar o quilombo do Oitizeiro na Bahia, encontrou nas documentações oficiais diversos relatos das autoridades, denunciando a figura dos coiteiros de escravizados. Esse acoitamento não se dava por uma “solidariedade desinteressada, mas por interesse de usar sua mão de obra”⁹⁹.

É provável que os aquilombados e os acoitadores dos quilombolas do Catucá também utilizassem dessa estratégia. Tendo em vista que para sobreviver por mais de vinte anos nas proximidades de Recife e Olinda – circulando por uma região que no período era uma das mais importantes na produção de açúcar, algodão, criação de animais e transporte das mais variadas mercadorias – era necessária uma rede de solidariedade e estratégias para poder sobreviver. É possível que esses acoitadores fossem oportunistas, tendo em vista que, nas primeiras acusações feitas pelas autoridades, se esquivavam da acusação de acoitamento; como foi o caso dos familiares do Engenho Monjope de Igarassu. Porém, podemos inferir que nesses locais os quilombolas encontravam: comida e aguardente. E puderam confraternizar com seus companheiros de viagens, os malungos, como o acontecido no engenho Macacos em Tejucupapo.

Já no início dos anos 1830, Pernambuco novamente está vivenciando um período conturbado. As elites estavam voltadas para as questões nacionais, então os aquilombados passaram a mostrar novamente a sua força e organização. Nesse contexto, o governo e a classe senhorial (frente às dificuldades em lidar com os aquilombados, ao longo da década de 1820) vinham pensando em estratégias para aniquilar o quilombo do Catucá sem precisar organizar expedições a pedido dos senhores da região. Dentre essas estratégias, segundo Carvalho, estava a criação de quatro povoações nas proximidades das matas e a construção de estradas atravessando a floresta.¹⁰⁰ Porém, para tal empreitada era necessário encontrar pessoas que

⁹⁹. REIS, João José. Escravos e coiteiros no quilombo do Oitizeiro. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 398.

¹⁰⁰. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 483.

estivessem dispostas a enfrentar os aquilombados e os indígenas que também circulavam na região. Ao que parece a população local não estava disposta a ocupar essa região.

Entretanto, parte da estratégia foi possível colocar em prática. Quando um navio com 103 imigrantes germânicos, que pretendiam ir para o sul do Brasil, por problemas, precisou fazer uma atracagem na costa nordestina; e acabaram se instalando no Recife. Então, o governo de Pernambuco ofereceu terras do Catucá para eles, criando a colônia Amélia. Posteriormente, também foram anexados alguns soldados desmobilizados, depois do fiasco da Guerra da Cisplatina¹⁰¹. Em março de 1831, esses colonos somavam em torno de 750 pessoas, as quais o governo se comprometeu em dá uma ajuda de custo por cabeça aos moradores da colônia. E para chefiar, colocou um engenheiro militar alemão radicado em Pernambuco¹⁰². Pois, acreditavam que os quilombolas, frente a esta colônia, não mais se firmariam nessa região.

Nessa localidade, os colonos enfrentaram diversas dificuldades. Entre elas, o ataque dos negros aquilombados na região, onde ao menos uma família, os Cristiani, teve parentes mortos. Assim como o governo não cumpria em dia com a sua promessa de ajuda de custo. Por ser uma área formada por matas, os colonos fizeram da produção de carvão seu principal meio de vida, o que acabou derrubando boa parte da floresta, o que de certa forma dificultou na formação de quilombos no Catucá. Porém, a colônia não deu certo e o seu desaparecimento coincide com o fim do Catucá. Segundo Carvalho, “os colonos alemães foram fundamentais para a repressão aos quilombolas, mas sofreram tanto que terminaram deixando Pernambuco”¹⁰³.

Na primeira metade da década de 1830, Pernambuco passa por algumas agitações políticas como a Cabanada (1832-1835), o que obriga o governo a enviar suas forças repressoras para o outro lado da província, porém a anexação da colônia Amélia nas matas do Catucá, ajudou de certa forma a diminuir a quantidade de fugitivos para a região. Como já frisamos, os momentos em que as elites não podem contar com a ajuda do aparato repressor do governo, as coisas ficam mais difíceis. E nestes momentos, os escravizados passam a agir com maior frequência em busca da liberdade.

Os momentos de querelas entre as elites serviam para os quilombolas organizarem sua proteção na construção de estrepes e armadilhas ao longo das matas, algo que requeria bastante

¹⁰¹. COSTA, Sérgio Paulo Muniz. **A construção da fronteira sul, a Guerra de 1825**. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2016.

¹⁰² CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 484.

¹⁰³. Ibid. p. 484.

trabalho e mão-de-obra. E tais construções só eram possíveis nos momentos de paz, esta paz se dava quando os senhores e o governo estavam empenhados em acabar com as revoltas que em alguns momentos assolavam a província pernambucana. Dessa forma, podemos concluir que os quilombolas souberam usar das divisões adversárias em seu benefício, atuando em suas redes de proteção e solidariedade, junto à população rural despossuída dessa região.

Entretanto, com o fim da Cabanada em 1835, o aparelho repressivo voltara-se para o quilombo de Malunguinho, tendo em vista que havia novamente se fortalecido dentro das matas do Catucá, mesmo com a presença dos colonos alemães. Um novo líder Malunguinho havia surgido, João Batista. Várias diligências haviam sido organizadas pelos senhores da região na tentativa de capturar o líder Malunguinho, contudo, estas operações não foram suficientes, uma vez que eles possuíam muita mobilidade dentro das matas. Tanto atacavam nas imediações de Igarassu e Goiana, como atacavam nas proximidades de Recife, o que deixava a população branca assustada com as atividades dos quilombolas¹⁰⁴.

Diante dessa situação, os senhores da mata norte pernambucana passaram a requerer a ajuda do governo para pôr fim ao quilombo de uma vez por toda. Com o fim da Cabanada, o governo estava com um grande contingente de soldados e guardas nacionais que foram usados para conter a revolta nas matas sul da província. Além do mais, contava com uma tropa de índios e caboclos de Barreiros que haviam sido usados contra os Cabanos. A tropa era grande conhecedora das matas e acostumada a lutar contra os guerrilheiros Cabanos nas imediações da comarca de Água Preta. Uma grande operação foi organizada para conter os Malunguinhos das matas do Catucá. A ajuda dos índios de Barreiros foi de fundamental importância para a captura e morte do último líder Malunguinho, em 18 de setembro de 1835. E, posteriormente, a captura de seu filho e sucessor foi determinante para o fim do quilombo do Catucá. Embora, segundo Carvalho, a mata tenha servido como esconderijo para “fugitivos da justiça ou da escravização, o quilombo como tal parece ter desaparecido com a morte de seu último grande líder, João Batista”¹⁰⁵.

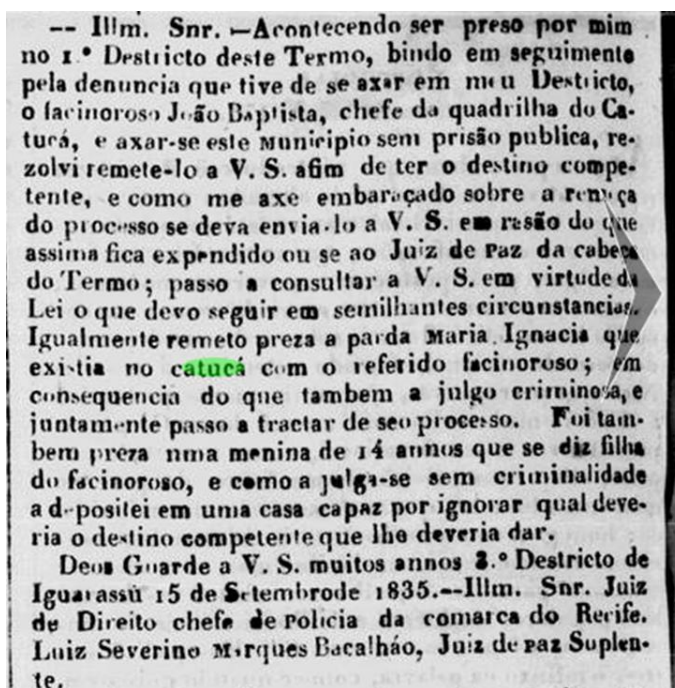
O Diário de Pernambuco, na edição 179 de 23 de setembro de 1835, traz a notícia de sua prisão e morte, assim como dos membros de sua família, que, segundo relatos oficiais foi morto ao tentar atacar a patrulha a caminho da prisão. Ao ler a notícia, percebemos o quanto a prisão de João Baptista – um dos mais temidos malungos das matas do Catucá – pela ação do

¹⁰⁴. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

¹⁰⁵. Id. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. n. 15, p. 5-28, jul/dez, 1991.

chefe da patrulha que faz questão de frisar “preso por mim” repercutiu. Diante da importância da prisão de João Baptista e a vontade de vingança, podemos especular que talvez a morte de Malunguinho não tenha acontecido da forma que foi noticiada na documentação oficial, o próprio documento levanta suspeita, ao tentar defender a sua tropa, justificando a morte de João Baptista como legítima defesa, pois o líder dos malungos do Catucá havia tentado matar alguns homens de sua patrulha.

Figura 4: Expediente do Governo da Província de Pernambuco



-- Illm. Snr. -- Acontecendo ser preso por mim no 1.º Districto deste Termo, vindo em seguimento pela denuncia que tive de se axar em meu Districto, o facinoroso João Baptista, chefe da quadrilha do Catucá, e axar-se este municipio sem prisão publica, resolvi remete-lo a V. S. afim de ter o destino competente, e como me axe embaraçado sobre a rença do processo se deva envia-lo a V. S. em razão do que assim fica expellido ou se ao Juiz de paz da cabeça do Termo; passo a consultar a V. S. em virtude da Lei o que devo seguir em semelhantes circunstancias. Igualmente remeto preza a parda Maria Ignacia que existia no catucá com o referido facinoroso; em consequencia do que tambem a julgo criminosa, e juntamente passo a tractar de seu processo. Foi tambem preza nma menina de 14 annos que se diz filha do facinoroso, e como a julga-se sem criminalidade a d-positei em uma casa capaz por ignorar qual deveria o destino competente que lho deveria dar.

Deus Guarde a V. S. muitos annos 3.º Districto de Iguaçu 15 de Setembro de 1835.--Illm. Snr. Juiz de Direito chefe de policia da comarca do Recife. Luiz Severino Marques Bacalháo, Juiz de paz Suplente.

Fonte: Expediente do Governo da Província de Pernambuco do dia 18: publicado no Diário de Pernambuco de 23 de setembro de 1835. Edição 179. P. 02.

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_01&Pesq=%22catuca%22&pagfis=8483.

Talvez o Catucá tenha se originado de uma fuga de malungos, conforme já salientamos, porém com o passar do tempo, outros cativos e oprimidos juntaram-se aos que aí estavam no “combate ao *status quo*, que envolvia escravos e libertos, de diferentes procedências e história de vida”¹⁰⁶. Referindo-se a esta questão Carvalho argumenta,

Em que pese a essência africana do quilombo, ele deixou de ser uma tentativa de reprodução de sociedades africanas e tornou-se um fenômeno americano, híbrido, uma linha de combate contra o *status quo*, que envolvia gente de diferentes procedências étnicas e histórias de vida. Palmares foi uma tentativa de formação de uma sociedade alternativa. O Catucá tentava isso como ideal, mas a sua posição

¹⁰⁶. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco**. Caderno CRH. n. 15, p. 5-28, jul./dez., 1991. p. 23.

precária impelia os seus habitantes a viverem de roubos, caça, e agricultura de subsistência, havendo até aqueles que buscavam se integrar à vida nas vilas do interior ou nas freguesias afastadas da comarca do Recife, como se fossem homens livres¹⁰⁷.

Dessa forma, o quilombo do Catucá entrou para a História de Pernambuco. Assim como Palmares e muitos outros quilombos brasileiros, como foco de resistência contra o tipo de sociedade imposta pelos donos do poder, tentando sobreviver de forma alternativa. Porém, várias foram as expedições organizadas pelo governo e senhores da época para impedir a criação dessa sociedade. Por tais motivos, foram levados a agirem em bando na busca por sobrevivência, as ditas “quadrilhas”, na linguagem senhorial e de outras forças opressoras. Entretanto, Malunguinho, o líder maior desse quilombo, entrou na cultura popular como “entidade no culto da Jurema Sagrada¹⁰⁸ – em que aparece como Exu, Mestre ou Caboclo, o que é singular – sendo adorado em centros localizados entre o Recife e Goiana”.¹⁰⁹ Atingir o panteão das divindades é, assim, a maior e melhor homenagem que um povo pode fazer a seus heróis, fazendo viver a sua ancestralidade.

Entendendo a importância do Quilombo de Catucá e de Malunguinho, a Assembleia Legislativa do estado de Pernambuco instituiu no dia 21 de setembro de 2007 no calendário oficial a Semana Estadual da Vivência e Prática da Cultura Afro-Pernambucana:

Art. 1º Fica instituída a semana do dia 18 de setembro como a Semana Estadual da Vivência e Prática da Cultura Afro-Pernambucana, como reconhecimento do resgate histórico do líder quilombola Malunguinho, morto em combate em 18 de setembro de 1835.

Art. 2º As comemorações da Semana Estadual da Vivência e Prática da Cultura Afro-Pernambucana, ocorrerão no período de 12 a 18 de setembro.

Art. 3º A Semana Estadual da Vivência e Prática da Cultura Afro-Pernambucana poderá ser comemorada através da realização de atividades sobre a História da África e História Afro-Brasileira; Cultura de resistência do povo negro no Brasil; História das religiões de 33 matriz africanas; História dos Quilombos no Brasil e em Pernambuco; Relações de Gênero e Transgêneros; discriminação e preconceito racial.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

¹⁰⁷. Id. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 487.

¹⁰⁸. O culto da Jurema existe pelo menos desde o século XVI no Brasil, quando ainda era uma religião basicamente indígena, e não uma criação multicultural do caldeirão americano, como é hoje em dia. O Malunguinho, assim com inho, dos juremeiros é claramente uma divindade brasileira e não apenas uma herança cultural africana. L’Odo, Alexandre L’Omi. **Juremologia**: uma busca etnográfica para sistematização de princípios da cosmovisão da Jurema Sagrada. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado em Ciência da Religião, 2017.

¹⁰⁹. CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 488.

O quilombo do Catucá e seu líder Malunguinho sobrevive hoje, na mentalidade dos praticantes do culto religioso da Jurema Sagrada; sobrevive na Comunidade Remanescente de Quilombola de Povoação de São Lourenço de Tejucupapo, no município de Goiana; no Quilombo Cultural Malunguinho, localizado em Olinda; que todos os anos realiza uma festa chamada Kipupa Malunguinho nas matas de uma antiga fazenda na cidade de Abreu e Lima (nos meses de setembro ou outubro) em comemoração ao aniversário da morte do último Malunguinho “João Batista”. Sobrevive em cada negro e negra da mata norte pernambucana que busca ser valorizado e respeitado perante a sociedade vigente. Que embora o branco tenha tentado apagar da memória aqueles que lutaram por uma melhor condição de vida perante a sociedade, este apagamento resistiu ao tempo e, atualmente, permanece mais vivo do que nunca.

Assim, entendemos que o estudo sobre esse quilombo pode ajudar aos alunos e aos professores do Ensino Fundamental – sobretudo da mata norte pernambucana – a diversificar o seu conhecimento. A partir de uma narrativa que, embora tenha sido construída a partir das documentações oficiais, demonstra que os quilombolas eram sujeitos e participaram de forma ativa da nossa história. Usando as mais variadas formas de articulações para se manterem longe dos olhos de seus senhores e senhoras, recebendo ajuda de pessoas livres e escravizadas.

2. A LEI 10.639/2003 E SUA IMPORTÂNCIA PARA INSERÇÃO DO TEMA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E QUILOMBOLA NAS SALAS DE AULAS BRASILEIRAS

2.1 Os Movimentos Negros e a sua importância para a implementação da política de educação para as relações étnico-raciais e quilombola no Brasil

Desde os primórdios do século XX, há registros de organizações formadas por pessoas negras como a Frente Negra Brasileira (FNB), que segundo Florestan Fernandes foi o primeiro movimento de massa do período pós-abolição que objetivava inserir o negro na política. A FNB defendia uma sociedade mais justa e igualitária, bem como, uma educação para os negros e negras do país¹¹⁰. O movimento negro é definido por Rios (2009) “como uma reação ao padrão de relações raciais do Brasil, em particular à forma de preconceito racial, que serviria de empecilho para a ascensão social dos negros”¹¹¹. Assim, não podemos discutir as políticas de educação para as relações étnico-raciais sem mensurar a importância dos movimentos organizados pela população negra brasileira no pós-abolição. Amílcar Araújo Pereira, em seu conceito sobre o movimento negro, converge com o de Rios colocando-o como um de seus principais pontos, a saber: o entendimento de que as questões raciais são um empecilho para a ascensão do negro e negra do país,

o movimento negro é um movimento social que tem como particularidade a atuação em relação à questão racial. Sua formação é complexa e engloba o conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, utilizando as mais diversas estratégias para isso. Entre elas, destacamos práticas político-culturais, criação de organização voltadas exclusivamente para a ação política, iniciativas específicas no campo da educação, da saúde etc.¹¹²

Desta forma, podemos inferir que organizações formadas por pessoas negras como a Frente Negra Brasileira (FNB) fundada em 1931 em São Paulo – sendo o primeiro movimento de massa no período pós-abolição – tinha objetivos bem direcionados, ou seja, a luta contra o racismo, a inserção do negro na política, a defesa de uma sociedade mais justa e uma educação para os negros e negras, que até então em sua grande maioria viviam à margem da sociedade

¹¹⁰. FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**: no limiar de uma nova era. São Paulo: Ática, 2008.

¹¹¹. RIOS, Mateus Flavia. Movimento negro brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000). **Sociedade e cultura**, v. 12. n.2, jul.-dez., 2009, p. 263-274. p. 263.

¹¹². PEREIRA, Amílcar Araújo. O movimento negro no Brasil Republicano. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). **O negro no Brasil**: Trajetórias e lutas em dez aulas de história. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 99/100.

letrada. Assim, a oportunidade de frequentar uma sala de aula entrou na pauta como algo indispensável.

A FNB chegou a reunir cerca de 40 mil associados nos diversos Estados Brasileiros¹¹³. Ainda Segundo Pereira, tinha forte caráter nacionalista e uma estrutura que lembrava organizações com inclinações fascistas, em seu estatuto de 12 de outubro de 1931, previa um “Grande Conselho” e um “Presidente” que era a máxima autoridade e o supremo representante da “Frente Negra Brasileira”, serviu como referência na luta contra o racismo no Brasil e no exterior.¹¹⁴

Entendendo a importância dos estudos para a inserção dessa população, tendo em vista que até o final do século XIX, mais precisamente 1872, segundo Ribeiro, o Brasil registrava a existência de leis que proibiam o acesso de negros e negras, livres ou libertos, à escola de qualquer nível, lembrando que a criação dos primeiros cursos de nível superior data do início do século XIX¹¹⁵. Diante dessa situação, esses grupos passaram a organizar salas de alfabetização para os filhos e filhas dos trabalhadores e trabalhadoras negras em diversas localidades do país, criando espaços onde estes pudessem estudar e ser alfabetizados, tendo em vista que na maioria das vezes eram impedidos de frequentar uma escola, por sua condição racial e social¹¹⁶.

Durante boa parte do século XX no Brasil, é interessante frisar que as escolas permaneceram como um espaço reservado às pessoas que tivessem alguma condição social para frequentá-las. Portanto, era uma escola excludente, onde era obrigatório às famílias comprarem materiais e fardamentos para uso dos filhos. Tendo em vista que o Estado não era obrigado a ofertar as vagas e, muito menos, oferecer condições para que esses pudessem permanecer nas escolas. O que determinava aqueles que podiam frequentar e aqueles que não podiam¹¹⁷. O que, por sua condição social, acabava deixando grande parte da população negra – que formava a maior camada dos desfavorecidos da sociedade – de fora dos ambientes escolares; o que é refletido até os dias de hoje.

¹¹³. PEREIRA, Amílcar Araújo. O movimento negro no Brasil Republicano. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). **O negro no Brasil: Trajetórias e lutas em dez aulas de história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p.99-106.

¹¹⁴. Ibid. p. 99-106.

¹¹⁵. RIBEIRO, Matilde. **Pela promoção da igualdade racial**. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de novembro de 2003, A3.

¹¹⁶. FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era**. v. 1. São Paulo: Ática, 1978.

¹¹⁷. SALES, Alcíledes de Jesus; PASSO, José Jovino Reis. **Educação uma questão de cor: a trajetória educacional do negro no Brasil**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-questao-cor-trajetoria-educacional-dos-negros-brasil.htm>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Diante dessa realidade, um dos objetivos dessas organizações era a inserção dos filhos e filhas dos negros e negras do país na sociedade, a partir do conhecimento escolar. O que segundo Petronilha Beatriz, “empenha-se em fortalecer a comunidade, na medida que vai adquirindo conhecimentos escolares, acadêmicos, bem como outros necessários para a comunidade sentir-se inserida na vida do país”¹¹⁸. Um dos grandes percussores desse movimento foi Abdias Nascimento que, além de ajudar a criar essas salas de aulas, criou com Sebastião Rodrigues Alves e Aguinaldo de Oliveira Camargo, o Teatro Experimental Negro (TEN) em 13 de outubro de 1944, no Rio de Janeiro. O TEN foi de fundamental importância para dar visibilidade positiva a autores e atrizes negras, buscando superar estereótipos em torno dos personagens negros, recorrentes nas comédias de costumes e no teatro de revista que era muito comum na década de 1920 e 1930¹¹⁹. E ao que insiste em permanecer enraizado no seio da sociedade brasileira. Segundo Rocha,

As peças do TEN se desvinculavam daquelas que se restringiam a apresentar o afro-brasileiro em tipos como o escravo, o moleque da fazenda, o malandro avesso ao trabalho, o capoeirista encrenqueiro, a mulata sensual e assanhada, a “mãe-preta”/ama-de-leite, rompendo, deste modo, com as representações estereotipadas do negro difundidas nos meios artísticos e intelectuais de sua época. As personagens também deixaram de ter como características principais a preguiça, a postura desastrada e atrapalhada, a burrice ou a libido exagerada. O TEN não apenas incluiu os negros como protagonistas nos palcos, como também ampliou as possibilidades de os atores trabalharem sua dramaticidade, para além dos limitados papéis que até então eram reservados a eles¹²⁰.

Dessa forma, o TEN surgiu com o intuito de criticar os variados papéis subalternos que eram, e, ainda são impostos pela sociedade à população negra, intervindo politicamente e pedagogicamente na questão do preconceito e da discriminação racial. Aonde o grupo de Abdias Nascimento investiu na discussão sobre o papel da população negra na cultura nacional, algo que também era discutido por outros intelectuais como Beatriz Nascimento, Guerreiro Ramos, Lélia Gonzalez, entre outros, promovendo e participando de eventos políticos e artísticos, publicando livros e criando sua própria imprensa, como o Jornal “O Quilombo”. O jornal mostrava a realidade vivenciada pela população negra e discutia os variados temas de

¹¹⁸. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Dimensões e sobrevivências de pensamentos em educação em territórios africanos e afro brasileiros. In: **Negros, Território e Educação – NEM – Núcleo de Estudos Negros**, Florianópolis, 2000, p. 79.

¹¹⁹. Um dos grupos teatrais formados por negros e negras foi a Companhia Negra de Revista (CNR) fundada pelo artista baiano João Candido Ferreira, também conhecido como De Chocolate, e pelo cenógrafo português Jaime Silva, reunindo atores, atrizes e músicos, alguns dos quais já consagrados na época: Bonfiglio de Oliveira, Alfredo da Rocha Vianna Filho (mais conhecido como Pixinguinha), Guilherme Flores, Jandira Aimoré e Rosa Negra; ainda desconhecidos do público na época: Dalva Espíndola, Mingote e Osvaldo Viana. BACELAR, Jeferson. “**A história da Companhia Negra de Revistas**”; Nepomuceno, Testemunhos de poéticas negras: de Chocolate e a Companhia Negra de Revistas do Rio de Janeiro (1926-1927).

¹²⁰. ROCHA, Gabriel dos Santos. Sankofa. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. ano X, n. XX, dezembro/2017. p. 46.

interesse desse grupo, já que seus pensamentos eram suplantados pelo pensamento da branquitude nos meios de comunicações onde estes detinham o domínio.

Na abertura da Conferência Nacional do Negro em 1949, na Sede da Associação Brasileira da Imprensa (ABI), Abdias Nascimento proferiu um discurso em que coloca o TEN, não apenas como grupo que representa a dramaturgia e as artes cênicas:

O Teatro Experimental do Negro não é, apesar do nome, apenas uma entidade com objetivos artísticos. A necessidade da fundação deste movimento foi inspirada pelo imperativo da organização social da gente de cor, tendo em vista a elevação de seu nível cultural e seus valores individuais.¹²¹

Assim, o Teatro Experimental Negro deixa claro os seus objetivos para além das questões artísticas. O seu intuito também era criar uma organização na qual pudesse aumentar o nível cultural e intelectual da população negra, perante a sociedade excludente e racista. Embora, desde os anos de 1940, Abdias Nascimento tenha observado e criticado os papéis nos teatros reservados à população de cor – que ajudava na manutenção e criação de estereótipos – nos dias de hoje, seja no teatro ou nas novelas, ainda persistem certa estigmatização. Notadamente, são reservados os papéis subalternos aos atores e atrizes negras que, geralmente, não assumem função de protagonistas, mas papéis secundários. Muitas vezes, são trabalhadores/as que ocupam cargos de menor relevância, e que na maioria das vezes não necessitam de estudos para realiza-los, deixando implícito que o negro tem capacidade inferior para realizar certas funções que são por excelência, da branquitude. Segundo Silvio Almeida em seu livro *Racismo Estrutural*

O racismo estrutural constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciências e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes.¹²²

Nos próprios espaços sociais é visível a distinção, em pleno século XXI, onde nos grandes centros urbanos há a prevalência de pessoas brancas e nas periferias há a prevalência de negros. Tais separações espaciais reafirmam os papéis que, ao longo do tempo, foram sendo

¹²¹. NASCIMENTO, Abdias. “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro”. In: **Quilombo**, n. 3, junho de 1949. p.11.

¹²². ALMEIDA, Sílvia Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. (Feminismo Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro).

empurrados, graças ao processo histórico de exclusão de oportunidades educacionais e de mercado de trabalho, sobrando para os negros e negras as funções menos remuneradas.

Florentina da Silva Souza argumenta na mesma linha de Silvio Almeida,

A invisibilidade social do afro-brasileiro manifesta-se, ainda, na incapacidade de enxergá-lo fora dos papéis sociais a ele destinados pela sociedade. Em determinados papéis, a presença do afro-descendente é “naturalizada”; na maioria das cidades brasileiras vê-se como “normal”, por exemplo, um número majoritário de negros exercendo funções de subalternidade em empregos de baixa remuneração, circulando pelo centro da cidade e pelos chamados bairros nobres no exercício de tais funções, situações em que quase não são notados como pessoas, fazem parte do cenário – são invisíveis.¹²³

Na tentativa de mudar esta situação imposta para a população negra, ao longo da segunda metade do século XX, os movimentos organizados por pessoas negras vão ganhando visibilidade, a partir do surgimento de outros grupos representativos formados por negros e negras, com destaque para o Movimento Negro Unificado¹²⁴ (MNU) e o Movimento das Mulheres Negras (MMN) criado na década de 1970¹²⁵, em plena ditadura militar. Junto a outros movimentos, passam a reivindicar melhores condições de vida e o direito ao reconhecimento de sua importância no desenvolvimento da sociedade brasileira. Bem como, pela efetiva participação dos negros e negras que, até o momento, estavam quase totalmente excluídas dos mais variados setores da sociedade, inclusive da escola.

Segundo Lélia González, o MMU difere do FNB e do TEN, por não ter um líder com o poder de controlar o destino da organização; são os órgãos coletivos como o CLS (Centros de Luta) e o Congresso que tem o poder de decisão. O MMU se define como:

Um movimento político de reivindicação sem distinção de raça, sexo, educação, crença política ou religiosa e sem fins lucrativos. Seu objetivo é a mobilização e a organização da população negra brasileira em sua luta pela emancipação política, social, econômica e cultural, que tem sido obstada pelo preconceito racial e suas práticas. Ao mesmo tempo, o MMU também se propõe a denunciar as diferentes formas de opressão e exploração do povo brasileiro como um todo. Tendo como ponto de partida seu programa de ação, tenta articular os problemas específicos dos negros com os problemas gerais do povo brasileiro.¹²⁶

¹²³. SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendências em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Editora Autentica, 2006. p. 35.

¹²⁴. A criação do MNU data do ano de 1978, em decorrência do protesto pela morte do feirante Robson Silveira da Luz, torturado e morto por policiais do 44º departamento dos Guaianazes- SP, ao ser acusado de roubar frutas em seu local de trabalho. A agressividade da qual Robson sofrera, sem averiguação do caso, apenas por ser negro, fez com que negros e negras saíssem as ruas em protesto, nascendo assim o MNU, em tempos de Ditadura. Informações extraídas da Revista Raça “A origem do Movimento Negro no Brasil” edição 181. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/a-origem-do-movimento-negro-do-brasil>. Acesso em: 20 ago. 2021.

¹²⁵. GONÇALVES, Luiz Alberto de Oliveira. Negros e Educação no Brasil. In: LOPES, Elaine M. Teixeira (Org.) **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

¹²⁶. GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.) 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 119.

Dessa forma, o MMU se coloca como um movimento mais abrangente e com um diferencial, o poder de decisão não é de um líder. As decisões são tomadas em conjunto com os seus associados e líderes através de assembleias. Assim, a militância dos membros do MMU se expressa a partir de diferentes níveis, tanto os relacionados às organizações das comunidades nas lutas por seus direitos e suas necessidades mais diretas, quanto o de enfrentar os problemas mais amplos da sociedade em sua totalidade. Diante do papel que o MMU passou a representar na luta por uma sociedade mais justa, organizou associações como a de moradores de favelas, cursos de artes criativas para crianças das periferias das grandes cidades, participou das lutas do Movimento pela Anistia e em Defesa da Amazônia, se solidarizou com os movimentos dos trabalhadores e deu apoio às lutas pelos direitos dos presidiários¹²⁷, que era, e ainda é, em sua maioria compostos por negros e negras.

Embora tenham conseguido, ao longo da década de 1980 e 1990, algumas conquistas singulares nos espaços público e privados graças as lutas encabeçadas por esses Movimentos Negros, sobretudo no campo da educação. Muitas vezes, seus anseios foram suplantados pela cultura dominante que detém o lugar de fala nos mais variados espaços de poder. O discurso da população negra, frequentemente, é impedido de chegar a lugares dominados pela branquitude. Concordamos com Grada Kilomba a esse respeito quando ela diz que,

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas em nossa cultura, e mesmo em nós.”¹²⁸

Essa tentativa de silenciamento e de apagamento de memória é muito comum nas sociedades coloniais, como a nossa, onde fomos formados a partir do pensamento de uma supremacia branca. E que, para manter seu *status quo*, vem ao longo do tempo desqualificando boa parte daquilo que representa a população negra, como é o caso das religiões de matrizes africanas, onde a figura de Exu, por exemplo, é representada como a figura do diabo cristão¹²⁹, sendo que nas religiões de ascendências africanas e afro-brasileiras não existe esse dualismo entre Deus e o Diabo, como ocorre nas religiões cristãs. Porém, tais discursos utilizados pela cultura elitista dominante, acabou sobrepujando o verdadeiro sentido das religiões afro-

¹²⁷. GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (Org.) 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

¹²⁸. KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódio de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 51. Tradução Jess Oliveira.

¹²⁹. ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de; MOURA, Carlos André Silva de; SANTOS, Mário Ribeiro dos. Exu faz presença na sala de aula: reflexões sobre as práticas religiosas afro-brasileiras no Ensino Superior. **Revista História Hoje**, v. 11, n. 22, p. 327-348 – 2022.

brasileiras e africanas, que é um dos seus princípios básicos, a saber: a proteção dos seus membros e da natureza que está em sua volta.

Essas narrativas têm permeado, até os dias de hoje, os variados campos do saber. Onde a falta de conhecimento e o preconceito relacionado à cultura desse grupo populacional tem empurrado quase tudo o que se refere aos negros e negras para a margem da sociedade, deixando-os na invisibilidade. Não é que esse grupo não fale ou não questione, a questão é que seus discursos são muitas vezes apagados ou colocados em patamares inferiores pelos grupos dominantes, nas principais instituições do país. Até mesmo nos ambientes acadêmicos, tal procedimento ainda é muito comum. Sobre essa questão Nilma Lino Gomes argumenta que,

Mesmo os poucos negros que conseguiram romper a barreira racial e social, alguns deles atuando como escritores, jornalistas, artistas, docentes de universidades, pesquisadoras e pesquisadores, a partir da Abolição da Escravatura, em 1888, não foram reconhecidos publicamente (ou foram depois de muito tempo) como intelectuais e como produtores de um conhecimento crítico sobre a questão racial e africana, em particular, e sobre a realidade brasileira e do mundo, em geral.¹³⁰

Esse silenciamento foi tão eficiente na formação da sociedade brasileira que, muitas vezes, mesmo sendo professores, não conseguimos perceber os desmandos e efeitos que esse ensino voltado para uma história única (a do dominador europeu), têm causado a população em geral e, em especial, a negra. Segundo Paixão, os espaços escolares até os dias atuais são marcadamente discriminatórios e excludentes para esse grupo populacional. O que resulta em um aproveitamento desigual, o que exige maior empenho para que consigam atingir o sucesso escolar¹³¹. Pois, muitas vezes, as temáticas e a maneira de passar os conteúdos dentro das salas de aulas, geralmente – partindo de uma visão da branquitude colonialista – não têm o menor significado para os estudantes negros e negras na sala de aula, o que pode provocar a evasão escolar.

Em ambientes como esse, os estudantes negros e negras acabam enfrentando todos os tipos de racismos e estigmatização, afetando diretamente a sua subjetividade e criando barreiras que são difíceis de serem suplantadas. Por esses motivos, o sucesso escolar deles acaba sendo fracassado diante das dificuldades enfrentadas, algo que vem permeando a sociedade ao longo do tempo. Demonstrado por dados, historicamente conhecidos, do fato da população negra possuir um menor nível de escolarização, comparando-a com a população branca.

¹³⁰. GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In. COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFUGUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspóricas**. 2. ed. 3ª Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

¹³¹. PAIXÃO, Marcelo. **A Dialética do Bom Aluno**: relações raciais e o sistema educacional brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

No livro *Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula*, Ivone Martins de Oliveira, argumenta que

“o branquear”, “clarear a pele”, persiste até os dias atuais, intervindo no direcionamento das relações raciais. Para o branco do pós-abolição, a ideologia do branqueamento significava a possibilidade de uma sociedade mais “pura”, “bela”, “superior”, como a do “velho mundo”. Por outro lado, para o homem com traços físicos de negritude, livre, discriminado e marginalizado, sem possibilidade de ser aceito e de ascender social e economicamente em uma estrutura dominada por “brancos” – quanto maior o nível de embranqueamento maior a possibilidade de integração à estrutura social e econômica emergente ao fim da escravidão no país¹³².

Na mesma linha de pensamento, Paulo Martins Dias no artigo “A ideologia do branqueamento na educação e implicações para a população negra na sociedade brasileira”, diz que a atribuição de superioridade do branco, tem suas raízes no período escravagista que enquanto rebaixava o negro escravo, valorizava o branco; representado pelo senhor de engenho. O ideal de beleza e de sucesso estava associado à brancura, o que levava à conclusão de que o melhor era ser branco. Dessa forma o branco era sinônimo de sucesso e ser negro de fracasso. Assim, nos variados espaços de convivência social, a criança negra era forçada a perder a sua característica negra para obter a característica do branco¹³³, fato esse que ficou na subjetividade de boa parte da população negra e que, até os dias de hoje, não consegue se reconhecer como negro ou negra.

Este é um dos fatos que têm afetado diretamente o ensino/aprendizagem, a saber: essa desvalorização dos diferentes grupos sociais em detrimento à valorização de outros, sobretudo, no que concerne as questões religiosas, embora a Constituição de 1988 pregue a laicidade. Segundo Nilma Lino Gomes, a presença cada vez maior de educadores e educadoras vinculados às diferentes correntes do pentecostalismo nas escolas públicas têm ajudado a manter os estereótipos criados ao longo do tempo, que desvaloriza quase tudo que é ligado a cultura afro-brasileira e africana,

o currículo escolar com o ensinamento de dogmas religiosos, fundamentalistas e judaico-cristãos, discriminando, não somente a discursão sobre gênero e sexualidade, mas também tudo aquilo que consideram “do mal” e “do diabo”. Nesse cenário de extremismos os (as) estudantes, os (as) docentes e famílias vinculados às religiões de matriz africana e de terreiros têm sofrido perseguição, agressão, preconceito e violência dentro e fora da escola¹³⁴.

¹³². OLIVEIRA, Ivone Martins de. **Preconceito e autoconceito: identidade e interação na sala de aula**. 8. ed. Papirus Editora, 1994. p. 92-93.

¹³³. DIAS, Paulo Martins. A ideologia do branqueamento na educação e implicações para a população negra na sociedade brasileira. **Revista Aleph** - ISSN 1807-6211. Dezembro, 2014, ANO XI – n. 22.

¹³⁴. GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFUGUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e**

Tais denúncias demonstram o quanto está enraizada a questão do ensinar a partir de uma visão colonialista, discriminatória e de desrespeito a tudo aquilo que foge dos padrões das teorias do branqueamento¹³⁵. Essa visão que foi construída ao longo dos anos, onde mesmos os Congressos Afro-brasileiros organizados por sociólogos e antropólogos – na década de 1930 em Recife (1934) e em Salvador (1937) – exploraram temas que colocavam os negros e negras em patamares inferiores aos da população branca. Segundo Guerreiro Ramos, os temas tratados eram “os costumes, história, cultura e folclore das raças e povos africanos e afro-brasileiros, bem como o pitoresco da vida e das religiões de certa parcela de negros brasileiros”¹³⁶.

Embora tenha havido a participação de alguns intelectuais negros nesses congressos, predominava a visão do branco, uma visão que tratava esse grupo populacional, mais como um ser exótico, do que como brasileiros. Guerreiro Ramos vai emitir fortes críticas à forma como esses congressistas enxergavam os negros e negras na sociedade. E passa a desenvolver uma sociologia mais voltada para a realidade desse grupo populacional. O que seria uma sociologia engajada, cuja característica era a transformação da condição vivida, vendo-os a partir de sua situação fundamental, como sujeito histórico e atuante na produção do conhecimento¹³⁷. Ou seja, “o negro não será mais tratado como problema ou objeto, e sim como sujeito por essa sociologia engajada e militante”¹³⁸.

Diante dessa realidade, o Movimento Negro, do qual Guerreiro Ramos teve forte participação no decorrer do século XX, se empenhou em denunciar esses descasos que a sociedade brasileira possuía e possui em relação à população negra, e, como já frisamos, elegeram a educação como o marco de suas reivindicações. Dessa maneira, passaram a cobrar a inserção nos currículos das escolas brasileiras a História da África e Afro-Brasileiras, defendendo a importância do professor e da professora no processo de descolonização do ensino, ou seja, deixar este com mais “cores” dentro dos ambientes escolares. Entretanto, isso

pensamento afrodiaspóricos. 2. ed. 3ª Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidade). p. 231.

¹³⁵. Segundo Munanga o processo de branqueamento caracterizou-se pela represália da mestiçagem, colocando o negro e o mulato como a moléstia social, enfatizavam que as doenças e o fracasso na sociedade eram decorrentes dos povos negros. MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte, Autêntica: 2006.

¹³⁶. RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1995.

¹³⁷.Id. **A Redução sociológica**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1996.

¹³⁸. BERNARDINO-COSTA, Joaze. Convergência entre intelectuais do Atlântico Negro: Guerreiros Ramos, Frantz Fanon e Du Bois. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. 3ª imp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidade). p. 252.

não significava deixar de mostrar os conteúdos dos dominadores, mas também mostrar através da perspectiva da negritude, tirando-o do campo do objeto e trazendo para o campo do sujeito produtor de sua própria narrativa histórica. Segundo Gomes,

Os ativistas do Movimento Negro reconhecem que a educação não é a solução de todos os males, porém, ocupa um lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre “os Outros”, contribui na formação de quadros intelectuais e políticos e é constantemente usada pelo mercado de trabalho como critério de seleção de uns e exclusão de outros¹³⁹.

A partir desses movimentos, o olhar dos intelectuais negros foi de fundamental importância para que parte da sociedade que não percebia os negros e negras na sociedade, passasse de certa forma a enxergá-los como sujeitos, trazendo a discussão variadas temáticas voltadas para os anseios da população negra e problematizando sobre uma educação elaborada a partir do ponto de vista da população negra. Obviamente, com ênfase na história de luta e resistência dessa população que ao longo do tempo ficou fadada à invisibilidade.

Se hoje, segundo Nilma Lino Gomes, as obras de intelectuais negros e negras como Machado de Assis, Lima Barreto, Milton Santos, Chiquinha Gonzaga, Auta de Souza, Virgínia Bicudo, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Thereza Santos, Josildeth Consorte, Maria de Lurdes Siqueira, Conceição Evaristo, entre outros, são mais lidas e reconhecidas, isso não significa que sempre foi assim, durante suas trajetórias de vida¹⁴⁰. Os movimentos negros tiveram uma grande influência na divulgação e publicação das obras desses intelectuais negros, os tirando do ostracismo. Vale salientar também, se hoje alguns ambientes da sociedade brasileira, antes frequentados pela branquitude, estão mais coloridos (como a própria universidade, em cursos que eram majoritariamente frequentados por esse grupo social), isso é fruto dos debates e reivindicações dos movimentos negros em favor das ações afirmativas.

Foi dentro desse ambiente de contestação e reivindicações que, ao longo da década de 1990 e início dos anos 2000, foram aprovadas algumas Leis, entre elas, aquela que irá determinar a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Segundo Claudilene Silva, essa obrigatoriedade “foi fruto do embate histórico empreendido por este movimento em busca de caminhos possíveis para a construção e o fortalecimento de uma identidade étnico-racial positiva para a população negra no Brasil”¹⁴¹.

¹³⁹. GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Étnico-Racial, Inclusão e Equidade na Educação Brasileira: Desafios, Políticas e Práticas**. Trabalho apresentado no I Congresso Ibero-Luso-Brasileiro de Política e Administração da Educação, Portugal e Espanha, 2010a. p. 4.

¹⁴⁰. Ibid.

¹⁴¹. SILVA, Claudilene Maria da. **Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento**. Tese (Doutorado

Trilhando o caminho das lutas e da resistência pelo seu espaço dentro da sociedade brasileira, diversas Leis no final do século XX foram elaboradas e aprovadas em níveis locais (municipais e estaduais), buscando fortalecer a importância da luta antirracista¹⁴². Segundo Gomes, mesmo que essas Leis não tenham se efetivado como política pública, elas vão se tornar referências na elaboração da legislação Federal¹⁴³. Tendo como ponto de partida dessas reivindicações, a inclusão na Constituição de 1988, de alguns de seus ensejos, como o art. 68º dos ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias) promulgava que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”¹⁴⁴, garantindo dessa forma o direito de posse das terras herdadas dos seus antepassados. E no artigo 216 § 5º da Constituição, instituiu o tombamento de “documentos” e “sítios detentores de reminiscências de antigos quilombos”¹⁴⁵. O que determinava que os “remanescentes de quilombos” fossem reconhecidos como patrimônio cultural da nação.

Graças a esses artigos, diversas comunidades no Brasil foram reconhecidas como sendo remanescentes de quilombo e ganharam o direito de posse das terras onde residiam, porém, o artigo 68 da ADCT, por si só não garantia o direito às terras ocupadas, tendo em vista que na sua redação existia uma ambiguidade semântica, e aproveitando-se dessa ambivalência muitos proprietários de terras alegavam que por ser “remanescentes de comunidades quilombolas” o direito era individual e não coletivo. Diante dessa ambiguidade semântica, os antropólogos e estudiosos da área propõem a ressemantização do termo para “comunidades remanescentes de quilombos”¹⁴⁶. No entanto, muitas ainda nos dias de hoje continuam na luta incessante pelo reconhecimento e pela garantia de suas terras. No âmbito educacional, algumas Leis Federais começam a surgir no pós Constituição de 1988, objetivando de certa forma, inserir a população negra nos currículos das instituições de ensino, tendo em vista que, embora esse grupo

em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2015. p. 28.

¹⁴². A Constituição do Estado da Bahia, promulgada em 1989; a Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte/MG, promulgada em 1990; a Lei nº 6.889, de 5/9/1991, do município de Porto Alegre/RS; a Lei nº 7.685/94, de 17/1/1994, do município de Belém/PA; a Lei nº 2.221, de 30/11/1994, do município de Aracaju/SE; a Lei nº 2.251, de 31/3/95, do município de Aracaju/SE; a Lei nº 11.973, de 4/1/96, do município de São Paulo/SP; a Lei nº 2.639, de 16/3/98, do município de Teresina/PI; e a Lei nº 1.187, de 13/9/96, de Brasília-DF (SANTOS, 2005).

¹⁴³. GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Étnico-Racial, Inclusão e Equidade na Educação Brasileira: Desafios, Políticas e Práticas**. Trabalho apresentado no I Congresso Ibero-Luso-Brasileiro de Política e Administração da Educação, Portugal e Espanha, 2010a.

¹⁴⁴. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em 15 de setembro de 2020

¹⁴⁵. Ibid.

¹⁴⁶. ARRUTI, José M. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 23, p. 107 -141, jan/abr de 2017.

populacional tenha influenciado em todos os âmbitos culturais brasileiros, pouco de sua cultura era valorizada nos ambientes escolares. Assim, segundo Claudilene,

A LDB, alterada pela Lei nº 10.639/03, o Parecer CNE/CP 03/2004 e a Resolução nº 01/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, bem como o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003, Compõem o conjunto de documentos indispensáveis ao conhecimento de gestores/as, professores/as e outros profissionais da educação comprometidos com uma educação de qualidade para todos¹⁴⁷.

Como percebemos, desde os seus primórdios, os movimentos negros no Brasil têm questionado as bases epistemológicas dos currículos escolares e acusado as escolas e as universidades como instituições que reproduzem o racismo. Como fruto desse processo, temos a alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº. 9.394/96¹⁴⁸, com a promulgação da Lei nº. 10.639/03¹⁴⁹, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira e, em 2008, a inclusão da Lei nº. 11.645/08¹⁵⁰ que define a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena em todo o currículo escolar. Assim como a Lei 12.711/12, de agosto de 2012, que garante o acesso ao ensino superior para alunos oriundos de baixa renda, negros, pardos e indígenas e quilombolas.

¹⁴⁷. SILVA, Claudilene Maria da. **Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras**: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2015. p. 28.

¹⁴⁸. BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

¹⁴⁹.Id. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

¹⁵⁰.Id. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

2.2. As Leis afirmativas e sua aplicabilidade nos ambientes escolares: por um ensino mais “colorido”

Uma das primeiras Leis afirmativas no âmbito nacional foi a 10.639/2003, sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 09 de janeiro de 2003, como um dos seus primeiros atos de governo, alterando a Lei 9394/1996, de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), ao introduzir os artigos 26A e 79B, determinando a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas brasileiras públicas e privadas do Ensino Fundamental e Médio. Assim como foi incluído o dia 20 de novembro, data do aniversário de Morte de Zumbi dos Palmares, como “Dia Nacional da Consciência Negra” no calendário escolar. Nesses artigos, foram incluídos os conteúdos e áreas do conhecimento nos quais devem ser vivenciados, não excluindo a responsabilidade de outras áreas:

Os estudos da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas, social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil (Art. 26-A, § 1º). Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileiras (Art. 26-A, § 2º)¹⁵¹.

Essa Lei propõe algumas mudanças epistemológicas na forma como o ensino deve ser vivenciado, buscando dar visibilidade as contribuições de outros grupos sociais. De acordo com Gomes, esses documentos, além do cumprimento legal, questionam a concepção de educação e propõem uma mudança estrutural, conceitual, epistemológica e política que abranja, de forma positiva, a sociedade com o incremento de propostas comprometidas com a superação do racismo vigente no seio da sociedade brasileira¹⁵². De certa forma, embora chegando muito tarde, essas políticas afirmativas vieram atender as aspirações dos movimentos negros, e de outros grupos sociais sensíveis a causa, no sentido de reparar os danos que a sociedade brasileira vinha impondo ao longo do tempo à população negra, onde nas salas de aulas e nos materiais didáticos, pouco ou quase nenhum espaço era reservado para conteúdos relacionados a esse grupo populacional. Entendemos assim como Grada Kilomba que,

Para descolonizar o conhecimento, temos que entender que todos/as nós falamos de tempos e de lugares específicos, a partir de realidades e histórias específicas. Não

¹⁵¹. BRASIL. Lei Dacy Ribeiro (1996). **Lei de diretrizes e bases da educação**. 3. ed., Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006. p. 26.

¹⁵². GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículos sem fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

existem discursos neutros. Quando os acadêmicos/as brancos/as afirmam ter um discurso neutro e objetivo, eles/as não estão reconhecendo que também escrevem a partir de um lugar específico, que, naturalmente, não é neutro, nem objetivo, tampouco universal, mas dominante. Eles/as escrevem a partir de um lugar de poder. Há esta anedota: uma mulher Negra diz que ela é uma mulher Negra, uma mulher branca diz que ela é uma mulher, um homem branco diz que é uma pessoa. Branquitude, como outras identidades no poder, permanecem sem nome. É um centro ausente, uma identidade que se coloca no centro de tudo, mas tal centralidade não é reconhecida como relevante, porque é apresentada como sinônimo de humano. Em geral, pessoas brancas não se veem como brancas, mas sim, como pessoas. A branquitude é sentida como a condição humana. No entanto, é justamente esta equação que assegura que a branquitude continue sendo uma identidade que marca outras, permanecendo não marcada. E acreditem em mim, não existe uma posição mais privilegiada do que ser apenas a norma e a normalidade. Descolonizar o conhecimento significa criar novas configurações de conhecimento e de poder. Então, se minhas palavras parecem preocupadas demais em narrar posições e subjetividade como parte do discurso, vale a pena lembrar que a teoria não é universal nem neutra, mas sempre localizada em algum lugar e sempre escrita por alguém, e que este alguém tem uma história.¹⁵³

A inclusão desses artigos chamou a discussão para uma temática que a sociedade brasileira – formada a partir do pensamento colonial determinado pela branquitude – teimava em não discutir. Embora tenha sofrido algumas críticas na época, por não delinear como seriam aplicadas e fiscalizadas a sua implementação, assim como não se referia, como pudemos observar, sobre a questão da qualificação dos professores e professoras. Da mesma forma, como não inclui outros níveis e modalidades de ensino, a exemplo, da educação infantil e da educação de jovens e adultos (EJA), bem como o ensino superior¹⁵⁴. Muitas críticas foram tecidas justamente, no que concerne à não inserção desta última modalidade, tendo em vista que os educadores haviam sido formados em um período anterior a esta Lei e os currículos do ensino superior, em sua maioria, predominava o eurocentrismo. E para ministrar tais temáticas, os professores e professoras – para além da simples reprodução de conteúdo – precisavam de embasamento teórico e metodológico para colocar em prática a educação das relações étnico-raciais.

Por outro lado, a partir desse momento a não observância do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos escolares do Ensino Regular, significava infringir a Lei que determinava a obrigatoriedade do ensino dos conteúdos voltados para essa área do conhecimento. Porém, pouco tempo depois, dois documentos emitidos pelo Conselho Nacional

¹⁵³. Kilomba, G. **Descolonizando o conhecimento** - Uma Palestra-Performance (J. Oliveira, Trad.). 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra/>. Acesso em: 15 jan. 2022. p. 17.

¹⁵⁴. ARAÚJO, Jurandir de Almeida; GIUGLIANI, Beatriz. Por uma educação das relações étnico-raciais. **Revista de Educação Ciências e tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, 2014.

de Educação (CNE) vieram nortear e direcionar a implementação dessa Lei: o Parecer CNE/CP 03/2004 e a Resolução CNE/CP 01/2004.

O Parecer CNE/CP 03/2004, elaborado com a supervisão de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, a partir de consultas a várias pessoas e grupos dos Movimentos Negros, assim como, a diversos órgãos estaduais e municipais, professores e professoras que estudavam a temática das relações étnico-raciais, elaboraram referências para a implementação da Lei 10.639/03, mostrando os caminhos a serem trilhados pelas equipes das escolas brasileiras, nas palavras de Silva,

O documento oferece caminhos possíveis para que os sistemas de ensino tenham parâmetros e condições de efetivar os preceitos da Lei nº 10.639/03, explicita os princípios orientadores da política educacional e faz recomendações para a formação de professoras e professores, a forma e os conteúdos que devem ser abordados, a necessidade de investimentos em pesquisas, bem como a produção e aquisição de materiais didáticos.¹⁵⁵

Assim, o parecer vem suprir umas das principais críticas feitas à Lei, no que concerne aos conteúdos que seriam abordados e a formação de professores e professoras. Tendo em vista que a maioria destes haviam sido formados em um período no qual os estudos sobre os africanos e afro-brasileiros dentro das Universidades eram pouco vivenciados. O próprio documento informa que,

procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento Etnicorracial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada¹⁵⁶.

Ele propõe a criação nas escolas de espaços positivos para as diferenças étnico-raciais, oferecendo oportunidades aos estudantes de se reconhecerem, independentemente de sua cor, raça ou etnia, sem valorizar um grupo social em detrimento do outro. O conceito de raça no termo educação das relações étnico-raciais é definido como:

¹⁵⁵. SILVA, Claudilene Maria da. **Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras**: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2015. p. 29-30.

¹⁵⁶. BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 03/2004**. Aprovado em 10 de março de 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12746-cp-2004>. Acesso em: 20 ago. 2021.

[...] uma construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.¹⁵⁷

E o conceito etnia:

[...] serve para marcar que essas relações tensas, devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos, o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática.¹⁵⁸

Dessa forma, a educação das (e para as) relações étnico-raciais se fundamenta como uma política de reconhecimento que requer adoções de políticas educacionais que valorizem a diversidade, objetivando superar as desigualdades étnico-raciais presentes na sociedade, bem como de reparação para a educação dos negros e negras que, ao longo do tempo, sofreram com a falta de apoio e com o preconceito e o racismo dentro dos variados espaços de poder, inclusive nos centros educacionais brasileiro. Sendo assim, o documento busca “[...] a valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos”¹⁵⁹, tendo em vista que ao longo do tempo o ensino era voltado para a branquitude, o que acabou gerando enormes distorções que, atualmente, ainda são muito visíveis nos variados espaços da sociedade brasileira. No entendimento de Paixão, ao qual concordamos, o negro e negra

enfrentam uma série de problemas especificamente típicos desse grupo – a) a entrada precoce deste grupo no mercado de trabalho; b) a baixa qualidade do ensino público, onde se concentra a maioria dos estudantes afro descendentes, que não contribui para promover a construção do conhecimento; c) imposição de um conteúdo programático que não valoriza o universo dos afro descendentes e, portanto, não estimula a elevação de sua autoestima; d) a presença do racismo e do preconceito na sala de aula e no ambiente escolar, que reduz o estímulo à continuidade dos estudos; e) a falta relativa de bons exemplos no mercado de trabalho que possam sinalizar melhores perspectivas

¹⁵⁷. Ibid. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004a. p.14

¹⁵⁸. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004a. p.14

¹⁵⁹. Ibid. p. 6.

de retorno profissional financeiro mediante o esforço em prol da continuidade dos estudos.¹⁶⁰

Como reação a esta situação vivenciadas por muitos estudantes negros e negras nos ambientes escolares (que muitas vezes passam despercebidos), a comunidade escolar passa a ter com essas Leis a obrigação: de a) criar estratégias e colocar em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) a vivência de conteúdos relacionados as temáticas afirmativas que valorizem outros grupos sociais que até então estavam de certa forma na invisibilidade; e b) desenvolver estratégias de combate e enfrentamento ao racismo – que faz parte da estrutura social brasileira.

Outro documento norteador que vem a agregar valor às políticas de enfrentamento e valorização da população negra é a Resolução CNE/CP 01/2004. Fundamentada no referido parecer que irá instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem adotadas pelas variadas instituições de ensino, e nas diversas modalidades de ensino da educação brasileira, principalmente aquelas que atuam em programas de formação inicial e continuada dos professores e professoras; e ainda destaca que as instituições de ensino serão avaliadas pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares, como premissa para o funcionamento do estabelecimento¹⁶¹.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira deixam claro que “têm por meta promover educação cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática”¹⁶². E será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas instituições de ensino e seus professores e professoras, com apoio e supervisões dos órgãos de ensino. O parecer também indica possíveis parceiros para fortalecer o ensino de tais temática, como os Movimentos Negros, grupos culturais negros, entre outros canais de comunicação, com a finalidade de troca de experiências¹⁶³.

Todavia, segundo Silva, para que sejam concretizadas essas políticas afirmativas, é de fundamental importância a mobilização da sociedade civil para que o direito à diversidade étnico-racial seja garantido nas escolas, nos currículos, nos projetos político-pedagógicos, na

¹⁶⁰. PAIXÃO, Marcelo. **Manifesto antirracista**: ideias em prol de uma utopia chamada Brasil. Rio de Janeiro:DP&A; LPP/UERJ, 2006. p. 87-88.

¹⁶¹. BRASIL. **CNE/CP Resolução 1/2004**. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, seção 1

¹⁶².Ibid. p. 11.

¹⁶³. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 3/2004**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004a.

formação dos professores e nas políticas educacionais¹⁶⁴. Esses documentos buscam romper com as estruturas sociais vigentes, buscando retirar a população de sua área de conforto, convidando a discutir um tema que ao longo do tempo foi deixado no campo do esquecimento. Dessa forma, o conjunto de documentos voltados para o reconhecimento e reparação, deve ser entendido como uma política de ações afirmativas que tem como premissa corrigir desigualdades raciais e sociais que foram construídas ao longo do tempo, e que para concretizar deverá ser “[...] orientada para oferecer tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalizações criadas e mantidas por estruturas sociais excludentes e discriminatórias”¹⁶⁵. Assim segundo Silva,

[...] A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos¹⁶⁶.

Nesta perspectiva, podemos inferir que para construir uma educação das (e para as) relações étnico-raciais, dependerão das escolhas políticas assumidas por cada professor e professora, equipe pedagógica e pelo PPP (Projeto Político Pedagógico) desenvolvido pelas instituições de ensino. Sendo assim, os docentes e instituições que optarem em estabelecer relações positivas com as diferenças étnico-raciais devem procurar desarticular suas amarras coloniais do racismo e estereótipos, que persistem em permanecer na sociedade brasileira. Entendemos que não será fácil, devido à estrutura social estabelecida ao longo dos mais de quinhentos anos.

Diante das dificuldades para implementação e vivências nos ambientes escolares em consonância com as referidas Leis, em 13 de maio de 2009, foi lançado o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O referido documento

¹⁶⁴. GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na Educação Brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 1, p. 109-121, 2011.

¹⁶⁵. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 3/2004**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 mai. 2004a. p. 12.

¹⁶⁶. SILVA, P. B. G. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Educação, Porto Alegre, v. 30, n.3, p. 489-506, set./dez. 2007. P. 499.

foi elaborado com a participação da sociedade civil, do Movimento Negro e de diversas instituições, tais como: a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED); a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME); e a Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED). Cujo objetivo foi fortalecer e institucionalizar as orientações disponibilizadas na Lei nº 10.639/2003, no Parecer CNE/CP 31 03/2004 e na Resolução CNE/PC 01/2004, destinadas às instituições educacionais sobre suas atribuições na implementação dessas políticas.

O documento propõe mudanças mais efetivas às instituições de ensino, que é chamada a refletir sobre e para a educação. Consoante com os anseios da população negra, enfatizando a construção de representações sociais positivas que encarem as diferentes origens culturais de nossa população como um valor. Ao mesmo tempo, é primordial a criação de ambientes escolares que permitam a diversidade, manifestando-se de forma criativa e transformadora na superação dos preconceitos e discriminações étnico-raciais. Partindo da assertiva de que o racismo antinegro constitui o elemento estruturador das relações sociais e institucionais brasileira¹⁶⁷, as leis afirmativas propõem e determinam mudanças na estrutura. Como bem frisou Gonçalves e Silva,

Uma sociedade cuja herança da colonização europeia é valorizada, não como um dos componentes da cultura nacional, mas como aquele em que todos deveriam privilegiadamente se pautar, os descendentes de europeus estão convencidos de que os valores, conhecimentos, tradições que herdaram de seus avós migrantes são universais¹⁶⁸.

Em pleno século XXI, este pensamento nunca esteve tão vivo na sociedade brasileira. Diversos grupos, sobretudo da branquitude mais abastada, têm defendido essas ideias e se posicionado contrários às políticas de reparação fomentadas pelos governantes. Mesmo após longos anos de debates na tentativa de criar uma sociedade mais justa e fraterna, onde os negros e negras deixem de ser tratados como objetos e passem a ser sujeitos produtores de sua própria história, visualizamos resistências racistas.

Para essa mudança, mesmo que não seja a única solução para todos os problemas enfrentados pela população negra, a educação pode se tornar uma importante ferramenta para a

¹⁶⁷. SILVA, Claudilene Maria da. **Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras**: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2015.

¹⁶⁸. GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Lei nº 10.639/2003 – 10 ANOS. **Revista Interfaces de Saberes**, Caruaru, v. 1, n. 13, p. 1–13, 2013. p. 2.

desconstrução de alguns mitos e estereótipos criados ao longo do tempo. Como aquele que diz que o negro é bom para o trabalho braçal e péssimo para o trabalho intelectual, como bem frisou Silvio Almeida

Mesmo hoje, quando as teorias racistas estão desmoralizadas nos meios acadêmicos e nos círculos intelectuais que as gestaram, na cultura popular ainda é possível ouvir sobre a inaptidão dos negros para certas tarefas que exigem preparo intelectual, senso de estratégias e autoconfiança como professor, médico, advogado, goleiro, técnico de futebol ou administrador¹⁶⁹.

No que concerne a esta questão, o autor faz alguns questionamentos como, por exemplo, por qual motivo pessoas negras como ele, não percebem a desigualdade social nos seus envoltos? O que nos leva a naturalizar a falta de pessoas negras em variados espaços, como no parlamento, em escritórios de advocacia, em cursos de medicina, entre outros? O que nos leva a achar normal pessoas negras na maioria dos trabalhos precários, nos presídios, e como moradores de rua? Por qual motivo ao vermos um morador de rua de pele branca, temos a impressão de que alguma coisa está “fora de lugar”? Para o referido autor, essas questões só podem ser respondidas se entendermos que “o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais”¹⁷⁰. No livro *Lugar de Negro*, Lélia Gonzalez também fala sobre os espaços reservados aos negros e negras,

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos ‘habitacionais’ (cujos modelos são guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço¹⁷¹.

Conhecendo esta situação vivenciada pelos negros e negras no país, acreditamos que o enfrentamento às discriminações históricas deve se dar a partir da consideração das possibilidades de mudança que vise a valorização da identidade negra, de pressões e negociações institucionais, além de reflexões e ações concretas na sociedade¹⁷², como a

¹⁶⁹. ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. (Feminismo Plurais/coordenação Djamila Ribeiro). p. 62.

¹⁷⁰. ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021. (Feminismo Plurais/coordenação Djamila Ribeiro). p. 63.

¹⁷¹. GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

¹⁷². RIBEIRO, M. Políticas de promoção da igualdade racial: impulso às ações afirmativas e à educação étnico-racial. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.16, n.33, p. 109-126, Jul./Dez. 2014.

implementação de Leis e a sua efetiva concretude, visando reparar tais desigualdades que foram sendo impostas e estigmatizadas ao longo do tempo.

Diante de nossas vivências nos ambientes escolares, percebemos que a maioria dos professores e professoras mesmo diante das leis ainda são hostis ao ensino e aceitação de tais conteúdos, o que interfere de forma significativa na aplicabilidade e na desconstrução do preconceito e dos estereótipos que foram criados. Aliás, não só por parte de professores e professoras, mas também por rejeição de pais e responsáveis, sobretudo por estarem inseridos em uma sociedade em que desvalorizavam quase tudo que se refere à população negra. É importante entender que a maioria da população é fruto de uma sociedade baseada nos princípios cristãos. Além de estarem inseridos nesse lugar, os professores e professoras são frutos de uma universidade que prioriza um currículo eurocêntrico, com primazia dos conteúdos da branquitude colonialista, onde há pouca ou quase nenhuma discussão de conteúdos que vise ao protagonismo do povo negro, ou de outras culturas que não a europeia, o que acaba contribuindo com a perpetuação do pensamento dos grupos dominantes.

Por esse e outros motivos, ainda há primazia no currículo de história da maioria das escolas brasileiras à eurocêntrica colonialista. O que deixa as outras histórias à mercê da boa vontade de alguns professores e equipes pedagógicas das escolas. Todavia, o professor e a professora como fruto dessa sociedade de imposição do pensamento branco elitista, carrega em seu psicológico uma visão pejorativa do negro, ligando-o em certas ocasiões a algo ruim. Ainda quando muitos (as) são de pele escura, eles (as) não se reconhecem como negros ou negras. E mesmo quando se reconhecem, carregam uma visão estereotipada, sobretudo, das religiões e cultura africana e afro-brasileira.

Estas representações estereotipadas dos negros e negras na sociedade brasileira foram sendo construídas ao longo do tempo, em jornais, revistas, televisão, cinemas, histórias em quadrinhos e nos próprios livros didáticos, no sentido de inferiorizar a população negra, explícita ou implicitamente. Os próprios livros usados pelos estudantes ao longo do tempo estão carregados de estereótipos e preconceitos. Em pesquisa realizada em livros de língua portuguesa do 4º ano do ensino fundamental de 1975 a 2003, períodos anteriores à criação das leis afirmativas, Silva constatou que os personagens negros pouco figuravam nos livros didáticos. Todavia, quando eram representados, geralmente, eram de forma grotesca e estereotipada. Além de, normalmente, associados as atividades de menor prestígio social¹⁷³, o

¹⁷³. SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Personagens negros e brancos em ilustrações de livro didáticos de língua portuguesa. In: **Seminário de pesquisa da região Sul**, Santa Maria, RS, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT21-1808--Int.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

que converge com as observações feitas por Lélia Gonzales, Silvio Almeida, Petronilha Beatriz entre outros.

Tais representações acabaram influenciando de forma negativa os estudantes negros e negras, tendo em vista que não se reconhecem nas imagens representadas pelos livros didáticos. Nesse sentido, Gomes alega – e concordamos com ela – que o estudante ao olhar para o livro e observar seu grupo étnico, executando atividades que não são prestigiadas pela sociedade, começa a desenvolver um processo de auto rejeição, negando o seu pertencimento e sua identidade étnica¹⁷⁴. No livro *A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação*, Marc Ferro nos alerta: “Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida”¹⁷⁵. Como professor corroboramos com esse entendimento, pois, acreditamos que a visão de mundo que utilizamos ao compartilhar o conhecimento marcará de forma positiva ou negativa a vida dos estudantes.

Compartilhamos da ideia de que as leis afirmativas foram criadas justamente para promover mudanças na maneira do professor, equipe pedagógica e editoras de materiais didáticos – obviamente, além da própria sociedade – abordarem a representação negra. Essa abordagem se materializa no sentido de dar maior visibilidade à população negra. Assim como mudar a maneira de representação das imagens que foram produzidas e expostas ao longo do tempo. Graças a essas leis, nos dias de hoje, os livros didáticos, assim como outros materiais que fazem parte da cultura escolar têm de certa forma mudado um pouco, dando maior visibilidade às temáticas relacionadas à população negra.

Em suas análises dos livros didáticos produzidos após a criação da Lei 10.639/2003, Caio Pinheiro Oliveira concluiu que no geral houve uma maior valorização dos conteúdos relacionados à população negra, sua maior ou menor densidade irá depender de alguns fatores, tais como: “interesses editoriais, regulação legislativa, orientação político-ideológica dos autores, são alguns dos múltiplos fatores que influenciam nas alterações das representações acerca dos negros e negras nos livros didáticos de história”¹⁷⁶. Porém, mesmo diante de

¹⁷⁴. GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.639/03**, Brasília: Ministério da Educação, 2005.

¹⁷⁵. FERRO, Marc. *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação*. Tradução de Wladimir Araújo. São Paulo: IBRASA, 1983. P. 57, apud OLIVEIRA, Caio Pinheiro. **As representações sobre o negro nos livros didáticos antes e depois da lei nº 10.639/03**. Disponível em: http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1506700880_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETO-IVENCONTROESTADUALDEHISTORIA-CAIOPINHEIROOLIVEIRA.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

¹⁷⁶. OLIVEIRA Caio Pinheiro. **As representações sobre o negro nos livros didáticos antes e depois da lei nº 10.639/03**. Disponível em: <http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources>

variadas leis que norteiam e obrigam o ensino da história da cultura afro-brasileira e africana, ainda não é vivenciado de forma plena em boa parte das escolas. Até mesmo, nas universidades do país, o ensino de tais temáticas é reservado para aqueles que norteiam os livros didáticos e para comemoração de datas comemorativas, como o dia 13 de maio e o 20 de novembro, muitas vezes de forma estereotipadas e folclorizada¹⁷⁷.

Dessa forma, é urgente e necessária a efetivação das leis nos variados espaços da sociedade oportunizando aos grupos sociais que, ao longo do tempo, sofreram com o processo de desconstrução de suas identidades culturais. Como, no geral, é o caso da população negra e indígena, além das comunidades remanescentes de quilombos, em especial, que na sociedade sofreram e ainda sofrem com a estigmatização. Segundo O'Dwyer assumir a identidade de quilombola é estar disposto a carregar as marcas e os estigmas de um passado de escravidão que se alimentou e se reinventou até hoje¹⁷⁸.

Embora, desde a Constituição de 1988 houvesse uma ADCT direcionada aos Remanescentes de Quilombo no que se refere à questão da Terra, no campo educacional não existia ações efetivas direcionadas para esse aparato social. Porém, no ano de 2006 a SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), publica o guia de orientações e ações para implementação da Lei 10.639/2003, onde a educação quilombola passa a ser citada através de um item específico, relativo tanto às escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos, quanto às escolas que atendem quilombolas. Porém, só dez anos depois, vai ser consolidada uma lista com as principais ações para a educação em regiões ocupadas por remanescentes de quilombos, através do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História Afro-brasileira e Africana¹⁷⁹.

Concomitante com os anseios das lideranças das comunidades remanescentes de quilombola, a educação escolar quilombola passou a ser definida como uma nova modalidade de educação:

[/anais/8/1506700880_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETOIVENCONTROESTADUALDEHISTORIA-CAIOPINHEIROOLIVEIRA.pdf](#)

¹⁷⁷. SILVA, Claudilene. O Processo de Implementação da Lei nº 10.639/03 na Rede Municipal de Ensino do Recife. In: AGUIAR, Márcia Ângela da S. et al. (Org.). **Educação e Diversidade**: estudos e pesquisas. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos Ed., 2009.

¹⁷⁸. O'DWYER, Eliane Cantarino. **Processos identitários e a produção da etnicidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

¹⁷⁹. BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

Art. 41. A educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira.

Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, devem ser reconhecidas, a valorização e diversidade cultural.¹⁸⁰

Assim, as populações das comunidades remanescentes de quilombos passaram a ter direito a uma educação diferenciada, de acordo com as especificidades da localidade à qual estavam inseridos, a materiais específicos, a um cardápio de merendas diferenciadas. Assim como, dentro das “políticas de redistribuições”, passaram a ter direitos a repasses diferenciados de recursos e à reserva de uma cota especial no interior das políticas universais, na tentativa de corrigir a situação de exclusão na qual muitos estavam e ainda estão inseridos. Porém, em muitas comunidades, essa realidade proposta pelos documentos ainda está distante de conquistar a plenitude de suas determinações.

Essas ações afirmativas criadas como forma de inserir o negro, a negra e a população quilombola na sociedade, como a Lei das cotas 12711/12 que foi sancionada quase dez anos depois da implementação das primeiras Ações Afirmativas¹⁸¹, em agosto de 2012, estabelecendo cotas de no mínimo 50% das vagas nas instituições para estudantes que tenham estudado o ensino médio em escolas públicas, sobretudo os de baixa renda, com a finalidade de amenizar as disparidades raciais dentro das universidades de todo país. Embora desde o ano de 2003 algumas universidades, como a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), já vinham implementando o sistema de cotas raciais, esta Lei veio ratificar¹⁸². Entretanto, desde a sua implementação, tem gerado debates contrários ao sistema de cotas por parte de algumas grandes universidades, alegando, sobretudo, que tais políticas de inclusão da população negra, indígenas e de baixa renda iriam desvalorizar tais instituições. Sales Augusto dos Santos afirma,

que alguns cientistas sociais são contrários às cotas para negros por desconsiderarem a produção acadêmica sobre o tema, tratando-o como futurologia, afastando-se da

¹⁸⁰. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. P. 46

¹⁸¹. GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.639/03**, Brasília: Ministério da Educação, 2005.

¹⁸². GUARNIERI, Fernanda Vieira; MELO- SILVA, Lucy Leal. **Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 21, Número 2, Maio/Agosto de 2017: 183-193. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/4jyF7L8ncM6QTvKM3TzjdGj/?lang=pt#> Acesso: 25/08/2021. Acessado em: 20/01/2022.

construção de conhecimento fundamentado em pesquisas e no rigor acadêmico. As afirmações encontram-se esvaziadas de conteúdo, como “as cotas para negros nos vestibulares das universidades públicas vão *racializar* a sociedade brasileira”, ou ainda, ‘vai haver uma divisão racial do Brasil’, ou ‘divisões perigosas’, entre outras insustentáveis previsões catastróficas”.¹⁸³

Sales ainda destaca que:

a) mesmo os autores que são contra as cotas para negros nos vestibulares admitem que a sociedade brasileira discrimina racialmente os negros; b) o futuro passa a ser um dos argumentos desses autores contra o sistema de cotas, visto que eles descortinam, com a implementação das políticas de ação afirmativa para negros, cenários de conflito racial aberto. A partir dessas considerações é concluído por esses cientistas sociais que a implementação das cotas acirrará as tensões raciais existentes e provocará uma “cisão racial” no Brasil.¹⁸⁴

Entendendo que a educação é um dos produtos geradores de ascensão social dos indivíduos, no qual as classes desfavorecidas têm a oportunidade de terem suas vidas equiparadas, as políticas afirmativas, assim como as de cotas, se fazem importantes para a ruptura das barreiras educativas e sociais existentes em nosso país. E de certa forma, todas estas leis criadas a partir de 2003 passaram a colocar em xeque o modelo único de ensino nas escolas brasileiras, onde os conteúdos eram voltados para um ensino hierarquizado que privilegiava as culturas europeias, em detrimento de outras culturas como a africana, indígena, asiática e americanas.

É dentro da perspectiva de contribuir com os estudos das relações étnico-raciais que pretendemos produzir uma História em Quadrinho (HQ). Pois, entendemos que a produção de materiais que envolva a ludicidade voltada para a Educação das Relações Étnico-Raciais é de fundamental importância para a divulgação de conteúdos que, por muito tempo, ficaram presos nos porões da História, como foi o caso do quilombo objeto de nosso estudo.

¹⁸³. SANTOS, Sales Augusto et al. Ações Afirmativas: Polêmicas e Possibilidades sobre Igualdade Racial e Papel do Estado. In: RIBEIRO, Matilde; PIOVESAN, Flávia (Coord.). Dossiê – “120 anos da Abolição da Escravidão no Brasil: Um processo ainda inacabado”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Universidade e Santa Catarina, v.16, n. 3, p. 913-28, 2008, p. 921.

¹⁸⁴. SANTOS, Sales Augusto et al. Ações Afirmativas: Polêmicas e Possibilidades sobre Igualdade Racial e Papel do Estado. In: RIBEIRO, Matilde; PIOVESAN, Flávia (Coord.). Dossiê – “120 anos da Abolição da Escravidão no Brasil: Um processo ainda inacabado”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Universidade e Santa Catarina, v.16, n. 3, p. 913-28, 2008, p. 922.

3. A INSERÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQS) NO AMBIENTE ESCOLAR COMO OBJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

3.1 O contexto das Histórias em Quadrinhos (HQS) na educação brasileira

O uso de imagem articulada ao texto é utilizado desde um período longínquo. Porém, o uso desse material torna-se cada vez mais comum após a popularização dos meios de comunicação impressos e, conseqüentemente, o seu consumo massivo. Antes de nos determos na questão do uso das HQs na sala de aula, é necessário entender o conceito desse gênero textual e quais os principais elementos que o compõe. Para os estudiosos dos quadrinhos, como Ramos,¹⁸⁵ essas narrativas gráficas gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Einsner¹⁸⁶ considera os quadrinhos como uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar ou dramatizar uma ideia.

Já McCloud¹⁸⁷ definiu HQ como imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberadas. Dessa forma, a partir dessas definições, podemos inferir que os elementos básicos para constituir uma HQ são quadros múltiplos de imagens justapostas. Porém, não vamos nos deter a essas questões por não contribuir de forma direta com o que objetivamos discutir, que é a questão dos quadrinhos no contexto educacional.

Embora, atualmente, o uso de História em Quadrinhos (HQS) ou Gibis,¹⁸⁸ como ficaram popularmente conhecidos no território brasileiro, esteja cada vez mais presente nos ambientes escolares como ferramenta de ensino/aprendizagem. É importante salientar que nem sempre foi assim, pois houve um momento em que os jovens eram proibidos de comprarem e lerem tais materiais, tendo em vista que algumas “autoridades” consideravam muitas temáticas expostas

¹⁸⁵. RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto 2021.

¹⁸⁶. EISNER, WILL. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁸⁷ McCloud, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Book, 2004.

¹⁸⁸. Revista destinada a publicação de histórias em quadrinhos. *Gibi* era o nome da mais famosa revista de HQ do Brasil, nos anos quarenta. A palavra significava ‘menino preto, negrinho’, tal qual o personagem que figurava nas capas da revista. Foi tão grande a sua popularidade, que o nome *gibi* passou a designar qualquer revista do gênero. RABAÇA, C.A.; BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001, p. 344.

nesses materiais como subversivos, desvirtuadores da juventude; principalmente no período dos pós Segunda Guerra Mundial¹⁸⁹.

Assim, o uso dos HQs passou a ser visto como algo que podia provocar anomalias de comportamento em crianças e adolescentes¹⁹⁰, justamente em um momento em que o seu consumo estava se popularizando em países como Estados Unidos, França, Itália, Brasil, entre outras nações, ganhando cada vez mais espaços nos jornais e em publicações de revistas. Tal entendimento era baseado, sobretudo, nas críticas e estudos realizados pelo psiquiatra alemão, radicado nos Estados Unidos, Frederic Wertham que via os quadrinhos como grande ameaça à juventude norte-americana. Uma vez que, ao longo da Segunda Guerra Mundial, os autores das HQs passaram a tratar temas que parte da sociedade via com terror e medo¹⁹¹.

Diante desse contexto, o médico Frederic Wertham publicou um livro em 1954 chamado *a the Seduction of the innocent* (A sedução dos inocentes) que tentava provar a partir de seus estudos, com exemplos escolhidos a dedo e com um rigor científico questionável. Ele defendia que as crianças que recebiam a influência de tais conteúdos podiam apresentar anomalias das mais variadas no comportamento, “tornando-se cidadãos desajustados na sociedade”¹⁹².

Uma das teses levantadas pelo autor era a de que a leitura de Batman poderia levar os leitores à homossexualidade, tendo em vista que esse herói e seu companheiro Robin representavam o sonho de dois homossexuais vivendo juntos, o que acabou influenciando na criação de preconceitos em relação às História em Quadrinhos¹⁹³. Tais pensamentos, muitas vezes, ainda são defendidos por algumas pessoas que tentam buscar explicações e, conseqüentemente, colocar a culpa em determinados materiais por achar que esses são responsáveis por aquilo que a sociedade impõe como normalidade e aquilo que considera anormalidade. Segundo o escritor Pedro Bandeira,

(...) havia uma mentirosa campanha contra os gibis, que ocupavam as páginas dos jornais e era repetida nos púlpitos das igrejas. Chegavam a inventar que certo menino americano se atirava da janela e morrera espatifado na calçada tentando imitar o Super-Homem, ou que aquele outro cometera um bárbaro assassinato depois de ler uma revista de detetives¹⁹⁴.

¹⁸⁹. VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In. RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro, (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4ª ed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. (Coleção Como usar na sala de aula)

¹⁹⁰. VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In. RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro, (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4ª ed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. (Coleção Como usar na sala de aula).

¹⁹¹. Ibid.

¹⁹². Ibid. P. 12

¹⁹³. Ibid.

¹⁹⁴. BANDEIRA, Pedro. Lembrancinha pinçadas lááá do fundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. P. 44.

O fato é que tais pensamentos acabaram influenciando de forma negativa as Histórias em Quadrinhos, durante boa parte do século XX, sendo rejeitadas por parte da sociedade, foi alvo de preconceitos, perseguições e até medidas judiciais que tinha como objetivo conter ou erradicar da face da terra qualquer material quadrinístico¹⁹⁵. Segundo Vergueiro, diversas formas de expressão sofreram perseguições ao longo do tempo, porém, sempre se referindo ao seguimento de produção, não ao meio ou a linguagem propriamente dita, como no caso das HQs. “Para seus detratores, era necessário rejeitar o meio em si como inerentemente, despido de qualquer qualidade ou possibilidade de almejar alguma coisa parecida com uma excelência de conteúdo”¹⁹⁶.

Dessa forma, o livro de Wertham a *Sedução dos inocentes* serviu como base para a criação de um código de censura que entraria em vigor nos anos seguintes tanto nos Estados Unidos, quanto na França, Itália, Grã-Bretanha e no Brasil.

Devido ao impacto das denúncias do dr. Wertham e de outros segmentos da sociedade norte-americana - como associações de professores, mães e bibliotecários, além de grupos religiosos das mais diferentes tendências não tardou para que todos os produtos da indústria de quadrinhos passassem a ser vistos como deletérios, exigindo uma “vigilância” rigorosa por parte da sociedade. Para fazer frente a essa visão, ao final da década de 1940 alguns editores norte-americanos reunidos na *Association of Comics Magazine* já haviam elaborado uma primeira proposta para depuração das publicações da indústria dos quadrinhos, um *Comics Code*, que visava garantir a pais e educadores que o conteúdo das revistas não iria prejudicar o desenvolvimento moral e intelectual de seus filhos e alunos.¹⁹⁷

Desta forma, para diminuir as críticas moralistas que na maioria das vezes eram sem fundamentos, nos Estados Unidos, a *Comics Magazine Association of America* cria um *Comics Code*, visando garantir aos pais, educadores e sociedade em geral que os conteúdos das HQs não prejudicavam o desenvolvimento moral e intelectual de seus filhos e, conseqüentemente, dos estudantes. Através desse órgão fiscalizador, as histórias em Quadrinhos publicadas nos Estados Unidos passaram a receber um selo, fixado de modo visível na capa, objetivando mostrar para a sociedade a qualidade interna da HQ¹⁹⁸.

No Brasil não foi diferente dos Estados Unidos, as principais editoras de quadrinhos publicaram um código próprio com dezoito artigos e, também, aplicaram um selo de confiabilidade de conteúdos semelhante ao daquele país, Segundo Foguel,

¹⁹⁵. VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Criativo, 2013.

¹⁹⁶. Ibid. p. 7

¹⁹⁷. VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro, (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. (Coleção Como usar na sala de aula). p.12-13.

¹⁹⁸. Ibid.

O presidente eleito Jânio Quadros, chega a elaborar uma lei com esses intuitos; temendo represálias, as principais editoras de quadrinhos da época: EBAL, Rio Gráfica Editora, Abril, Record e O Cruzeiro criam o “Código de Ética dos Quadrinhos”, a versão brasileira do Comics Code Authority, tendo como base o código americano e os “Mandamentos das Histórias em Quadrinhos da EBAL”.¹⁹⁹

Em um de seus artigos, mais especificamente o número 2, deixa explícito a não utilização como complementação de conteúdo para os estudantes na sala de aula. “Não devendo sobrecarregar a mente das crianças como se fossem um prolongamento do currículo escolar, elas devem, ao contrário, contribuir para a higiene mental e o divertimento dos leitores juvenis e infantis”²⁰⁰.

Sendo assim, qualquer tentativa de utilização da linguagem dos quadrinhos na época, em sala de aula, seria considerada inconveniente, inadequado. Essa barreira pedagógica contra as histórias em quadrinhos nos ambientes escolares predominou no Brasil e, em vários países, por quase toda a segunda metade do século XX. E mesmo nos dias atuais, não podemos afirmar que tais pensamentos tenham deixado de existir. Nessa perspectiva Vergueiro argumenta que é comum ainda hoje, “pais que proíbem seus filhos de lerem quadrinhos sempre que as crianças não se saem bem nos estudos ou apresentam problemas de comportamento, ligando o distúrbio comportamental a leitura dos gibis”²⁰¹. Na tentativa de encontrar uma possível solução para determinado evento comportamental dos filhos, os pais acabam influenciados pelo preconceito que foram construídos ao longo dos anos pela sociedade, ou seja, atribuindo o mau comportamento à leitura dos HQ’s.

Devido à essas problemáticas, o uso de história em quadrinho nos materiais didáticos – quando aparecia – era de forma tímida. Geralmente, eram utilizados para ilustrar determinada situação, antes explicado apenas por palavras, como diz Ramos e Vergueiro, apareciam em quantidade bastante restrita, pois, temia-se que sua inclusão gerasse resistência ao uso do material por parte das escolas²⁰².

Com o passar do tempo, a aceitação foi se tornando relativamente satisfatória. Por isso, muitos autores de livro didáticos, sobretudo, a partir da segunda metade da década 1990, passaram a diversificar a linguagem e a incluir as histórias em quadrinhos nos materiais

¹⁹⁹. FOGUEL Israel. **A magia da nona arte**. São Paulo: Clube de Autores, 2016. p. 56.

²⁰⁰. SILVA, Diamantino da. 1976. Apud VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das HQs no ensino*. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro, (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. (Coleção Como usar na sala de aula). p. 14.

²⁰¹. VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das HQs no ensino*. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro, (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. (Coleção Como usar na sala de aula). p. 16.

²⁰². RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2013.

direcionados aos estudantes e professores, principalmente, nos livros de língua portuguesa²⁰³. Assim, os produtores de HQs foram conquistando a comunidade escolar e as barreiras do preconceito foram diminuindo e sendo substituídas pela valorização e a consciência da importância desse material na formação de novos leitores. Segundo Vergueiro,

[...] o despertar para os quadrinhos surgiu inicialmente no ambiente cultural europeu, sendo depois ampliado para outras regiões do mundo. Aos poucos, o “redescobrimto” das HQs fez com que muitas das barreiras ou acusações contra elas fossem derrubadas e anuladas. De certa maneira, entendeu-se que grande parte da resistência que existia em relação a elas, principalmente por parte de pais e educadores, era desprovida de fundamento, sendo sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre o qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento. A partir daí, ficou mais fácil para as histórias em quadrinhos, tal como aconteceu com a literatura policial e a ficção científica, serem encaradas em sua especificidade narrativa, analisadas sob uma ótica própria e mais positiva. [...] favoreceu a aproximação das histórias em quadrinhos das práticas pedagógicas.²⁰⁴

Um grande impulso para o uso de outras linguagens e manifestações artísticas, no Ensino Fundamental e Médio, foi a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, onde as HQs passam a ser incluídas no contexto escolar. Segundo Vergueiro, em dois artigos, encontramos algumas menções de forma indireta a possibilidade do uso das Histórias em quadrinhos:

Item II do art. 3º da lei diz que a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber “é uma das bases do ensino”;

Item II do & 1ª do art. 36 afirma de forma mais explícita, que, entre as diretrizes para o currículo do ensino médio, está o conhecimento de “formas contemporâneas de linguagem”²⁰⁵.

Dessa forma, tornou-se comum a publicação de livros didáticos, nas mais variadas áreas do conhecimento, que utilizam as Histórias em Quadrinhos como forma de conhecimento, diversificando as linguagens dentro dos ambientes escolares como apontam os PCNs: “compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação”²⁰⁶. Nessa perspectiva Funari diz que:

²⁰³. Ibid.

²⁰⁴. VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro, (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. (Coleção Como usar na sala de aula). p. 17.

²⁰⁵. VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 10.

²⁰⁶. BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. São Paulo: MEC, 2000. p. 6.

Fornecer e orientar o desenvolvimento de tema a ser pesquisado e indicar caminho lúdicos de reflexão, revela-se uma estratégia excelente. Criar uma história em quadrinhos [...], ou uma palavra - cruzada, por triviais que possam parecer, consegue fazer com que o aluno se interesse pela questão e reflita, com resultados, portanto, muito melhores do que a simples memorização, sempre enganosa, temporária, de conteúdo.²⁰⁷

Possibilitar aos discentes uma aula mais dinâmica e participativa e que aguce o senso crítico, essa é uma das funções que as HQs podem trazer para o ambiente escolar; uma vez que se utiliza de textos escritos e imagens. Segundo Vergueiro, a importância da utilização de Histórias em Quadrinhos nas salas de aula é que uma parte da informação vem do texto, outra parte vem da imagem e a outra parte da informação que é processada na cabeça do leitor por aquilo que está na junção das duas e por aquilo que não está em lugar nenhum²⁰⁸. Em uma entrevista concedida, Elydio dos Santos Neto – estudioso das HQ – defende o uso desse material alegando que:

As histórias em quadrinhos são narrativas imagético-textuais com as quais, mesmo no entretenimento, o sujeito pode aprender, elas são completamente imagéticas, e somos seres da imagem, assim ela pode ajudar a nos compreendermos melhor. As imagens em quadrinhos não são paradas, elas nos levam a participar das ações das histórias, porque não está tudo desenhado, é necessário interpretar.²⁰⁹

Porém, ele faz algumas recomendações para o professor e a professora que queiram diversificar suas aulas utilizando as HQs. Primeiro, ele deve ler histórias em quadrinhos, depois deve procurar ler sobre os usos de quadrinhos na educação. Porém, sem ver esse material como o salvador da pátria das suas aulas ou da educação, a qual ela enriquece culturalmente²¹⁰.

Dessa forma, como objeto de ensino/aprendizagem e/ou como ferramenta pedagógica a ser utilizada pelos professores e professoras, o uso didático pedagógico das HQs precisará de um planejamento alinhado com o PPP (Projeto Político Pedagógico) do ambiente escolar. Bem como, de um conhecimento básico sobre esta arte gráfica. Para assim, poder compartilhar um conhecimento significativo com os estudantes. Entendendo a importância do uso dessa ferramenta, a partir de 2006, em seu Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), o

²⁰⁷ . FUNARI, Pedro Paulo. A renovação da História Antiga. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História em sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 95-107. p. 101.

²⁰⁸ . VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Contexto, 2009.

²⁰⁹ LOPES, Aline da Silva; BECHER, Nathali Lombard, CARDOSO, Rafaela de Ávila. As Histórias em quadrinhos e os universos ficcionais na Educação: entrevista com Elydio dos Santos Neto. In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da (Org.). **História em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015. p. 110.

²¹⁰ . Ibid.

Ministério da Educação (MEC) passou a aceitar HQs na lista de obras a serem adquiridas por entender que,

A leitura de obras em quadrinhos demanda um processo bastante complexo por parte do leitor: texto, imagens, balões, ordem das tiras, onomatopeias, que contribuem significativamente para a independência do leitor na interpretação dos textos lidos. Além disso, o universo dos quadrinhos faz parte das experiências cotidianas dos alunos. É uma linguagem reconhecida bem antes de a criança passar pelo processo de alfabetização²¹¹.

Com o aval do MEC, as HQs estão presentes nas variadas etapas da educação básica, nos livros didáticos e paradidáticos, em provas dos vestibulares e em variadas atividades desenvolvidas por professores e professoras. Este gênero de texto tem aguçado a curiosidade de muitos estudantes. Entretanto, o uso dessa linguagem nos livros de História ainda é tímido, como bem observou Vilela,

A julgarmos pela maioria dos livros didáticos disponíveis no mercado, concluímos que a utilização das histórias em quadrinhos no ensino de História ainda é rara e tímida, embora esses mesmos livros indiquem que a utilização de charges, seja para ilustrar os conteúdos dos capítulos, seja para serem aproveitados em atividades pedagógicas, já é bastante difundida no ensino da disciplina.²¹²

O ensino de História, a partir de HQ, pode levar o leitor que não possui o hábito da leitura a adquiri-lo. Tendo em vista que muitos dos jovens das escolas atuais têm contato com esse tipo de material, seja na forma impressa, digital ou na forma de desenhos animados ou filmes, o que em nosso entendimento tornará a aula mais atrativa para os discentes, fugindo da rotina diária. Porém, não devemos utilizá-la como uma receita infalível e milagrosa. É necessário entendê-la como mais uma ferramenta pedagógica que, se bem utilizada, pode trazer resultados excelentes, e segundo Palhares elas podem ser utilizadas para,

introduzir um tema, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia. Não existem regras para sua utilização, porém, uma organização deverá existir para que haja um bom aproveitamento de seu uso no ensino podendo desta forma, atingir o objetivo da aprendizagem²¹³.

²¹¹. BRASIL. **Por que livros em quadrinhos foram incluídos no Programa Nacional Biblioteca da Escola.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/136-perguntas-frequentes-911936531/quadrinhos-do-pnbe-1574596564/282-por-que-livros-em-quadrinhos-foram-incluidos-no-programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 10 jan.2022.

²¹². VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de história. In: Rama, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro, (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula.** 4. ed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. (Coleção Como usar na sala de aula). p. 105.

²¹³. PALHARES. M. C. **História em Quadrinhos: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>. p. 4

Assim como Vilela, Palhares defende que embora seja uma ferramenta que pode gerar aprendizagem significativas nos estudantes, o uso desse material deve ser feito a partir de um planejamento cuidadoso, para alcançar os objetivos desejados. Nesta mesma linha de pensamento Santos Neto e Silva afirma que:

As histórias em quadrinhos são narrativas gráficas constituídas por escrita e desenho, que exigem de seus leitores e leitoras interpretações visuais e verbais. Isso implica, para aqueles que desejam trabalhar com elas, alfabetizar-se em sua linguagem no intuito de conhecer seus limites e possibilidades no trabalho educativo²¹⁴.

Dessa forma, entendemos que uso de ferramentas como as HQs, filmes, documentários, jogos, entre outros, nas salas de aulas, oportunizam aos estudantes o contato com novas possibilidades para compreender determinado fato histórico. É de fundamental importância, porém, ser feito através de um bom planejamento, conforme já salientamos. Compartilhamos da ideia de que a utilização das HQs no ensino de História, assim como em outras disciplinas curriculares, pode se estabelecer como um material didático capaz de melhorar a eficácia do ensino/aprendizagem, da habilidade de síntese, da análise e da criticidade de determinados conteúdos históricos. Dentro desse contexto, Elydio dos Santos e Marta Regina no livro “Histórias em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola e agora? Argumentam que:

Não ver os quadrinhos como panaceia para as práticas pedagógicas, mas em articulação com um projeto político-pedagógico bem elaborado, com uma ação da coordenação pedagógica que apoia e problematiza os fazeres docentes e com educadores e educadoras abertos/as a trabalhar com a arte e suas implicações para a autoformação, acreditamos que eles possam dar uma contribuição significativa nesse espaço privilegiado de desenvolvimento humano que é a escola²¹⁵.

O estudioso e produtor de História em Quadrinhos, Will Eisner insistia na ideia de que as histórias em quadrinhos eram uma forma de arte e linguagem tão poderosa que poderiam ser excelentes instrumentos culturais para ajudar a melhor compreender a condição humana²¹⁶. Nesse sentido, a HQ por nós produzida sobre o quilombo do Catucá ganha sentido. Pois, objetiva entender parte da História de uma comunidade remanescente de Quilombo, onde algumas pessoas se reconhecem como sendo descendentes dos resistentes povos que habitavam as matas que deram nome a este quilombo, a partir da narrativa histórica dos quadrinhos.

²¹⁴. SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da. Os gibis estão na escola, e agora? In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da (Org.). **História em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015. p. 11

²¹⁵. Ibid. p. 12

²¹⁶. EISNER, W. 1975. Apud SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da. Os gibis estão na escola, e agora? In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da (Org.). **História em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015.

Acreditamos que o trabalho com HQs nas aulas, torna-se importante. Isso não significa dizer que todas as aulas do professor ou da professora deve ser pensada a partir das HQs. Entendemos que boa parte daquilo que se torna rotineiro dentro do ambiente escolar, na maioria das vezes, fica fadado ao insucesso. Porém, o seu uso pode despertar o interesse dos estudantes sobre uma temática que para muitos ainda carrega em si uma enorme carga de preconceitos, na tentativa de compreender a sociedade ao qual estão inseridos, sobre o uso dessa linguagem em sala de aula. Vergueiro argumenta que,

I.) Os estudantes querem ler os quadrinhos; II.) Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente; III.) Existe um alto nível de informação nos quadrinhos; IV.) As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; V.) Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura; VI.) Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; VII.) O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar; VIII.) Os quadrinhos têm um caráter globalizador; IX.) Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema²¹⁷.

Dessa forma compartilhamos das ideias de Vergueiros, Ramos, Palhares, Santos Neto, entre outros, que o uso de história em quadrinho pode ajudar o professor e a professora em suas aulas, dando maior dinamicidade e trazendo ferramentas que estejam mais próximos dos estudantes. Esse material faz parte da cultura de massa, seja na forma impressa, online, ou através de filmes ou desenhos animados. Dialogando com o que as novas teorias pedagógicas vêm defendendo, um ensino que seja mais próximo dos educandos e educandas.

3.2 A inserção das Histórias em quadrinhos nos ambientes escolares e a representatividade dos negros e negras nas HQs

Diante do cenário de valorização e reconhecimento da linguagem dos quadrinhos como ferramenta para o ensino/aprendizagem, o presidente Luíz Inácio Lula da Silva, através do MEC, deu um impulso a partir do PNBE (Plano Nacional de Biblioteca nas Escolas) de 2006, cujo objetivo foi permitir aos estudantes, acesso à cultura e à informação e estimular o hábito pela leitura.

Além dessas questões as HQs também podem ser utilizadas como uma fonte histórica capaz de melhorar o ensino-aprendizagem, dentro do ambiente escolar, fugindo do

²¹⁷. VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro, (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. (Coleção Como usar na sala de aula).

tradicionalismo, do factual, buscando colocar o estudante como ser ativo dentro desse processo. Pois, segundo Mairon Valério,

Num momento em que muitos teóricos da educação afirmam a perda de poder da escola na constituição das subjetividades, apontando um universo amplo de concorrência, principalmente com as mídias, faz-se necessário ampliar a capacidade de leitura crítica dos educandos na maior diversidade linguística possível²¹⁸.

Valéria Aparecida, no artigo intitulado “*Histórias em quadrinhos e leitura: desafios colocados aos educadores*”, assim como autores como Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Angela Rama defendem a posição de que as histórias em quadrinhos podem despertar nos estudantes o interesse pela leitura, desenvolvendo ou aprimorando, contribuindo assim com a democratização da leitura e, concomitante, tudo que ela nos traz, informação, divertimento, cultura etc.²¹⁹

Tais afirmações dos autores têm corroborado com as nossas práticas pedagógicas com a utilização dessa arte nas aulas de história do Ensino Fundamental II. Percebemos que o uso do HQ desperta um maior interesse pela leitura, inclusive, daqueles que têm dificuldades, aumentando a participação dos estudantes nas discussões dos temas propostos.

Atentos a esta percepção, no que concerne ao uso das variadas ferramentas pedagógicas auxiliares da aprendizagem dos estudantes, o MEC dá a possibilidade de as HQs fazerem parte de sua lista de livros paradidáticos ofertados às escolas públicas de todo o país. Vale salientar que a partir do PNBE de 2006 que até então era pautado prioritariamente na distribuição de livros literários tradicionais.

Porém, os livros adquiridos nos primeiros anos priorizavam as releituras das obras literárias adaptadas para HQs, abrindo pouco espaço para outras narrativas. Por entender, ao que parece, as histórias em quadrinhos como literatura. O que foi muito criticado pelos estudiosos do tema, como Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos que consideravam as histórias em quadrinhos uma forma de arte autônoma

Os quadrinhos são uma manifestação artística autônoma, assim como são a literatura, o cinema, a dança, a pintura, o teatro, e tantas outras formas de expressão. Esse pensamento é corroborado por diferentes autores, como Moacyr Cirne (1977, 2000), Will Eisner (1989) e Daniele Barberi (1998), para quem os quadrinhos já teriam se “emancipado” e constituído recursos próprios de linguagem²²⁰.

²¹⁸. VALÉRIO, Mairon Escorsi. Ensino de História e Mangá: perspectivas teórico-metodológicas em discussão. In: MOURA, Carlos André Silva de.; SANTOS, Mário Ribeiro dos (Org.). **Ultrapassando Fronteiras: Narrativas e reflexões para o ensino de História**. Recife: EDUPE, 2020. p. 154.

²¹⁹. BARI, Aparecida. Histórias em quadrinhos e leitura: desafios colocados aos educadores. In: SANTOS NETO, Elydio dos. E SILVA, Marta Regina Paulo da. **História em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015.

²²⁰. VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto 2013. p. 37.

Afirmavam ainda que,

Diálogos entre as linguagens ocorrem. E também acontecem com o cinema, o teatro, a ilustração. Nem por isso deixam de manter suas características autônomas. Ou será que alguém espera encontrar balões em romance? Não. Pois balões são uma convenção característica da linguagem dos quadrinhos.²²¹

Estes autores faziam críticas ao PNBE, por entender que os avaliadores dos livros deste programa interpretavam os quadrinhos como gênero literário. O mais correto seria que fizessem as escolhas pela qualidade dos livros, como linguagem autônoma e não como literatura. Uma das reclamações era de que esses livros eram escolhidos por pesquisadores da área de teoria literária e ensino de literatura e por técnicos do MEC²²². Para esses estudiosos, por não haver especialistas em HQs compondo a equipe de escolha, muitas vezes as obras escolhidas possuíam uma qualidade que “deixava a desejar”. E por ser escolhida por especialistas em literatura, havia pouco espaço para obras que fugissem do campo da literatura, na composição da lista dos livros incluídos no PNBE.

O item 5º do edital previa a compra de: “Livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal artisticamente adaptadas para o público jovem”²²³. Os livros adquiridos através desse edital eram direcionados para os estudantes do Ensino Fundamental II. Em 2006, pela primeira vez, foram selecionadas obras em quadrinhos, embora de forma tímida, para fazer parte dos acervos das bibliotecas das escolas públicas brasileiras. No entanto, 10 obras foram aprovadas, o que representou 4,5% do total²²⁴.

Em sua dissertação de Mestrado intitulada “*Os números do PNBE (2006-2014): a identificação dos quadrinhos nas escolas*” Vanessa Yamaguti fez um mapeamento da quantidade de Histórias em Quadrinhos adquiridas pelo MEC a partir do PNBE no período e verificou que foram selecionadas 126 obras, das quais cerca de 58 foram direcionadas para o

²²¹ . VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto 2013. p. 37.

²²² . BONINO, Rachel. Onomatopeia, Imagem e ação. **Revista Educação**. São Paulo: Seguimento, n. 114, abril 2009. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12663>. Acesso em: 15 fev. 2022.

²²³ . BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.518, de 31 de agosto de 2006**. 2006.

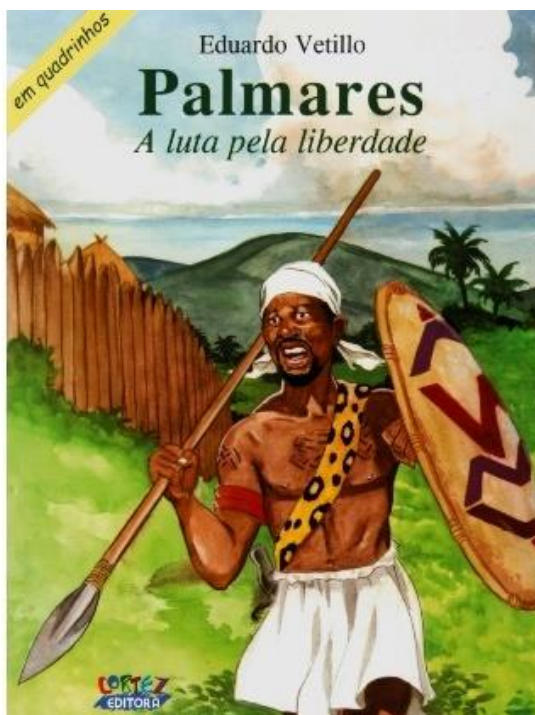
²²⁴ . YAMAGUTI, Vanessa. OS NÚMEROS DO PNBE (2006-2014): A IDENTIFICAÇÃO DOS QUADRINHOS NAS ESCOLAS. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4ajornadas/q_e_letamentos/vanessa_yam_aguti.pdf. Acesso em: 20 fev.2022.

Ensino Fundamental II. O que fica visível o entendimento do MEC de que estas obras são mais apropriadas para os adolescentes²²⁵.

Embora de forma tímida, a partir do ano de 2006, as Histórias em Quadrinhos ou Gibis, como ficaram conhecidas aqui no Brasil, passaram a ocupar as bibliotecas de uma parcela das escolas públicas brasileiras de uma forma mais efetiva, favorecendo aos professores e professoras que objetivavam incluir novas linguagens e possibilidades pedagógicas em seus planos de aulas. Porém, a maioria desses livros eram direcionados para os professores de língua portuguesa, por se tratar de releitura de livros da literatura brasileira e estrangeira.

Convergindo para o que Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos observaram, Vanessa Yamaguti, em sua pesquisa entre os anos de 2006 a 2014, identificou apenas uma obra como Histórica²²⁶, que é justamente uma HQ intitulada “*Palmares: a luta pela liberdade*” de Eduardo Vetillo sobre o Quilombo dos Palmares que fez parte do PNBE de 2011. O interessante é que a única obra tida como histórica não foi produzida por um Historiador, mais sim, por um estudioso das artes visuais, Eduardo Vetillo. Abaixo imagem da capa da obra.

Figura 5: Capa da HQ, Palmares: a luta pela liberdade



Fonte: Palmares: a luta pela liberdade Editora: Cortez Gênero: histórico Nível: EF II

²²⁵. YAMAGUTI, Vanessa. OS NÚMEROS DO PNBE (2006-2014): A IDENTIFICAÇÃO DOS QUADRINHOS NAS ESCOLAS. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_e_letamentos/vanessa_yam_aguti.pdf. Acesso em: 20 fev.2022.

²²⁶. Ibid.

Com um olhar mais apurado para as obras do PNBE, entre os anos de 2006 a 2014, período onde temos dados mais concisos sobre essas obras, observamos – na lista elaborada pelo MEC – a existência de mais duas obras, que trata da temática do quilombo: *Quilombo Orum Aiê* de André Diniz aprovada para o PNBE de 2011 voltado para os estudantes do Ensino Fundamental II. Incluída na lista dos romances, trata-se da Revolta do Malês, acontecida na Bahia, e a busca da tão sonhada liberdade por um grupo de escravizados.

Outra obra adquirida foi *Orixás: do Orum ao Ayê* produzida pelos autores Alex Mir, Caio Majado e Omar Viñole, obra também destinada aos estudantes do Ensino Fundamental II, através do PNBE 2013. A HQ trata da questão do culto a entidades da religião do Candomblé, onde explica a origem do universo e do ser humano através da mitologia Iorubá, explorando uma temática, de forma bem didática, que é espinhosa para boa parte da sociedade brasileira, criada dentro de uma cultura cristã que desvaloriza quase tudo que é ligado à cultura africana e afro-brasileira, sobretudo, no que se refere aos cultos religiosos. Capas das obras abaixo.

Figura 6: Capas de HQs com temática afro



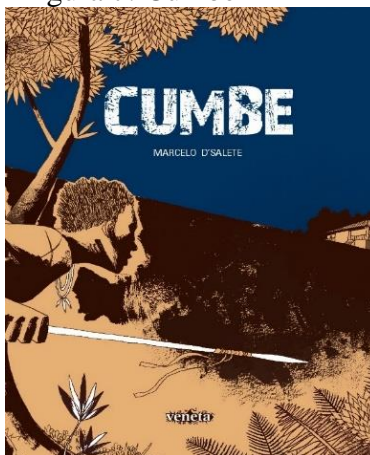
Fonte: Quilombo Orum Aiê Editora: Record Gênero: romance gráfico Nível: EF II
Fonte: Orixás: do Orum ao Ayê. Editora: Marco Zero: romance gráfico Nível: EF II

Segundo a autora Vanessa Yamaguti, há preferência na seleção de obras da literatura brasileira e estrangeira adaptada para os quadrinhos no Programa Nacional de Biblioteca na Escola. Em seu levantamento, entre os anos de 2006 a 2014, foram selecionadas 57 obras

literárias adaptadas para os quadrinhos, o que representa 44,44% das obras escolhidas²²⁷. Concordamos com a autora no que concerne a esta questão, pois são poucas as obras que fogem desse relato, ainda nos dias de hoje na lista do PNBE. Muitas vezes, existem obras repetidas na lista, mudando apenas a editora e algumas ilustrações, por exemplo, entre os anos de 2006 e 2008 o livro o *Alienista* de Machado de Assis foi adaptado quatro vezes por editoras diferentes e, algumas delas, fazem parte do PNBE.

Em relação aos dados mais recentes, verificamos uma maior variedade de livros fazendo parte do PNBE dos anos de 2018 a 2020 que fogem um pouco das obras clássicas da literatura brasileira e estrangeira. Nesse interim, observamos que foram aprovadas e distribuídas duas obras importantes no que se refere à questão do quilombo e aos estudos das relações étnico-raciais produzidas pelo Mestre em História das Artes Marcelo D'Saete, direcionada aos estudantes do Ensino Médio das escolas públicas brasileiras: o livro *Cumbe*, que havia sido vencedor do *Eisner Awards* em 2018, o mais importante prêmio de quadrinhos do mundo. Este livro também já tinha sido selecionado pelo governo de Portugal através do Plano Ler +, direcionado aos estudantes das escolas desse país.

Figura 7: Cumbe



Fonte: Ed. Veneta

O outro livro selecionado foi *Angola Janga*, produzido após 11 anos de pesquisas em variados espaços: Museu Afro Brasil, em São Paulo, Memorial de Palmares, em Alagoas, obras de artistas holandeses atuantes em Recife no século XVII. Além de estudos acadêmicos sobre

²²⁷. YAMAGUTI, Vanessa. **OS NÚMEROS DO PNBE (2006-2014): A IDENTIFICAÇÃO DOS QUADRINHOS NAS ESCOLAS.** Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_e_letamentos/vanessa_yamaguti.pdf. Acesso em: 03 maio 2022.

os escravizados, dando ênfase à existência e resistência negra no Brasil Colonial,²²⁸ através do quilombo dos Palmares. Ambas fizeram parte da lista do PNBE de 2018.

Figura 8: Angola Janga: uma história de Palmares



Fonte: Ed. Veneta

Entretanto, no que concerne às Histórias em Quadrinhos direcionadas aos estudantes do Ensino Fundamental II, sobre a temática do quilombo ou ao ensino das relações étnico-raciais, além dos já referidos, não encontramos referências nos PNBE, nos anos seguintes, à pesquisa realizada por Vanessa Yamaguti.

Diante dessa constatação, acreditamos que seja importante a produção e divulgação de HQs, como a proposta por nós, com conteúdo baseados em pesquisas históricas para os estudantes e professores do ensino fundamental II que versem e deem protagonismo aos grupos sociais que, ao longo do tempo, ficaram no campo da invisibilidade, como foi a população negra quilombola e outros grupos sociais.

Nesse sentido, Nobu Chinen, no livro “Os negros nos quadrinhos do Brasil”, infere que ao longo do tempo o negro teve pouco espaço nas HQs, o Gibi que se tornou sinônimo de revista em quadrinho no Brasil era representado por um personagem-símbolo, um menino negro, que aparecia em diversas capas e nos anúncios das revistas. Porém, tinha participação irrisória nas páginas internas da revista ao qual batizava²²⁹.

Um outro fato observado pelo autor é o de que o Pererê, “historicamente o mais bem-sucedido personagem negro das histórias em quadrinhos, não é um ser humano ou um animal, é uma entidade mitológica, pertencente ao folclore brasileiro. Ou seja, o negro mais famoso dos

²²⁸. YAMAGUTI, Vanessa. **OS NÚMEROS DO PNBE (2006-2014): A IDENTIFICAÇÃO DOS QUADRINHOS NAS ESCOLAS**. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_e_letramentos/vanessa_yamaguti.pdf. Acesso em: 03 maio 2022.

²²⁹. CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 2019.

quadrinhos brasileiros é alguém que não existe”²³⁰, não servindo de referência para o leitor e leitora negra.

Uma das personagens negra dessa HQ, a boneca de piche, por quem Pererê é apaixonado, o próprio nome carrega em si o preconceito racial, tendo em vista que tem esse apelido em alusão à cor do piche²³¹. Aliás, o apelido era “normal” na época de suas primeiras publicações, nas edições atuais, a personagem é chamada apenas de boneca. Essa transformação na forma de enxergar o negro vem nos últimos anos ganhando espaço na sociedade. Essa mudança de paradigma, talvez esteja ligada às criações das leis afirmativas que passaram a exigir a representação do negro de forma positiva, porém tais representações ficaram anexadas à subjetividade das pessoas que tem influenciado de forma direta ou indireta na maneira que parte da sociedade enxerga a população negra. Embora, isso não justifique o racismo estrutural que persiste em se manter em nossa sociedade.

Verificando a lista de livros que fazem parte do PNBE, encontramos três títulos da Turma do Pererê. O primeiro “*A turma do Pererê: as gentilezas*” que fez parte do PNBE do ano de 2006 direcionado para os estudantes do Ensino Fundamental II. E, em 2012, um outro título da Turma do Pererê passa a fazer parte do acervo das bibliotecas das escolas “*A Turma do Pererê: 365 dias na mata do Fundão*” este direcionado para os estudantes do Ensino Fundamental I e, finalmente, o livro *A Turma do Pererê: coisas do coração* do PNBE de 2013.

Embora as temáticas trazidas, por esses livros, sejam importantes, os personagens negros das histórias são seres mitológicos. Como já comentamos, não representam a população negra, o que de certa forma pode descaracterizar a mensagem que tenta passar para os estudantes do ensino fundamental I. Entretanto, o uso dessa arte pelos estudantes nas salas de aulas é positivo – conforme é defendido por diversos estudiosos e educadores – porém, cabe ao professor ou professora, principalmente nas séries iniciais, desmistificar tais representações. Abaixo, as capas desses exemplares adquiridos pelo MEC através do PNBE.

Figura 9: Capas dos HQ, a turma do Pererê

²³⁰ . CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 2019. p. 112.

²³¹ . Ibid.



Fonte: Editora: Globo Gênero: infantil Nível: EF I/ II; Editora: Salamandra Gênero: infantil Nível: EF II

No capítulo dedicado ao uso de história em quadrinhos nas aulas de história, Túlio Vilela argumenta que:

Ainda que inconscientemente, toda história em quadrinhos reflita valores, visões de mundo, ideologias. O autor pode tanto expressar uma posição estritamente pessoal (o chamado “trabalho do autor”) quanto, no caso de uma história em quadrinhos criada sob encomenda, reproduzir um discurso que reflita o posicionamento da editora ou companhia a qual trabalha²³².

Tais conclusões de Vilela corroboram com a questão da personagem Boneca da Turma do Pererê de Ziraldo – sua primeira publicação foi em 1959 nas páginas da Revista Cruzeiro – que era chamada de boneca de Piche, refletindo a visão de mundo preconceituosa da época, onde era comum o negro e negra receberem tais apelidos devido à sua cor de pele. Porém, na atualidade, esses adjetivos atribuídos aos negros e negras têm recebido variadas críticas por parte da sociedade, que não aceita tais comparações. Isso graças às variadas reivindicações de grupos ligados aos movimentos dos negros e negras, no sentido de ser respeitado perante a sociedade brasileira.

Para Natália Nogueira, o preconceito racial nas histórias em quadrinhos se manifesta de variadas maneiras, algumas vezes de forma explícita, outras de forma velada. Assim, os quadrinhos, como meio de comunicação e formador de opinião, podem tanto combater o preconceito, como disseminá-lo²³³. Tais observações da autora são muito pertinentes, tendo em vista que os variados espaços de poder, dependendo do seu lugar social e do seu entendimento

²³². VILELA, Túlio. Os quadrinhos nas aulas de história. In: RAMA; VERGUEIRO (Org.) **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

²³³. NOGUEIRA, Natália A.S. **Jackie Ormes**: a ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937-1954). São Leopoldo; v. 18; n. 1; p. 21-38, jan-jun 2013.

sobre determinado conteúdo, poderá combater ou contribuir com a criação e disseminação do preconceito.

Em uma sociedade que os variados espaços de poder são dominados pela cultura do branqueamento, as histórias em quadrinhos também irão disseminar o pensamento desse grupo, tendo em vista que a representatividade negra nesses ambientes, quando há, é muito pequena. Por esse e outros motivos, a imagem dos personagens negros nos variados espaços carrega em si uma série de preconceitos, onde na maioria das vezes são produzidos de forma estereotipada, a exemplo da personagem Lamparina das páginas de O Tico-Tico, produzido por J. Carlos que estreou em 1924, onde ela é representada com um aspecto animalesco, com os braços arrastados ao longo do corpo, aparentado um chimpanzé.

Além da representação de forma grotesca, com roupa feita de pele de animais e também desprovida de intelectualidade²³⁴, os personagens negros, quando apareciam, eram relegados aos papéis de serviçal, de garoto de recados e de engraxate, a quem era permitido brincar como o filho do patrão da casa, porém, não muito além disso, sua função era de criar situações divertidas em função de sua ignorância ou falta de modos.²³⁵ Segundo Cirne,

No Brasil, o que parece bastante grave para um país que oficialmente não reconhece o preconceito racial, os heróis negros são exceções, nem sempre honrosas (vide Pelezinho, de Maurício de Sousa). A verdade é que a nossa galeria de personagens negros é bastante pequena²³⁶.

Concordamos com o argumento de Cirne, no que concerne à representação do negro e negra nas histórias em quadrinhos, onde poucos são os personagens criados. E mesmo estes, carregam em si uma gama de preconceito racial, a exemplo de Lamparina (J. Carlos, Pererê (Ziraldo), Azeitona (Luís Sá), Preto-que-Ri (Henfil), com poucas exceções. Embora o argumento de Cirne seja do ano de 1982, nos dias de hoje, quarenta anos após, ainda se torna válido.

Se a participação do homem negro nas HQs como protagonistas, era difícil, no que concerne à representação da mulher negra nas Histórias em quadrinho, a discrepância era ainda maior. Natália Nogueira, em um artigo intitulado “*Jackie Ormes: a ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos*” (1937-1954), considera uma amostra de 18

²³⁴. CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 2019.

²³⁵. CHINEN, Nobuyoshi; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). O negro nas histórias em quadrinhos: discutindo preconceito e resistência em sala de aula. In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da. **Os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015.

²³⁶. CIRNE, Moacir. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982. p. 14.

revistas ambientadas no continente africano, publicadas nos anos de 1940,1941,1942 e 1951. Ela analisou página por página de cada revista e constatou que, em cerca de 1200 páginas, a mulher negra aparece setes vezes. Na maioria das vezes, aparece como pano de fundo, ou seja, como parte do cenário, sem participação ativa: “é silenciosa, tem um olhar amedrontado, está assustada, ou fugindo de alguma ameaça em meio a uma multidão de homens. Aliás, África é representada como um continente masculino onde a mulher está praticamente invisível”.²³⁷

Segundo a autora, essas mulheres negras quando visíveis são silenciadas. E, quando quebram esse silêncio, participando diretamente da aventura, são representadas de forma negativa. Ela cita o exemplo da revista n. 23 da *Jumbo Comics*, onde há a participação de duas mulheres negras ativamente no desenrolar da narrativa. Porém, “a primeira é uma velha senhora, caracterizada como uma bruxa, de corpo deformado e traços exagerados. A segunda é uma jovem mulher, bonita, usando roupas coladas e sensuais”²³⁸, mas, é a vilã da história; antagonista de uma mulher branca.

Assim, a mulher em um momento aparece de forma silenciada, como sendo parte do cenário, e em outro momento é uma vilã cruel que oprime os homens, e que deverá ser vencida pelo herói ou heroína brancos²³⁹. Tais representações das mulheres negras, nessas revistas americanas e que também eram traduzidas e vendidas em território brasileiro, assim como as personagens negras criadas nas narrativas quadrinizadas brasileiras, como Lamparina e Boneca de Piche, ajudaram na criação de estereótipos e a difundir o preconceito racial que foi se perpetuando ao longo dos anos.

Diante dessas conclusões, é necessário que o professor ou professora que deseje utilizar HQ em sala de aula, para discutir as mais variadas temáticas, precisa estar atento ao tipo de narrativa e de representatividade que o material está proporcionando aos leitores e leitoras. Contribuindo, assim, para não propagar a estigmatização de grupos que ao longo do tempo foram retratados de forma preconceituosa. Por isso, defendemos que para uso desses materiais (assim como outros que fazem parte da cultura de massa, embora sejam muito importantes para o ensino-aprendizagem), deva-se realizar um planejamento criterioso; conforme orientam os estudiosos do tema.

Porém, não podemos deixar de destacar os trabalhos realizados pelo cartunista negro Mauricio Pestana. Ele tem buscado resgatar historicamente algumas narrativas que colocaram

²³⁷. NOGUEIRA, N. A. S. **Jackie Ormes**: a ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937-1954). São Leopoldo; v. 18; n. 01. P. 21-38; jan-jun 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/identidade>. Acesso em: 20 ago. 2021. p. 25.

²³⁸. Ibid. p. 25.

²³⁹. Ibid.

os negros e negras quase sempre em patamares inferiores, como nos álbuns *Violência histórica e Revolta de Búzios*, onde aborda conteúdos nada afáveis nas relações sociais entre brancos e negros. No livro, a *Revolta dos Búzios*, o cartunista destaca, sobretudo, o tratamento desigual que foi dado aos líderes derrotados da revolta ocorrida em 1798, a conhecida *Revolta dos Alfaiates ou Conjuração Baiana*, onde todos os líderes brancos foram anistiados e os negros foram condenados à prisão e quatro deles condenados à morte²⁴⁰.

Uma vez que a representatividade desse grupo social como do cartunista negro Mauricio Pestana, além de Marcelo D'Saete, entre outros, sejam sensíveis à causa. Para dar vozes aos negros e negras que por vários séculos foram silenciados, é de fundamental importância a criação de narrativas que sejam mais condizentes com a realidade histórica desse grupo social. Que embora tenha alcançado alguns avanços graças à criação das Leis Afirmativas, ainda está muito distante para alcançarmos o fim do preconceito racial, assim como a plena representatividade nos diversos campos do poder. Concordamos com o estudioso das HQs Arnold Leite quando diz, em sua entrevista, que trabalhos como o de Maurício Pestana tornam-se importantes para a “construção de um maior respeito pela herança de sofrimentos e lutas do povo afro-brasileiro, por respeito ao seu espaço na sociedade brasileira”²⁴¹.

Assim, podemos inferir que a representação do negro e da negra nas histórias em quadrinhos vai acompanhar as modificações de acordo com a participação dos afrodescendentes na sociedade brasileira, onde nos dias de hoje é perceptível a representação dos negros e negras de forma mais positiva nos quadrinhos e em outros materiais que fazem parte da cultura de massa. Embora ainda de forma tímida, aparecem em alguns espaços como protagonistas de sua própria história. Acompanhando o contexto sociocultural do país que tem cobrado uma maior participação dos grupos menos favorecidos nos variados espaços de poder, inclusive nas histórias em quadrinhos²⁴².

²⁴⁰. CHINEN, Nobuyoshi. E VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). O negro nas histórias em quadrinhos: discutindo preconceito e resistência em sala de aula. In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da. **Os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015.

²⁴¹. LEITE, Arnold Christian. A presença de heróis negros nos gibis. Entrevista concedida a IHU On-line. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. IHU On-line. São Leopoldo, 12 de novembro de 2007. Edição 243. p. 12-17. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1474-christian-arnold-leite>. Acesso em: 11 nov. 2021.

²⁴². CHINEN, Nobuyoshi. E VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). O negro nas histórias em quadrinhos: discutindo preconceito e resistência em sala de aula. In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da. **Os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015.

3.3 O processo de elaboração da HQ sobre o Quilombo do Catucá: entre encontros e desencontros

A produção de um objeto para uso dos estudantes e professores em sala de aula nos levou a refletir sobre o tipo de material que seria produzido; assim como a sua viabilidade. Sendo pai de uma adolescente de 11 anos que adora ler histórias em quadrinhos impressas ou virtual e outra de quase dois anos, à época da escolha, que ama pegar nas HQs da irmã e ficar observando às imagens com muita atenção, como se estivesse lendo, vem a corroborar com a ideia de que uma HQ pode ser um instrumento gerador de aprendizagem, contribuindo no despertar do interesse de estudantes que não tenha o hábito da leitura; assim como poderá favorecer o ensino-aprendizagem de determinados conteúdos históricos que durante muito tempo ficaram “deitados em berço esplêndido”.

Corroborando com a ideia de que as HQs podem colaborar com o ensino-aprendizagem nos ambientes escolares, conforme é defendido por alguns estudiosos como Ângela Rama, Paulo Ramos, Waldomiro Vergueiro, Moacy Cirne, Túlio Vilela, Nobu Chinen, entre outros, produziremos uma História em Quadrinho sobre o quilombo do Catucá.

Entendemos que é necessário criarmos ferramentas para o ensino-aprendizagem, que contribua com o campo do conhecimento escolar, no que concerne às temáticas que ao longo do tempo ficaram esquecidas, negligenciadas ou, ideologicamente, omitidas nas salas de aula brasileiras, para melhor compreender a sociedade na qual estamos inseridos.

Porquanto, compreendemos que, nos dias de hoje, o ensino centrado na memorização de determinados fatos históricos ou de explicações consagradas de um evento histórico estão cada vez mais perdendo espaço nas salas de aulas. Pois, tais metodologias estão fadadas ao insucesso, por não prenderem a atenção dos estudantes que estão a todo momento rodeados por imagens. Procurar usar ferramentas que estejam mais próximos do cotidiano dos estudantes, como uma história em quadrinhos, pode ser uma possibilidade desde que seja bem planejada.

Porém, temos consciência de que, nem todos os estudantes estejam habituados a ler uma história em quadrinhos de forma física ou online, entretanto, uma boa parte assiste e admira os filmes e desenhos elaborados a partir dessas narrativas, como é o caso de filmes como Pantera Negra, Homem-Aranha, Mulher Maravilha, Homem de Ferro, Lotar, Cavaleiro do Zodíaco, Batman, Dragonball; só para citar alguns, no universo de centenas ou até milhares de produções. Concordamos e defendemos a ideia de que o uso dessa arte nos ambientes escolares pode ser feito de variadas maneiras, e por estudantes de diferentes níveis de aprendizagens e idade, tendo

em vista que mesmo que uma criança ainda não saiba ler, as imagens podem chamar a atenção, despertando o interesse pelo material e, conseqüentemente, pelo seu conteúdo²⁴³.

Para a produção desse objeto, partimos da concepção de que a escolha de um tema, assim como a elaboração de um roteiro e o seu produto final (HQ), parte de um lugar e um tempo. A criação dos personagens com as suas respectivas características físicas e psicológicas são elementos que requerem cuidados, principalmente, quando se propõe trabalhar uma temática que envolve as questões étnico-raciais e você não dispõe de imagens dos personagens históricos que pretende dar vida através da história em quadrinho, para não cometer desvios que possam comprometer o trabalho. Para isso, utilizamos de variadas fontes históricas, como jornais da época, artigos e livros que versam sobre o tema e de algumas imagens do período que foram produzidas por alguns pintores.

Assim, produzir uma HQ sobre o Quilombo do Catucá, quilombo este que tomamos conhecimento de sua existência ao começar trabalhar no município de Goiana, em uma comunidade conhecida como Povoação de São Lourenço, onde alguns moradores da comunidade afirmavam que eram descendente de Malunguinho, o Rei das Matas do Catucá. Assim, passamos a buscar uma bibliografia sobre a temática e encontramos alguns artigos e livros de Marcus Carvalho, que convergem para a informação recebida, tendo em vista que a área onde estão inseridos era região habitada por negros e negras fugitivos/as dos numerosos engenhos da região.

Mesmo não tendo experiência com a produção do material proposto, enfrentamos os desafios, por entender que produzir um produto sobre um grupo populacional que ficou invisível ao longo do tempo em um formato que trouxesse mais ludicidade era algo extremamente significativo. Desse modo, objetivando chamar a atenção dos estudantes e professores para a temática, passamos a procurar bibliografias que nos dessem suporte. Nesse sentido, autores como Gian Danton, Nobu Chinen, Alberto Pessoa, Marta Regina, Waldomiro Vergueiro nos ajudaram como aporte teórico na construção e na elaboração do roteiro. Pois, é ele que dará sustentabilidade à narrativa que pretendemos contar, onde será definida a quantidade de páginas, quantidade de quadros por páginas, descrição da cena, personagens, diálogos, imagens que serão desenhadas, emoções dos personagens, o cenário entre outros que sejam necessários colocar²⁴⁴.

²⁴³. SILVA, Marta Regina Paulo da. É uma história escorridinha: Crianças, culturas infantis e quadrinhos. In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da (Org.). **História em quadrinhos e práticas educativas**: os gibis estão na escola, e agora? Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015.

²⁴⁴. PESSOA, Alberto. Pedagogia de projetos com histórias em quadrinhos e propagação de conteúdos pela internet 2.0: uma proposta complementar na educação Básica. In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta

Segundo Danton, em seu livro “*Como escrever HQ*”, há duas modalidades principais de roteiros para se construir uma História em Quadrinhos (HQ). “A primeira é a que no Brasil se chama de roteiro e nos EUA é chamado de *FULL Script*, a outra é o argumento, ou o *Marvel Way*”²⁴⁵. No método *Full Script*, o roteirista escreve de forma detalhada cada quadro, inclusive com os textos e os diálogos. O objetivo desse método é passar para o desenhista todas as histórias que o roteirista pensa, e indicá-lo aos caminhos a serem trilhados. Nesse método, além de fazer a descrição objetiva da cena, o roteirista também pode fazer suas considerações psicológicas sobre os personagens.

Já no método argumento, ou *Marvel Way*, que foi criado por *Stan Lee* na década de 60 do século passado²⁴⁶, tendo em vista que ele escrevia uma série de personagens, como Capitão América, Homem-Aranha, Homem de Ferro, Quarteto Fantástico, entre outros. Stan criava uma sinopse e entregava ao desenhista, só depois de desenhada a história, ele colocava os textos. Dessa forma ele conseguia dar conta de escrever as histórias de todos os personagens²⁴⁷.

Como o nosso roteiro será em uma perspectiva histórica, ou seja, baseado em fontes históricas sobre o quilombo do Catucá e seu(s) líder(es) Malunguinho(s), e objetiva o uso em sala de aula do ensino regular por professores e estudantes, decidimos utilizar o método conhecido como roteiro, no Brasil, por melhor se adequar à proposta de nosso trabalho, principalmente por não termos habilidades com ilustração, de maneira que produzimos um roteiro detalhado, quadro por quadro, que serviu de norte para o ilustrador. Porém, esse tipo de roteiro não impede que o ilustrador utilize de sua criatividade e o seu lugar social para produzir, entretanto, fica mais preso ao que o roteirista pretende narrar em sua história²⁴⁸.

Para a construção do roteiro, partimos da ideia de que era necessário colocarmos estudantes como personagens e a comunidade de São Lourenço de Tejucupapo como cenário para o desenvolvimento de nossa narrativa histórica, tendo em vista que foi a partir dessa comunidade que entramos em contato com a História do quilombo do Catucá que é pouco conhecido no cenário pernambucano, e que influenciou nos variados aspectos culturais, sociais e econômicas da população da Mata Norte Pernambucana. Priorizaremos o protagonismo dos estudantes, tendo o professor apenas como um mediador, e um personagem narrador que será

Regina Paulo da (Org.). **História em quadrinhos e práticas educativas**: os gibis estão na escola, e agora? Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015.

²⁴⁵. DANTON, Gian. *Como escrever HQ*. Virtualbooks, 2000. p. 6. Disponível em: www.virtualbooks.com.br. Acesso em: 10 jan. 2022.

²⁴⁶. Ibid. p. 8.

²⁴⁷. Ibid.

²⁴⁸. Ibid.

representado por um *Griôt*, que aprendeu as Histórias do quilombo do Catucá, a partir das narrativas contadas e disseminadas por seus antepassados. Essa prática oral era muito comum nas comunidades tradicionais africanas e afro-brasileiras, como forma de resguardar as suas memórias.

Dessa forma, o nosso roteiro inicia com uma viagem organizada pelo professor de História, com estudantes do Oitavo ano de uma escola do município de Ipojuca, que fica na Mata Sul Pernambucana, à comunidade remanescente de quilombola chamada Povoação de São Lourenço no Município de Goiana, localizada na Mata Norte de Pernambuco, onde se encontrarão com alguns estudantes do Nono ano da escola dessa comunidade.

Os personagens estarão divididos em três grupos: Personagem da escola de Ipojuca, da escola da comunidade e os personagens históricos que aparecerão na história, a partir de pensamento dos estudantes e do *griôt*, ao contar a história. Para os personagens da escola de Ipojuca utilizamos como referência os colegas do Curso de Mestrado do Profhistória da UPE que aceitaram participar da narrativa, os personagens da comunidade foram criação aleatória, a partir das características da população da comunidade que é majoritariamente formada por afrodescendentes.

Já os personagens históricos, criamos a partir das características de negros/as que foram escravizados/as e que aportaram em Pernambuco no período, tendo em vista que o quilombo era formado, de acordo com as fontes históricas, por africanos que haviam resistido à escravização e fugido²⁴⁹. Os nomes dos personagens históricos, em sua maioria, foram tirados das fontes históricas que tivemos acesso, são pessoas que realmente existiram e resistiram à escravização, tentando viver uma vida em liberdade, como João Batista (Malunguinho), Manoel Gabão, Maria Ignácia entre outros. Frisamos que, por não conseguir identificar os nomes das personagens femininas nos documentos aos quais pesquisamos, com exceção da já citada, os personagens históricos principais que compõem a HQ serão figuras masculinas. Porém, isso não significa que as mulheres não foram protagonistas nas ações dentro do quilombo do Catucá.

Para a construção do nosso roteiro e sua formação, embora exista outros autores como Barbara Postema, Alberto Pessoa entre outros, seguimos sobretudo as orientações de Danton, por entender que melhor atende aos nossos objetivos. Esse autor discorre que embora seja muito usado por roteiristas o roteiro em T, no qual o autor pega uma página e divide ao meio, do lado esquerdo descreve o quadro e no direito as falas, ele alega que tal tipo limita muito a ação do

²⁴⁹. CARVALHO, Marcus Joaquim Murillo de. O quilombo de Malunguinho, o rei das matas de Pernambuco. In. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos, (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

roteirista, uma vez que existem quadros que requer a descrição em mais de uma página, o que nesse tipo de roteiro acaba deixando o autor limitado, pois nele cada página digitada corresponde a uma página da HQ²⁵⁰.

Dessa forma, seguindo suas orientações, optamos pelo roteiro corrido por ser mais dinâmico e por dar mais liberdade ao roteirista. No que se refere a quantidade de quadros por páginas, seguimos o que a maioria dos autores recomendam, cerca de quatro ou cinco por páginas. Porém o ilustrador poderá aumentar ou diminuir a quantidade de quadros por páginas, dependendo de seu entendimento, desde que seja autorizado por nós, uma vez que a cena imaginada pelo roteirista, pode conter mais de uma movimentação e o ilustrador ter dificuldade de organizar tal cena em um único quadro. Assim o roteiro não é algo fixo e acabado, ele serve de base para a produção do material, podendo sofrer alterações e improvisações no decorrer de sua ilustração, desde que não comprometa a narrativa e que seja autorizada pelo roteirista.

No que concerne ao cenário, a maior parte das cenas partirá de uma roda de conversa em que o Griôt, Pai Manoel, é o mediador. Deixamos aberto para o ilustrador a elaboração dos quadros da roda de conversa. Porém com ênfase nos personagens e nos materiais que os mesmos devem está a produzir, como gravação, fotografias, anotações em cadernos, em celular, tablet entre outros materiais, para a exposição no retorno da excursão.

Decidimos utilizar mais de uma cor no roteiro, como forma de facilitar o trabalho do ilustrador, tendo em vista que temos momentos que retratam o presente e outros que retratam o passado através do pensamento dos variados personagens. Onde as narrativas do presente estarão sempre em preto e as do passado em cinza.

É a partir de uma história em quadrinhos que pretendemos dar visibilidade ao quilombo do Catucá que se formou no século XIX na Mata Norte Pernambucana e influenciou nos variados aspectos culturais da população dessa região, porém muito pouco conhecido dos estudantes e professores, inclusive de história. Tendo em vista que, ao estudar a narrativa histórica dos quilombos e dos quilombolas, na maioria das vezes, o quilombo que permeia os materiais didáticos e paradidáticos é o dos Palmares, não que esse não seja importante, porém é necessário oferecer novas possibilidades aos estudantes e professores de conhecer outras histórias, sobretudo, quando esta influenciou de forma direta os variados aspectos culturais da população, como foi o caso do quilombo do Catucá.

²⁵⁰. DANTON, Gian. *Como escrever HQ*. Virtualbooks, 2000. p. 6. Disponível em: www.virtualbooks.com.br. Acesso em: 10 jan. 2022.

3. 4 A Ilustração da HQ: entre encontros e desencontros

No momento que decidimos que iríamos produzir uma História em Quadrinho sobre o Quilombo do Catucá, uma das nossas maiores preocupações foi a questão da ilustração, tendo em vista que nós não tínhamos habilidades com desenho. Para a ilustração o bom seria que a mesma fosse feita por uma pessoa que tivesse um bom conhecimento histórico e que fosse sensível as causas relacionadas ao ensino da relações étnico-raciais, para evitar a criação de estereótipos que pudessem vir a prejudicar a imagem do negro e da negra, como ainda é bem comum, em alguns trabalhos que utilizam imagens desse grupo social.

Por esse motivo, antes mesmo da produção do roteiro, uma das nossas primeiras indagações foi a respeito de quem iria ilustrar a nossa HQ? Porquanto passamos a entrar em contato com algumas pessoas através de e-mail, inclusive tivemos a audácia de entrar em contato com Marcelo D'Saete (roteirista e ilustrador de obras como Cumbe e Angola Janga), que foi muito gentil e indicou algumas pessoas que não mostraram muito interesse em participar do projeto como ilustrador. E os que se interessaram não possuíam o perfil que procurávamos, pois queríamos ao menos que possuísse um pouco de conhecimento históricos e que fossem sensíveis as causas da população negra conforme já frisamos. Chegamos a receber alguns portfólios com algumas ilustrações, porém, os traços dos personagens não se enquadravam no que estávamos procurando.

Porém não desistimos e em conversa com uma colega de trabalho que estava de licença maternidade, por acaso encontrada em uma papelaria, a mesma falou que conhecia uma pessoa que trabalhava com ilustração e o mais incrível era formado em História, tudo que estávamos procurando, o contactamos que rapidamente aceitou o desafio, marcamos para conversarmos sobre a proposta que tínhamos em mente, embora o roteiro ainda não estivesse no papel, entretanto em minhas memórias já estava bem madura a ideia, pois iria usar como base um trabalho produzido no Mestrado do ProfHistória para a disciplina *Tecnologias da Informação e Comunicação e Ensino de História* que foi ministrada pelo Professor Renan Birro.

Tivemos uma ótima impressão, tendo em vista que o mesmo demonstrou enorme interesse, acertamos os valores, e o mesmo depois da conversa falou que após o roteiro pronto em um mês entregava ilustrado, ficamos um pouco desconfiado, pois os primeiros que havíamos entrado em contato pediu o roteiro com pelo menos seis meses de antecedência.

Entretanto, tratamos de produzir o roteiro para entregar com uma antecedência de pelo menos seis meses, conforme os contatos anteriores haviam solicitado.

Encaminhamos o roteiro e ficamos aguardando um retorno, passados mais de quinze dias, entramos em contato, e para a nossa surpresa recebemos a notícia que o roteiro era muito complexo e que não teria condição de fazer parte do projeto no momento. Essa notícia para nós foi angustiante, pois já estávamos correndo contra o tempo e o nosso desejo era está com o produto pronto no dia da defesa.

Fomos a internet, através de uma plataforma de serviços, e coloquei o que estava procurando, rapidamente recebi o contato de três pessoas interessadas, fui observar o portfólio no Instagram e logo descartei dois, pois as linhas dos desenhos não nos chamaram a atenção, porém um de Minas Gerais chamado Sérgio com o codinome Anjo nos deixou animado, marcamos para conversarmos por chamada de vídeo e de primeira percebemos que ele poderia ser a nossa salvação, pois embora não fosse formado em história, era um amante da mesma e ainda sensível as causas da população negra. Enviamos o roteiro para ele que rapidamente retornou, demonstrando grande interesse em fazer as ilustrações. Não pensamos duas vezes, acertamos os valores, e partimos para a produção, pois o tempo já estava se esgotando.

No que concerne a cor padrão da HQ, o ilustrador em conversa nos convenceu que era melhor fazermos, sem o uso de cores por uma questão de economia, pois o colorido tanto para a ilustração, quanto para a impressão, que é algo que estávamos almejando, ficaria bem mais caro. Já que eu estava produzindo com recursos próprio. Confesso que de início ficamos meio decepcionado, porém após a produção dos primeiros personagens já fui ficando mais aliviado.

O primeiro passo na produção foi a produção dos personagens. Conforme já salientamos o grupo de personagem estavam divididos em três grupos: Um primeiro grupo de personagens foram baseados em fotografias dos colegas do curso de Mestrado do ProfHistória da UPE; o segundo grupo foram feitos a partir de características de moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo de Povoação de São Lourenço; e por últimos os personagens históricos que foram feitos a partir de características de grupos de pessoas negras que eram trazidas para Pernambuco no início do século XIX.

O primeiro grupo é composto por dez personagens representando um grupo de estudantes do oitavo ano e o professor da disciplina de História da Escola Ministro Jarbas Passarinho, estes foram o primeiro grupo produzido pelo ilustrador, onde pudemos perceber os

traços do ilustrador e se estavam de acordo com o que havíamos imaginado, abaixo as ilustrações.



Ilustração: Sérgio Anjo.

Enviado esse primeiro grupo de personagens pudemos verificar de forma mais detalhadas as características do ilustrador e a sua capacidade de reproduzir os personagens a partir de outras imagens, no caso as fotografias. Aprovamos as ilustrações dos personagens, porém como estavam representando uma escola pública em uma aula de campo, solicitamos que as roupas dos personagens fossem readequadas, principalmente a parte da blusa para dá ideia de uniforme escolar. Porém o ilustrador argumentou que tais mudanças só iria fazer de forma direta já nas páginas da HQ, o que não colocamos objeções, tendo em vista que o trabalho é bem complexo.

No que concerne aos personagens da Comunidade, solicitamos a criação de seis personagens, aonde cinco serão estudantes do nono ano da escola da comunidade e o outro será o griot que narrará a história do Quilombo do Catucá, abaixo as ilustrações produzidas.



Ilustração: Sérgio Anjo

No que concerne aos personagens da comunidade nós encaminhamos algumas fotografias de jovens da comunidade, e o ancião foi feito a partir de características física que descrevi para o ilustrador. Esses personagens são fictícios, ou seja, foram criações nossas. Para as estudantes solicitei que em algumas fossem colocados colares no pescoço, tendo em vista que muitas garotas da comunidade utilizam esses objetos que são produzidos pelas moradoras na associação.

Já o grupo de personagens históricos é composto por doze, sendo nove baseados em nomes de pessoas citados nos documentos históricos e três criados para dá dinamicidade a história que desejamos produzir a partir das narrativas do Quilombo do Catucá. O personagem Malunguinho foi criado a partir de uma imagem criada pelo Quilombo cultural Malunguinho.



Ilustração: Sérgio Anjo

O personagem João Batista, o famoso Malunguinho, conforme ilustração acima, foi aprovado, porém fiz uma ressalva no que se refere a arma nas mãos, tendo em vista que o tipo de armas utilizadas no período eram armas de cano mais longo em sua grande maioria. Como o que neste momento estava para análise era a questão das aparências físicas, aprovamos a ilustração. Abaixo seguem alguns outros personagens históricos produzidos.



Ilustração: Sérgio Anjo

Todos esses personagens aprovamos de primeira, para compor a nossa HQ, algumas com pequenas ressalvas. Entretanto no geral estávamos gostando da produção do ilustrador, e sobretudo, da pontualidade em entregar as produções prometidas.

Porém devido ao tempo sabíamos que no dia da defesa não estaríamos com a HQ, totalmente pronta, tendo em vista que é um trabalho de mão dupla, onde o ilustrador produz nos envia e aí faremos as nossas observações e retornaremos, tudo de forma remota uma vez que o ilustrador reside em Minas Gerais. Diante desse percalço solicitamos ao ilustrador a produção da capa e se possível as páginas iniciais para termos ideias de como o trabalho iria ficar. O mesmo não colocou objeções. Abaixo a capa da HQ.

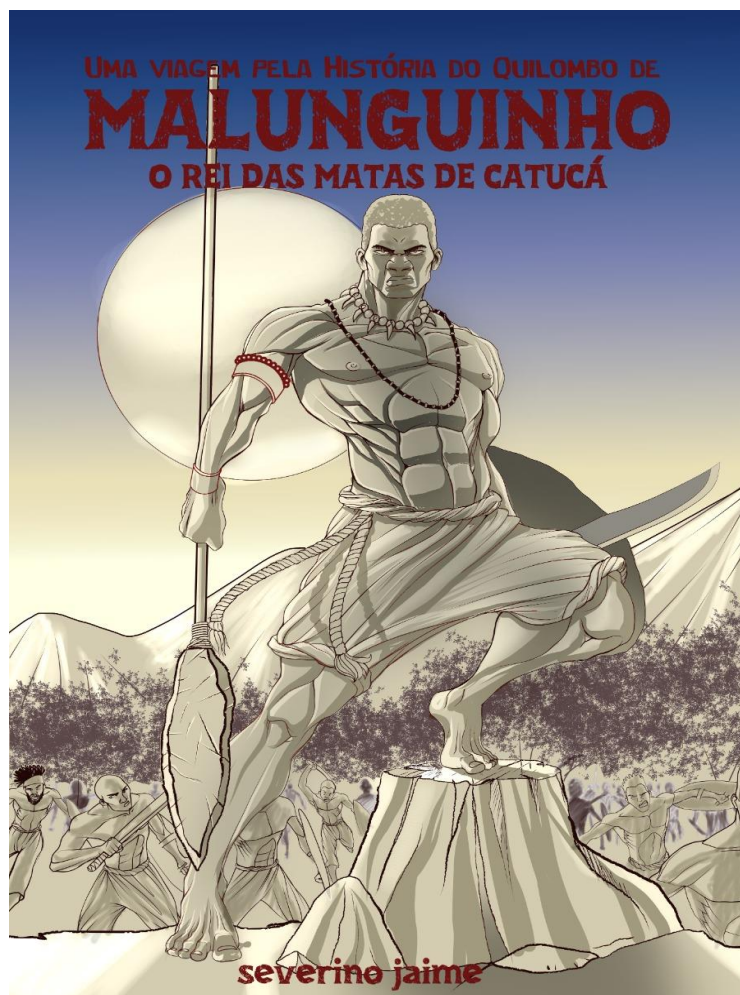


Ilustração: Sérgio Anjo

Conforme solicitação, a partir de nossas orientações o ilustrador produziu a capa para ser apresentado na defesa, o fundo achamos legal e concordamos, porém a ilustração do personagem principal na capa foi feita de forma muito estereotipada, como imitação de um super herói dos quadrinhos americanos, algo que estava fugindo um pouco da nossa ideia inicial, solicitamos os ajustes da imagem do personagem. Outra questão que percebemos que merece toda a nossa atenção é a questão dos textos, para que o mesmo não seja produzido com

erros ortográficos e de concordância, percebemos muito isso nas três páginas produzidas pelo ilustrador, as quais está logo abaixo.



Ilustração: Sérgio Anjo.



Ilustração: Sérgio Anjo

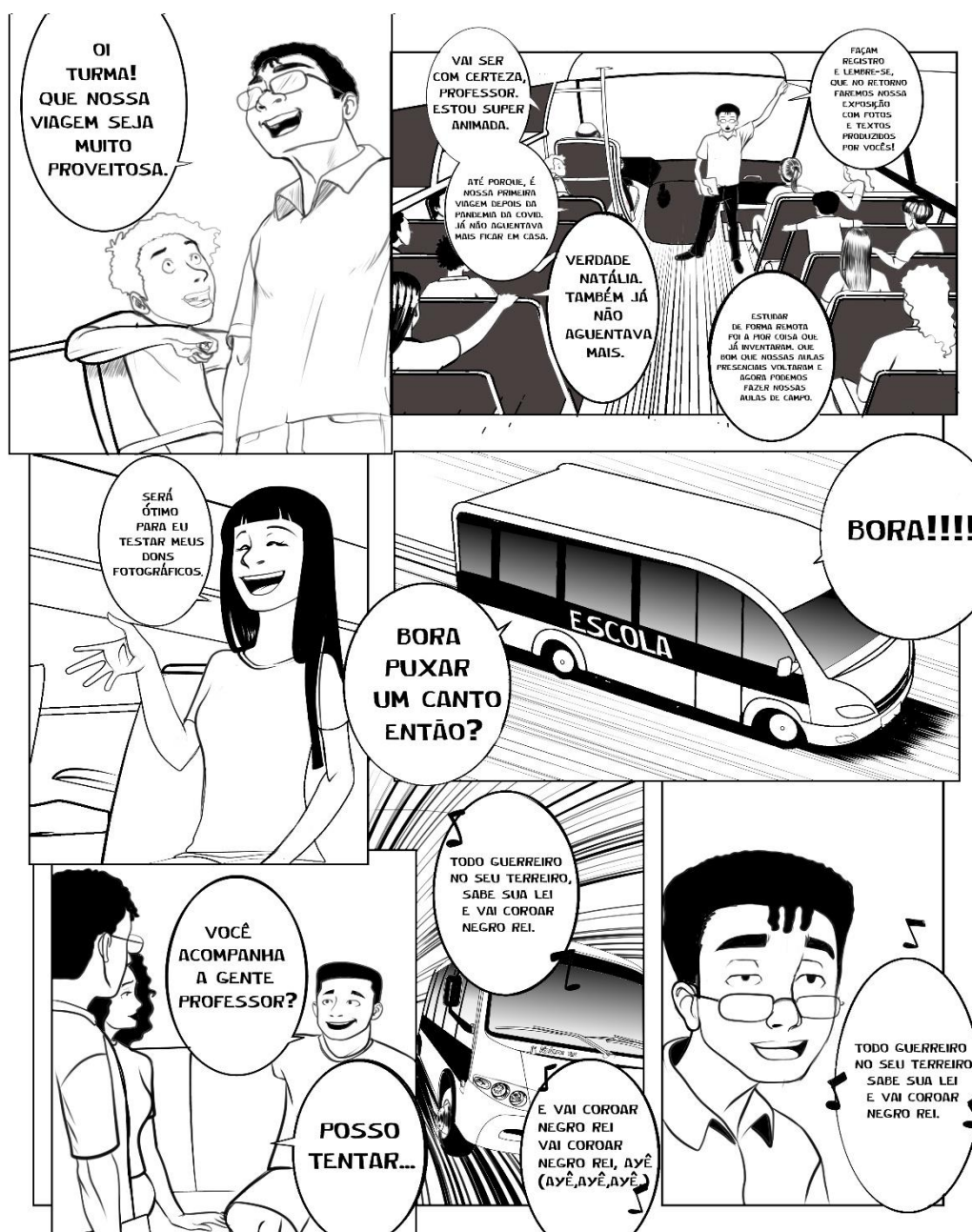


Ilustração: Sérgio Anjo

A partir dessas páginas pudemos observar de forma mais direta a habilidade do ilustrador na produção da HQ, porém verificamos que será necessário ficarmos muito atentos, como já falamos, a questão dos erros ortográficos e de concordância. Ao perguntar o porque da grande quantidade de erros, o ilustrador respondeu que é devido o programa que ele utiliza para colocar os balões e textos, que é japonês e algumas letras e acentos não existem nesse idioma, o que acaba dificultando a escrita. Também indagamos sobre a questão da não padronização do tamanho das letras, tendo em vista que alguns balões requerem muito esforço para a leitura, o

mesmo alegou o tamanho e quantidade de falas colocados nos balões, algo que nos fez readequar algumas falas para deixar de uma forma mais padronizada.

Assim pudemos perceber aquilo que já havíamos comunicado de que o trabalho de ilustração a partir de um roteiro ele não é fixo e requer tempo e paciência, uma vez que é feito de muito encontros e desencontros até a chegada do produto final. Não almejamos chegar à perfeição, porém o nosso desejo é entregar um trabalho que esteja condizente com a aquilo que prometemos entregar, um trabalho que possa contribuir com o ensino da temática das relações étnico-raciais e com o ensino-aprendizagem dos estudantes do Ensino Regular.

Considerações Finais

A entrada no mestrado do Profhistória deu a oportunidade de aprofundamento em uma área do conhecimento ao qual eu tinha grande interesse em aprofundar, que são os conteúdos direcionados para o ensino das relações étnico raciais, tendo em vista - conforme já frisamos - que o ensino nas escolas e universidades brasileiras ainda é muito pautado no eurocentrismo, deixando pouco espaço a discursão de outras temáticas que fujam desse paradigma. Diante dessa assertiva buscamos aumentar o nosso conhecimento teórico e metodológico, objetivando preencher uma lacuna que nos foi deixada ao longo da graduação, e por outro lado trazer para o chão da escola uma pesquisa científica sobre um quilombo de Pernambuco do século XIX, que é pouco conhecido.

Um outro fato que nos levou a escolher a temática abordada nessa dissertação partiu das nossas aflições, e das dificuldades de vivenciarmos de forma efetiva uma educação que valorize as relações étnico-raciais, e da necessidade de produzirmos materiais que estejam mais concatenado com a realidade dos nossos estudantes, e que possam tonar as aulas de história mais prazerosas, principalmente quando se trata de temática que ao longo do tempo foram desprestigiada nos variados materiais que fazem parte da cultura escolar.

Dessa forma pudermos perceber o quanto é importante, não só para nós professores e professoras, os estudos de temáticas que ao longo do tempo ficaram esquecidas nos porões da história. E trabalharmos com o quilombo do Catucá que se formou em Pernambuco no início do século XIX e sofreu o processo de continuidade em fins da década de 1930, podemos dizer que foi enriquecedor. Tendo em vista que objetivamos levar para a sala de aula o estudo de uma temática que figura os livros didáticos, porém fugindo do tradicional quilombo dos Palmares que já faz parte da tradição escolar, para construir a nossa narrativa histórica e trazer para o ambiente escolar a possibilidade de trabalhar com outros fatos históricos. Estudar o quilombo do Catucá, se fez necessário pela influência que este teve na formação da população da Mata Norte Pernambucana, porém quase totalmente desconhecido para a maioria da população dessa região, inclusive dos professores e professoras.

Assim, ao longo do primeiro capítulo, debatemos sobre o processo de formação dos quilombos e como o conceito de quilombo foi ao longo do tempo sendo revisitado por diversos estudiosos (brasileiros e estrangeiros) das variadas áreas. Fundamentados, sobretudo, nos estudos de Marcus Carvalho e nas edições da época (como registro) do Jornal Diário de Pernambuco, produzimos a nossa narrativa histórica sobre o quilombo do Catucá, mostrando a

sua importância na história de Pernambuco do século XIX, momento este que os ânimos das elites estavam acirrados na disputa e manutenção do poder.

No segundo capítulo, a ênfase foi nos movimentos negros, que buscou dar visibilidade aos negros e negras. E, para isso, um dos principais pilares foi a educação, onde defendiam a criação de escolas para abarcar esta população, pois entendiam que a educação era uma das principais formas para inserção dos negros e negras na sociedade. Nesse capítulo, também, discorreremos sobre a criação das leis afirmativas a partir do ano de 2003, como a Lei 10.639/2003 que obrigou a todas as escolas públicas e privadas a ministrarem conteúdos relacionados aos afro-brasileiros e africanos.

No último capítulo, discorreremos sobre o uso de história em quadrinhos (HQs) em sala de aula, por acreditar que o uso dessa ferramenta poderá contribuir com o ensino-aprendizagem, uma vez que boa parte dos estudantes estão habituados a lerem ou assistirem filmes baseados em HQs.

Como material propositivo almejamos a produção de uma HQ sobre o quilombo objeto de estudo, porém encontramos algumas dificuldades, conforme já relatamos, no que se refere à ilustração da HQ. Assim, mesmo com o roteiro, quantidade de páginas e falas prontos, não temos ainda a ilustração final com a junção de todas as partes integradas como um produto pronto e acabado que era o nosso desejo para ser utilizado na sala de aula por professores e estudantes. Tão logo o ilustrador conclua o trabalho, as ilustrações serão anexadas e oferecidas ao público interessado de forma online nas plataformas oficiais do programa.

Referências Bibliográficas

ABREUS, Marta e PEREIRA, Matheus Serva (org.). **Caminhos da liberdade**: História da abolição e do pós-abolição no Brasil. Niterói: PPG História- UFF, 2011.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2010.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (Org.). **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. (Feminismo Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro).

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Guerra dos Cabanos**. Rio de Janeiro:1965; Recife: Editora da UFPE, 2005.

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; GIUGLIANI, Beatriz. Por uma educação das relações étnico-raciais. **Revista de Educação Ciências e tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, 2014.

ARAÚJO, Sandra Simone Moraes de; MOURA, Carlos André Silva de; SANTOS, Mário Ribeiro dos. Exu faz presença na sala de aula: reflexões sobre as práticas religiosas afro-brasileiras no Ensino Superior. **Revista História Hoje**, v. 11, n. 22, p. 327-348 – 2022.

ARRUTI, José M. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 23, p. 107 -141, jan/abr de 2017

BANDEIRA, Pedro. **Lembrancinha pinçadas lááá do fundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BARBOSA, Alexandre. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

BARROS, Zelinda dos Santos. **Processo de emergência histórica dos quilombos**. Cachoeira: UFRB. Coletivo Ângela Davis, 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: Fundamentos e Método. 3. Ed. São Paulo: Cortez 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

BONINO, Rachel. Onomatopeia, Imagem e ação. **Revista Educação**. São Paulo: Seguimento, n. 114, abril 2009. Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=12663>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BRASIL. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura**

Afrobrasileira e Africana. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 03/2004.** Aprovado em 10 de março de 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12746-cp-2004>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em 15 de setembro de 2020.

BRASIL. Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003. D.O.U de 10/01/2003.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008.** D.O.U de 11 de março de 2008.

BRASIL. **Por que livros em quadrinhos foram incluídos no Programa Nacional Biblioteca da Escola.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/136-perguntas-frequentes-911936531/quadrinhos-do-pnbe-1574596564/282-por-que-livros-em-quadrinhos-foram-incluidos-no-programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 10 jan.2022.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CARNEIRO, Edison. **O quilombo dos Palmares.** 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CARNEIRO, Edson. **Antologia do negro brasileiro.** Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CARVALHO, Marcus de. **O quilombo do Catucá em Pernambuco.** Caderno CHR, n. 15 p. 5-28, jul./dez, 1991.

CARVALHO, Marcus J. M. "A Praieira e a Nacionalização do Comércio a Retalho", **Anais da XV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica.** Rio de Janeiro, 1995,

CARVALHO, Marcus J. M. . "O Outro Lado Da Independência: Quilombolas, Negros e Pardos Em Pernambuco (Brazil), 1817-23." **Luso-Brazilian Review**, v. 43, n. 1, University of Wisconsin Press, 2006, p. 1–30. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4490641>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CARVALHO, Marcus J. M. **Liberdade: Rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850.** 2. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lurdes Meneses; revisão técnica de Arno Vogel. 2.ed. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2002.

CHINEN, Nobu. **O negro nos quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 2019.

CHINEN, Nobuyoshi; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). O negro nas histórias em quadrinhos: discutindo preconceito e resistência em sala de aula. In: SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da. **Os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015.

CIRNE, Moacir. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

COSTA, Sérgio Paulo Muniz. **A construção da fronteira sul, a Guerra de 1825**. Porto Alegre: Editora Bestiário, 2016.

COSTA, Joaze Bernadino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSGOUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspóricos**. 2. ed. 3ª Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). **O negro no Brasil: Trajetórias e lutas em dez aulas de história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

DANTON, Gian. **Como escrever HQ**. Virtualbooks, 2000. p. 6. Disponível em: www.virtualbooks.com.br. Acesso em: 10 jan. 2022.

Diário de Pernambuco. In: <http://memoria.bn.br>. Acesso: em 20/06/2021

DIAS, Paulo Martins. A ideologia do branqueamento na educação e implicações para a população negra na sociedade brasileira. **Revista Aleph** - ISSN 1807-6211. Dezembro, 2014, ANO XI – n. 22.

DINIZ, André. **Quilombo Orun Aié**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga: uma história de Palmares**. São Paulo: Veneta, 2017. 432.

D' SALETE, Marcelo. **Cumbe**. 2ª ed. São Paulo: Veneta, 218. 192p.

EISNER, WILL. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe: no limiar de uma nova era**. São Paulo: Ática, 2008.

FERRO, Marc. A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação. Tradução de Wladimir Araújo. São Paulo: IBRASA, 1983. P. 57, apud OLIVEIRA, Caio Pinheiro. **As representações sobre o negro nos livros didáticos antes e depois da lei nº 10.639/03**. Disponível em: http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1506700880_ARQUIVO_ARTIGOCOMPLETO-IVENCONTROESTADUALDEHISTORIA-CAIOPINHEIROOLIVEIRA.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

- FOGUEL, Israel. **A magia da nona arte**. São Paulo: Clube de Autores, 2016.
- FREITAS, Décio. **Palmares: A guerra dos escravos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- FREITAS, Décio. **O escravismo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982
- FRANCO, Aléxia Pádua; SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da; FONSECA, Guimarães Selva (Orgs.). **Saberes históricos prescritos na BNCC para o ensino fundamental: tensões e concessões**. *Ensino em revista*. Uberlândia, MG; v.25, nº especial, p.1016-1035, 2018.
- FUNARI, Pedro Paulo. A renovação da História Antiga. In. KARNAL, Leandro (organizador). **História em sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6ªed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. P. 95-107.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. 1ª Ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico Sul**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GOMES, Flávio dos Santos; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- GOMES, Flávio dos Santos. **A hydra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil**. 1997. 773 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- GOMES, Flávio dos Santos; REIS, João José (Orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Gomes, Flávio dos Santos. **Histórias De Quilombolas: Mocambos E Comunidades De Senzalas No Rio De Janeiro - Século XIX**. Arquivo Nacional, 1995.
- GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Étnico-Racial, Inclusão e Equidade na Educação Brasileira: Desafios, Políticas e Práticas**. Trabalho apresentado no I Congresso Ibero-Luso-Brasileiro de Política e Administração da Educação, Portugal e Espanha, 2010a.
- GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículos sem fronteiras**, v.12, n.1, p. 98-109, jan./abr. 2012.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na Educação Brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 1, p. 109-121, 2011.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10.639/03**, Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.) 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Lei nº 10.639/2003 – 10 ANOS. **Revista Interfaces de Saberes**, Caruaru, v. 1, n. 13, p. 1–13, 2013. p. 2.

GUARNIERI, Fernanda Vieira; MELO- SILVA, Lucy Leal. **Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 21, Número 2, Maio/Agosto de 2017: 183-193. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/4jyF7L8ncM6QTVKM3TzjdGj/?lang=pt#> Acesso: 25/08/2021. Acessado em: 20/01/2022.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática do ensino de História: experiência, reflexões e aprendizado**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HERNADEZ, Leila Leite. **A África em Sala de Aula – Visita à História Contemporânea**. São Paulo, Selo Negro. 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

KARNAL, Leandro. (Org). **História em Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas**. São Paulo, Contexto. 2007.

KOINONIA. Um pouco de história: o Quilombismo. **Boletim Territórios Negros**, v.1, n. 2, mar. 2001. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/oq/artigosdetalhes.asp?cod=12574>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2000.

Kilomba, G. **Descolonizando o conhecimento - Uma Palestra-Performance** (J. Oliveira, Trad.). 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra/>. Acesso em: 15 jan. 2022. p. 17.

LEITE, Arnold Christian. A presença de heróis negros nos gibis. Entrevista concedida a IHU On-line. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. IHU On-line. São Leopoldo, 12 de novembro de 2007. Edição 243. p. 12-17. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/1474-christian-arnold-leite>. Acesso em: 11 nov. 2021.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador**. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1979

L’Odo, Alexandre L’Omi. **Juremologia: uma busca etnográfica para sistematização de princípios da cosmovisão da Jurema Sagrada**. Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado em Ciência da Religião, 2017.

LOPES, Elaine M. Teixeira (Org.) **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódio de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 51. Tradução Jess Oliveira.

McCloud, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Book, 2004.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Comunidade quilombola de Tijuacu**: memória, identidade e visibilidade. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

MOURA, Carlos André Silva de.; SANTOS, Mário Ribeiro dos (Org.). **Ultrapassando Fronteiras**: Narrativas e reflexões para o ensino de História. Recife: EDUPE, 2020.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e as rebeliões negras**. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988ª.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: fundação Mauricio Grambois; Anita Garibaldi, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica: 2006.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de militância pan-africana. 3. ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeatro, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 152- 167. RATTTS, Alex (Org.)

NASCIMENTO, Abdias. “Espírito e fisionomia do Teatro Experimental do Negro”. In: **Quilombo**, n. 3, junho de 1949.

NOGUEIRA, Natália A.S. **Jackie Ormes**: a ousadia e o talento da mulher negra nos quadrinhos norte-americanos (1937-1954). São Leopoldo; v. 18; n. 1; p. 21-38, jan-jun 2013.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020. (Feminismo Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro)

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O direito ao passado**: Uma discussão necessária à formação do profissional de História. Aracaju: Editora UFS, 2011.

OLIVEIRA, Ivone Martins de. **Preconceito e autoconceito**: identidade e interação na sala de aula. 8. ed. Papirus Editora, 1994.

oliveira caio pinheiro. **as representações sobre o negro nos livros didáticos antes e depois da lei nº 10.639/03**. disponível em:

http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1506700880_arquivo_artigo_completo_ivencontroestadualdehistoria-caiopinheirooliveira.pdf.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Processos identitários e a produção da etnicidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

PAIXÃO, Marcelo. **A Dialética do Bom Aluno**: relações raciais e o sistema educacional brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PAIXÃO, Marcelo. **Manifesto antirracista**: ideias em prol de uma utopia chamada Brasil. Rio de Janeiro: DP&A; LPP/UERJ, 2006.

PALHARES, M. C. **História em Quadrinhos**: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>.

POSTEMA, Bárbara. **Estrutura narrativa nos quadrinhos**: construindo sentido a partir de fragmentos. São Paulo: Peirópolis, 2018. Traduzido por

RAMA, A. VERGUEIRO, W. (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto 2021.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Quadrinhos na Educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2013.

RAMOS, Arthur. **Aculturação Negra no Brasil**. In: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/309/1/224%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> . acesso em: 20/05/2021.

RAMOS, Arthur. **O Negro na civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1971.

RATTS, Alex. **Uma história feita por mãos negras**: Relações raciais, quilombos e movimentos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

REIS, João José. **Quilombo e revoltas escravas no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n. 28, dez. 1995 fev. 1996 p. 14-39

REIS, João José; Gomes, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio**: História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Revista pesquisa FAPESP. Edição 201, 2012. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-imenso-portugal/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Matilde. **Pela promoção da igualdade racial**. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de novembro de 2003, A3.

RIBEIRO, Matilde; PIOVESAN, Flávia (Coord.). Dossiê – “120 anos da Abolição da Escravidão no Brasil: Um processo ainda inacabado”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Universidade e Santa Catarina, v.16, n. 3, p. 913-28, 2008,

RIBEIRO, M. Políticas de promoção da igualdade racial: impulso às ações afirmativas e à educação étnico-racial. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.16, n.33, p. 109-126, Jul./Dez. 2014.

RIOS, Mateus Flavia. Movimento negro brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000). **Sociedade e cultura**, v. 12. n.2, jul.-dez., 2009, p. 263-274.

ROCHA, Gabriel dos Santos. Sankofa. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. ano X, n. XX, dezembro/2017.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. 8. ed. Brasília: ed. UnB, 2004. p.95

SALES, Alcíglede de Jesus; PASSO, José Jovino Reis. **Educação uma questão de cor: a trajetória educacional do negro no Brasil**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-questao-cor-trajetoria-educacional-dos-negros-brasil.htm>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS, Sales Augusto dos. A metamorfose de militante negros em negros intelectuais. **Revista Mosaico**. v. 03. n. 05, 2011.

SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina Paulo da (Org.). **História em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?** Volume II. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2015

SANTOS, Jucélia Bispo. **Território e identidade: uma análise da comunidade quilombola da Olaria em Irará, Bahia**. São Paulo: Terra Livre, Ano 25, v. 1, nº 32, 2009. P. 153-172.

SEVERO SILVA, Marta F. da; SEVERO, David Ferreira. *As HQs como ferramenta pedagógica em sala de aula*. **Revista Incelência**, v. 4, n. 1, 2015. <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/inceleacias/article/view/289/211>

SCHWARTZ, Stuart. **Mocambos, quilombos e Palmares: a resistência escrava no Brasil Colonial**. Estudos Econômicos. São Paulo: IPE-USP. V. 17, n. esp. 1987. P. 61-88.

SILVA, Claudilene Maria da. **Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2015.

SILVA, Claudilene. O Processo de Implementação da Lei nº 10.639/03 na Rede Municipal de Ensino do Recife. In: AGUIAR, Márcia Ângela da S. et al. (Org.). **Educação e Diversidade: estudos e pesquisas**. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos Ed., 2009.

SILVA, Emanuela. **Africanidades em sala de aula: a construção da narrativa historiográfica da história da África e da cultura afro-brasileira**. XVIII Simpósio Nacional de História, Anpuh, Florianópolis. 2016.

SILVA, I. C. R. “**Marisqueira e quilombola é tudo a mesma coisa**”: um estudo sobre as formas de mobilização política – o caso de Povoação de São Lourenço - Goiana – Pernambuco. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2013.

SILVA, P. B. G. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Educação, Porto Alegre, v. 30, n.3, p. 489-506, set./dez. 2007.

SILVA, Marcos A., GUIMARÃES, Selva. *A necessidade da História no ensino fundamental: dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). À Base Nacional Comum Curricular*. In: VEIGA, Ilma P.A; SILVA, Edileuza Fernandes da. (Orgs.). Ensino Fundamental – da LDB à BNCC. Campinas: Papyrus, 2018, p. 227-248.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Dimensões e sobrevivências de pensamentos em educação em territórios africanos e afro brasileiros. In: **Negros, Território e Educação – NEM – Núcleo de Estudos Negros**, Florianópolis, 2000.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Personagens negros e brancos em ilustrações de livro didáticos de língua portuguesa. In: **Seminário de pesquisa da região Sul**, Santa Maria, RS, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT21-1808--Int.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendências em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Editora Autentica, 2006.

SOUZA, Thyago Ruzemberg de. De Nina Rodrigues a Arthur Ramos: a reinvenção de Palmares nos “estudos do negro”. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UF MG. v. 5, n. 2, maio/ago-2013.

TAVARES, Francisco Muniz. **História da Revolução de 1817**. Recife: Editora Cerpe, 1840, reedição 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Criativo, 2013.

YAMAGUTI, Vanessa. **Os Números do PNBE (2006-2014): a identificação dos quadrinhos nas escolas**. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/q_e_letamentos/vanessa_yamaguti.pdf. Acesso em: 20 fev.2022.

Anexo – Roteiro HQ

Uma viagem pela História do Quilombo de Malunguinho: O Rei das Matas do Catucá

Resumo do Roteiro

A narrativa do HQ iniciará com uma viagem dos estudantes do oitavo ano do ensino Fundamental II da Escola Municipal Jarbas Passarinho localizada no município de Ipojuca, como aula prática sobre a resistência coletiva dos negros e negras através do quilombo. Onde farão uma visita a uma comunidade remanescente de quilombola chamada Povoação de São Lourenço que fica localizada no município de Goiana – PE. Lá participarão junto aos estudantes do nono ano dessa comunidade de uma aula coletiva promovida por um ancião da comunidade chamado Pai João a convite do Professor de História chamado Severino. Os estudantes vão sair da Mata Sul até esta comunidade que fica na Mata Norte, e no percurso irão passar por variados pontos que eram redutos dos quilombolas do Catucá. Os personagens da escola de Ipojuca serão os colegas do curso do Profhistória, apenas aqueles que autorizaram e enviaram fotos para a produção dos personagens. Os personagens da comunidade serão todos fictícios, só coloquei algumas características para o ilustrador se basear para a produção, com ênfase na população negra que é o grupo social que compõe esta comunidade. Os personagens históricos foram em sua maioria retirados dos documentos da época.

Personagens da Comunidade Remanescente de Quilombola de Povoação de São Lourenço

1. Pai Manoel: Negro, barba, cabelo caracolados todo branco, traços fortes, altura em torno de 1,80 uns 80kg. 94 anos de idade.
2. João Pedro
3. Olga
4. Júlia
5. Beatriz
6. Nina

Todos com 14,15 anos de idade

Personagens Escola Municipal Ministro Jarbas Passarinho - os personagens abaixo serão produzidos a partir de fotografias e representam alguns colegas o Mestrado. Todos terão em torno de 13,14 anos de idade.

1. Professor Severino Jaime – com cerca de 45 anos, cabelos cacheados
2. Natália
3. Sanchirles
4. Luciano
5. José Soares
6. Andreza
7. Monique
8. Daniel José
9. Tércio
10. Nathaly

Personagens Históricos do Quilombo do Catucá

1. João Batista - Malunguinho
2. Manoel do Gabão
3. Maria Ignacia mulher de João Baptista
4. Filha de João Batista 14 anos
5. Vicente Ferreira filho de João Baptista
6. Manoel da Cruz
7. João da Hora – mestiço de indígena e negro.
8. Benedito Veloso – Negro característica

Personagens Históricos, criação fictícia para compor a narrativa

9. Moleque Ricardo
10. Jagunço Francisco
11. Feliciano
12. Coronel Francisco da Rocha de Paes Barreto.

A excursão

Parte 1. Essa primeira parte a intenção será mostrar os estudantes se deslocando de Ipojuca até a comunidade remanescente de quilombola de Povoação de São Lourenço, com ênfase em alguns pontos específicos, mostrando o contraste entre plantações de cana-de-açúcar, cidades e empresas, nessa região. Serão baseadas em fotografias atuais dessas localidades

Página 01

Quadrinho 1: alguns estudantes estão na calçada, outros chegando em grupo. Alguns chegam com instrumentos de percussão: atabaque, violão, pandeiro ... Sanchirles e Daniel, são alguns desses estudantes que já estão na calçada conversando. o professor Severino está em frente a porta do ônibus.

Falas:

Sanchirles: E aí Daniel, animado para conhecer a Comunidade Remanescente de Quilombo de Povoação de São Lourenço em Goiana?

Daniel: E então Sanchirles, ontem quase não dormir só pensando na viagem.

Quadrinho 2. Ônibus com portas abertas, estudantes em movimento dando ideia que estão subindo no ônibus.

Falas:

Professor Severino: vamos subir no ônibus, e nos organizar para sair.

Luciano: Professor ainda está faltando Benjamim.

Professor Severino: esse não tem jeito, qualquer viaje dessas vou deixá-lo para ver se toma jeito. Vamos esperar uns cinco minutos.

Quadrinho 3: Benjamim chegando correndo com uma grande mala de costa.

Falas:

Fala Professor: Sempre chegando atrasado né Benjamim?

Benjamim: Desculpe professor. É que dormir tarde ontem organizando minhas coisas.

Professor: Que mala é essa Benjamim? parece que você vai passar um mês.

Quadrinho 4: Estudantes rindo KKKK

Página 2:

Quadrinho 01: Professor dentro do ônibus já na viagem. Com uma lista nas mãos dando a ideia de que está fazendo a chamada dos alunos.

1. Natália
2. Sanchirles
3. Luciano
4. José Soares
5. Andreza
6. Monique
7. Daniel José
8. Benjamim
9. Nathaly

Falas:

Prof. Natália!!

Natália: aqui professor.

Quadrinho 02. Estudantes dentro do ônibus sentados e com sinto e o professor em pé falando para os estudantes.

Falas:

Professor Severino: Oi turma, que nossa viagem seja muito proveitosa.

Natália: vai ser, com certeza professor, estou super animada, até porque é a nossa primeira viagem depois dessa Pandemia de Covid 19. Não aguentava mais ficar em casa.

Luciano: Verdade, Natália. Também já não aguentava mais.

Quadrinho 03. Nesse quadro todos os estudantes estão no ônibus além do professor. Conversa entre Natália e o professor.

Natália: Estudar de forma remota é uma das piores coisas que inventaram. Que bom que nossas aulas presenciais voltaram e agora já podemos fazer nossas aulas de campo.

Professor Severino: Verdade, Natália!! Façam o registro e lembre-se, que no retorno faremos uma exposição com textos e imagens produzidas por vocês.

Quadrinho 04: Passando em Ipojuca a ideia do quadrinho aqui é mostrar uma foto do ônibus na rodovia e uma placa informando o local que estamos passando. Uso de onomatopeias, representando o som.

Daniel: cantando uma música

Todo guerreiro

No seu terreiro, sabe sua lei

E vai coroar negro rei

E vai coroar negro rei

E vai coroar negro rei, ayê
(Ayê, ayê, ayê)

Natália: linda essa Música Daniel, Negro Rei de Cidade Negra. Chega fico arrepiada só em ouvir.

Quadrinho 05: Passando no Cabo a mesma ideia do quadrinho anterior com os estudantes a observar e alguns conversando.

Falas:

Professor Severino: Vocês sabiam que aqui no Cabo, tem uma comunidade quilombola chamada Onze Negras?

José Soares: Eu sabia professor. Eu até já visitei esta comunidade. E gostaria de ir lá novamente.

Professor: Qualquer dia podemos nos organizar para visitar.

Página 03

Quadrinho 01: Passando em Jaboatão. Também será baseada em fotografia reais da localidade de determinados pontos.

Falas

Natália: cantando ...

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Professor: Essa eu conheço, Natália. AmarElo de Emicida. Tema do Filme documentário com o mesmo nome.

Natália: É linda a versão cantado por ele Pablo Vitar, Majur e Belchior.

Quadrinho 02: passando em Recife na Várzea UFPE.

Falas:

Andreza: aqui é a Universidade Federal né professor.

Professor Severino: isso Andreza, espero que muitos de vocês consigam estudar aqui em um futuro próximo.

Andreza: Assim seja, professor.

Quadrinho 03: Passando em Paulista ênfase no professor e os estudantes prestando atenção, outros tirando fotografias.

Professor Severino: Toda essa área que estamos passando nesse momento até o Município de Goiana era repleta de matas que eram conhecidas como matas do Catucá.

Professor Severino: E nessa área era onde existia um dos maiores foco de resistência negra do século XIX, o quilombo do Catucá.

Professor Severino: Alguns dos moradores da comunidade que iremos visitar se reconhecem como descendentes dos povos negros que habitaram esse quilombo.

Quadrinho 04: Passando em Abreu e Lima ênfase nos estudantes olhando a paisagem e prestando atenção na fala do colega e do professor.

Falas:

Luciano: Eu ouvi falar professor que aqui em Abreu e Lima, nas matas de um antigo Engenho, todos os anos tem uma festa em homenagem a Malunguinho, é verdade?

Professor Severino: Isso mesmo, Luciano. É o Kipupa Malunguinho, que acontece geralmente no mês de setembro em homenagem ao aniversário de morte de Malunguinho.

Página 04

Quadrinho 01: Continuação do quadrinho anterior, pode ser a mesma ambientação.

Falas

Professor Severino: ele é organizado pelo Quilombo Cultural Malunguinho que tem por objetivo a luta e o combate a intolerância religiosa.

Luciano: poderíamos nos organizar para vir para essa festa em setembro né professor.

Professor Severino: concordo, Luciano. Quem sabe se não será nossa próxima viagem.

Quadrinho 02: Passando em Igarassu

Professor: Vocês sabiam que Igarassu foi um dos Primeiros núcleos de povoamento do Brasil e possui a igreja católica mais antiga do Brasil a dos Santos Cosme e Damião segundo o IPHAN?

Natália: Não sabia professor. Vamos dá uma passadinha lá?

Professor: Dependendo da hora que voltarmos podemos visitar o centro histórico desta linda cidade.

Quadrinho 03: Passando em Itapissuma ênfase nas plantações de cana de açúcar e os estudantes a observar pela janela do ônibus.

Professor: Nessa área aqui existia diversos engenhos, e conseqüentemente muitos negros fugitivos escondidos nas matas que rodeavam essa área.

Quadrinho 04: Entrada para Pontas de Pedras e Carne de Vaca?

Falas

Professor: Aqui é a entrada da Comunidade Quilombola que iremos visitar: Povoação de São Lourenço.

Nathaly: Não tem o nome de São Lourenço na placa?

Professor: É Nathaly, boa observação. Porque será...

Página 05

Quadrinho 01: Passando em Tejucupapo

Falas

Professor: Já ouviram falar nas Heroínas de Tejucupapo?

Natália: Eu já professor, elas ajudaram na expulsão dos holandeses dessa região. Dizem que ajudaram na distribuição de pólvora e até usaram armas de fogo, água quente e pimenta.

Professor Severino: Isso mesmo Natália.

Natália: Eita mulheres, porreta.

Quadrinho 02: Imagem da entrada da comunidade de São Lourenço placa. Estudantes a observar pelas janelas. Pessoas esperando ônibus na beira da pista aqui dá ênfase a população negra. Imagens aleatórias.

Quadrinho 03: Professor dentro do ônibus na parte da frente falando para os estudantes. Imagem de fora o campo com garotos e garotas jogando, em sua maioria negros.

Falas

Professor Severino: esta é a Comunidade Remanescente de Quilombola Povoação de São Lourenço, trabalhei 5 anos aqui. Adoro essa comunidade.

Natália: Até que fim chegamos, foi uma longa viagem professor, não vejo a hora de parar e descer.

Natália: Podemos descer Professor?

Quadrinho 04. cena continuação da anterior Alunos olhando pelas janelas. Pessoas olhando o ônibus passar na rua na frente de casa.

Falas

Fala Professor: Ainda Não!! Vamos seguir em direção a escola Municipal Adélia Carneiro Pedrosa. Lá teremos um grupo de estudantes do Nono ano ansiosos esperando por nós. Para trocarmos experiencias e contar um pouco da história do Quilombo de Malunguinho.

Página 06.

Quadrinho 01. Ônibus seguindo para a escola. Pessoas indo buscar água em carro de mão ou cavalo com carroça.

Falas

Daniel: Que maravilha professor, também estamos muitos ansiosos para conhecer a História do quilombo e fazer novas amizades.

Professor: Não esqueçam de anotar e fotografar para nossa exposição na escola, conforme já orientei.

Quadrinho 02. Ônibus estaciona em frente à escola. Um grupo de estudantes estão na frente da escola dando ideia dos estudantes descendo do ônibus.

Quadrinho 03. Os estudantes já desceram do ônibus. E um grupo de estudantes na frente da escola a observar.

Júlia: Bem vindos a todos e todas. É com grande satisfação que recebemos vocês, em nossa comunidade.

Júlia: nos acompanhe para conhecer nossa escola.

Quadrinho 04: ideia dos estudantes entrando na escola.

Página 07

Quadrinho 01: os alunos chegam a atras da escola e ficam admirando a paisagem onde tem a visão do Rio de um longo campo verde ao fundo.

Falas

Andreza: Que linda esta visão.

Natália: Vamos tirar uma foto aqui turma? Venham todos. Não podemos deixar de registrar esse momento e esta paisagem tão linda aqui atrás.

Andreza: Adorei a escola e esta visão daqui de trás, é tudo.

Quadrinho 02: Fotografia de toda turma.

Professor Severino: Agora iremos caminhando até a Igreja católica que fica bem próximo daqui, pois nossa aula será lá com o Sr. Manoel que nos espera.

Quadrinho 03: imagem dos estudantes saindo da Escola Adélia e seguindo pela rua.

Falas

João Pedro: Nos acompanhem como o professor falou o Pai Manoel nos espera na Igreja. Ele é um ótimo contador da História do nosso antepassado.

Quadrinho 04: Imagem dos estudantes se deslocando pela rua e a população na calçada ou na janela a observar. Só imagem.

Página 8:

Quadrinho 01: Imagem da frente da igreja de São Loureço alguns a observar e outros entrando na Igreja.

Falas

Sanchirles: Que linda essa igreja.

Nathaly: Também amei. Muito aconchegante.

Quadrinho 02: Imagem dentro da igreja com os estudantes a observar.

Falas

João Pedro: Vocês sabiam que essa igreja é uma das mais antigas no estilo jesuítico do Brasil? Segundo os documentos oficiais ela já existia nos anos de 1630.

Nathaly: não sabia. E ela está bem conservada, né João Pedro?

João Pedro: isso, ela foi restaurada há pouco tempo, pelo Instituto Histórico de Pernambuco. Ela é tombada pelo Patrimônio Histórico de Pernambuco desde 1994.

Quadrinho 03: Dentro da Igreja.

Falas

Benjamim: E que Santo é esse no meio do altar?

Nina: É São Lourenço padroeiro de nossa comunidade.

Beatriz: Professor eu posso contar para os colegas um pouco da História da imagem de São Lourenço?

Professor: Claro que sim, fique à vontade.

Quadrinho 04: Dentro da igreja um estudante apontando para a imagem e os estudantes a escutar e observar

Falas

Beatriz: Contam os mais velhos que essa imagem de São Lourenço que aí vocês veem, ela foi encontrada por um morador em uma bica localizada no antigo Engenho Megaó, há muito tempo.

Sanchirles: Como assim? Parece a história de Nossa Senhora Aparecida.

Professor Severino: Boa observação Sanchirles.

Beatriz: o morador trouxe a imagem para o sítio Mangueirinha, que é como era conhecida essa localidade antes, e colocaram em cima de uma pedra, para as pessoas fazerem suas orações.

Quadrinho 05: imaginação da cena ... por um aluno (Sanchirles). Observando a imagem em cima de uma pedra e várias pessoas fazendo oração.

Página 9.

Quadrinho 01: cena dentro da Igreja e os estudantes a escutar Beatriz falando a história da igreja.

Falas

Beatriz: segundo contam os mais velhos, a noite o morador levou a imagem para dentro de casa e no outro dia colocou na pedra novamente, a imagem desapareceu e reapareceu na bica novamente.

Quadrinho 02. Continua a cena na igreja com Sanchirles com a cara de espanto fazendo pergunta para Beatriz.

Sanchirles: Como assim? A imagem voltou para o lugar onde foi encontrada sozinha?

Beatriz: Isso mesmo. Então os moradores antigos entenderam que o santo queria um lugar apropriado para ser adorado.

Quadrinho 03: Continua a cena da igreja ênfase em Beatriz e Natália

Falas

Natália: E aí o que aconteceu?

Beatriz: Os moradores se juntaram e construíram uma igreja para São Loureço, e depois disso ele nunca mais saiu de seu altar, há não ser no dia da festa em sua homenagem que é dia 10 de agosto. Esta história, como muitas outras fazem parte de nossas tradições.

Quadrinho 04: estudantes na igreja a escutar pai Manoel sentado em um banco dentro da igreja a observar os diálogos dos estudantes.

Falas

Sanchirles: adoro estas histórias.

Olga: Ainda segundo os mais velhos. Toda essa terra pertencia ao dono do Engenho Megaó que ficava em Tejucupapo. Que com seu gado doente e morrendo fez uma promessa para o Santo.

Quadrinho 05. Cena continua na igreja com os estudantes impressionados com as histórias contadas.

Sanchirles: Que Promessa?

Olga: Caso o gado parasse de morrer doaria as terras do sítio Mangueirinha para a igreja. Com a promessa alcançada fez a doação para o Santo. Daí a comunidade passou a ser chamada de São Lourenço.

Parte 02:

Roda de conversa nos arredores da Igreja com o Sr. Manoel

A partir desse momento os estudantes estarão em uma roda de conversa com Sr. Manoel ou pai Manoel como os membros da comunidade chamam sentados no chão ou em pé, ouvindo e anotando, o que muda nas cenas serão quem estará no primeiro e segundo Plano, assim como o foco, em alguns momentos os alunos levantam ficam a observar, assim como Pai Manoel, sempre com gestos. Os estudantes fotografam, gravam, outros anotam no caderno. Aqui surgirá algumas imagens a partir de pensamentos dos estudantes que remete ao quilombo do Catucá a partir da fala de Pai Manoel.

Página 9

Quadrinho 01: Estudantes saindo da igreja se dirigindo para o lado da igreja.

Falas

João Pedro: E aí meus colegas querem saber mais sobre o nosso antepassado?

Luciano: queremos Sim, João Pedro, afinal adoramos História.

João Pedro: então sente-se que lá vem história. Esse é o Pai Manoel que tem 85 anos, ele só aprendeu a ler e escrever tardiamente, pois muito cedo começou a trabalhar e escola em sua época de criança era para poucos.

Quadrinho 02: Estudantes se sentam em umas cadeiras ou no chão a critério para escutar Pai Manoel.

Falas

Olga: Pai Manoel nasceu e sempre viveu aqui. É o maior contador de história do nosso antepassado. Pessoas dos variados lugares já vieram entrevistar ele. É a nossa inspiração.

Sr. Manoel: sou apenas um homem, que como tantos outros do meu tempo aprendemos a ouvir e repassar as nossas memórias para que elas não morram.

Quadrinho 03. Pai Manoel em Primeiro Plano dando início a conversa sobre o quilombo do Catucá.

Sr. Manoel: A nossa história tem origem em um período muito sombrio de nossa História, não é Pedrinho?

João Pedro: Sim Pai Manoel, já aprendi muitas histórias com o senhor e com meu professor de História na sala de aula sobre o nosso antepassado.

Quadrinho 04: Os estudantes sentados ouvindo e prestando atenção a História.

Falas

Pai Manoel: ela remonta ao período da escravização onde nós negros e negras éramos trazidos da África como escravizados nos navios tumbeiros e vendidos como mercadorias por toda a América. Porém nem todos aceitavam ser escravizados né Nina?

Página 10

01, 02,03, 04 Sequência de quatro ou mais Quadrinhos Pensamento: negros nos navios tumbeiros e chegando aqui na costa brasileira e sendo negociados. A ideia é que mostre um navio carregado de escravizados atracando no porto do Recife; outro um grupo de negros homens e mulheres descendo, alguns os donos passando óleo no corpo dos negros e negras. E outro com vários senhores para comprar escravizados. Estas cenas serão baseadas em documentos do período.

Quadrinho 05: A cena retorna para Nina olhando para Pai Manoel e afirmando algumas narrativas.

Falas

Nina: Isso mesmo, Pai Manoel. Sempre fomos muito resistentes na luta contra os desmandos da sociedade, os nossos antepassados mesmo correndo risco de sofrerem punições resistiam das mais variadas formas.

Pai Manoel: verdade minha filha.

Página 11

Quadrinho 01. Retorno Pai Manoel em primeiro plano dialogando com os estudantes, uns prestando atenção anotando, fotografando, gravando.

Falas

Pai Manoel: Isso mesmo, Nina. Sempre fomos muito resistentes, não é à toa que mesmo diante de todos os desmandos da sociedade, no sentido de apagar as nossas tradições, resistimos e chegamos até os nossos dias. Nós dessa comunidade somos um exemplo disso.

Nina: É pai graça a nossa unidade, conseguimos resistir e reexistir mesmo com todas as tentativas de apagamento de nossas histórias, sempre nos colocando em patamares inferiores.

Quadrinho 02: Volta para pai Manoel em primeiro plano.

Falas

Pai Manoel: nossa comunidade é fruto dessa resistência e o reconhecimento como Comunidade Remanescente de Quilombola em 2005, só veio confirmar a nossa história de luta.

Pai Manoel: segundo os meus antepassados toda essa região em um passado não tão distante era reduto de homens e mulheres fortes que lutavam pela liberdade fugindo de seus senhores e se escondendo pelas matas do Catucá, os famosos Malunguinhos.

Quadrinho 03: Estudantes espantados com o nome.

Falas

Sanchirles: Malunguinhos? Como assim? Não era apenas um?

Pai Manoel: Existiam vários nas matas do Catucá. Pois Malunguinho era como eles se tratavam.

Pai Manoel: Porém um dos mais famosos da História do Catucá foi o João Batista que até dinheiro foi oferecido pelo governo como recompensa para aqueles quem o pegasse vivo ou morto.

Quadrinho 04. Cena estudantes escutando atenciosamente Pai Manoel.

Falas

Sanchirles: Então quer dizer que existiam mais de um quilombo nas matas do Catucá?

Pai Manoel: com certeza, Sanchirles.

Sanchirles: E de onde vem esse nome Malunguinho, Sr. Manoel?

Sr. Manoel: Malunguinho vem de malungo que significa companheiro de viagem, ou seja, eram como os negros de uma mesma embarcação se chamavam.

Sanchirles: Entendi

Página 12

Quadrinho 01: Estudantes ouvindo e participando da conversa.

Falas:

Sanchirles: Quando estávamos vindo, o Professor falou que boa parte do caminho que passamos até chegar aqui eram reduto de negros e negras resistentes.

Pai Manoel: Isso mesmo Sanchirles. Eram as matas do Catucá iniciavam no subúrbio do Recife e Olinda e se estendia até a divisa com a Paraíba, ou seja, até esta área que vocês veem aqui.

Quadrinho 02: nesse quadrinho mostra Pai Manoel fazendo gesto com as mãos mostrando a área.

Quadrinho 03: Continuação do diálogo na roda de conversa com a participação dos estudantes

Falas

Sanchirles: o interessante Pai Manoel, em nossa vinda para cá é que quase não vimos matas, há não ser pequenos focos, na maior parte do caminho só vimos povoados, empresas e cana de açúcar.

Pai Manoel: Pois é, Sanchirles a paisagem da mata norte, hoje é muito diferente daquela de duzentos anos atrás.

Pai Manoel: As matas foram praticamente destruídas e os nossos rios poluídos com venenos usados nas plantações das canas e os dejetos das moradias e empresas.

Sanchirles: que absurdo.

Quadrinho 04: Alunos sentados no chão em uma roda de conversa, e anotando, gravando o que é dito.

Falas

José Nunes: Nos fale mais um pouco do Quilombo do Catucá?

Pai Manoel: claro meu jovem. É sempre uma honra poder dividir o pouco conhecimento que possuo com as pessoas. Acho que essa é a minha missão aqui na terra.

José Nunes: E nós nos sentimos honrado com tanta sabedoria e humildade.

Pai Manoel: Passar o conhecimento para os nossos descendentes é uma prática comum, desde o nosso antepassado africano, para que nossas histórias não morram.

Página 13

Quadrinho 01: Continuação da cena anterior com os estudantes a interagir com Pai Manoel fazendo perguntas e ele respondendo.

Falas:

Monique: o Sr. sabe como e quando o quilombo do Catucá se formou?

Pai Manoel: há indício que ele surgiu em um período em que a Província de Pernambuco estava passando por forte turbulência política e econômica. Embora as matas do Catucá desde tempos remotos abrigavam escravizados fugitivos.

Monique: Turbulência política e econômica? Como assim, pai Manoel.

Pai Manoel: em 1808 veio para o Brasil, a Família Real Portuguesa, e foram morar lá para o lado do Rio de Janeiro, e era muita gente. Dizem que era mais de dez mil pessoas.

Quadrinho 02: Cena são as mesmas com poucas mudanças só muda a questão do primeiro Plano.

Falas:

Monique: Nós estudamos isso, no livro dizia que eles vieram fugindo de Napoleão Bonaparte, que invadiu Portugal por descumprimento ao Bloqueio Continental.

Pai Manoel: Isso mesmo Monique. Percebo que vocês prestam atenção nas aulas de história.

quadrinho 03: cena volta para a roda de conversa e os estudantes com rosto de satisfação devido ao comentário de Pai Manoel.

Falas

Pai Manoel: E para sustentar essa grande quantidade de pessoas, os a população pernambucana e de outras províncias eram obrigados a pagar pesados impostos aos portugueses.

Daniel: no livro dizia que até o querosene usado nos lampiões para iluminar a cidade do Rio de Janeiro era pago pela população.

Pai Manoel: pois é, Daniel.

Quadrinho 04: Continua na roda de conversa o dialogo agora passa para Pai Manoel e José Nunes.

Falas

Pai Manoel: Então os senhores arretado com essa situação realizaram várias revoltas entre elas a Revolução Pernambucana e a Confederação do Equador, as quais almejavam ficar independente dos portugueses.

José: também estudamos, sobre essa questão. Aprendi até que a província de Pernambuco ficou independente de Portugal por dois meses durante a Revolução Pernambucana de 1817 e que fizeram até uma bandeira que é bem parecida com a atual e receberam o apoio de outras províncias.

Página 14

Quadrinho 01: Roda de conversa agora o professor Severino faz uma intervenção.

Falas

Professor Severino: estou gostando de ver, vocês aprenderam direitinho os conteúdos em sala de aula.

José: Somos esperto. Sabemos que o nosso futuro depende dos estudos.

Pai Manoel: nesse momento de revoltas entre as elites os engenhos ficavam menos protegidos, então era mais fácil para os nossos antepassados fugirem e tentar a vida em liberdade.

Quadrinho 02: O quadro deve sempre está mostrando, os estudantes com rosto de interesse, outros surpresos com a História e sempre dando a ideia de movimento e participação

José: eu vi no livro que nem todo mundo fugia para as matas, muitos fugiam para as cidades e tentavam viver como libertos.

Pai Manoel: isso mesmo José, alguns fugiam para as cidades, outros fugiam para as matas. Ainda havia casos de escravizados que fugiam por pouco tempo para visitar parentes, por exemplo, e depois retornavam, e também casos de escravizados que fugiam para viver com outro senhor.

Quadrinho 03: Roda de conversa com a participação dos estudantes, o local da narrativa pode ir mudando de local, embora, sempre nos arredores da igreja.

Falas:

Monique: eles não tinham medo de fugir, pai Manoel?

Pai Manoel: acredito que o medo sempre existiu, porém o sonho da liberdade muitas vezes superava esse medo.

Monique: como eles sabiam que era o momento certo para fugir.

Quadrinho 04. Segue a ideia da cena acima só mudando quem estará em primeiro plano e em segundo.

Falas:

Pai Manoel: geralmente eles arriscavam, porém, os escravizados eram muitos espertos, muita coisa que acontecia dentro da casa grande, e até mesmo nas vilas e fazendas do entorno eles ficavam sabendo, e daí viam o momento mais propício para a fuga.

Pai Manoel: e nesses momentos em que estavam envolvidos nas querelas senhoriais, os engenhos ficavam mais vulneráveis, percebendo isso alguns escravizados aproveitavam para fugir.

Pai Manoel: Vocês sabiam que havia senhores que armavam os próprios escravizados para lutar nessas querelas?

Página 15

Quadrinho 01: as cenas são continuidades das anteriores.

Falas:

Andreza: como assim?

Pai Manoel: muitas vezes por falta de pessoas livres para lutar, os senhores armavam os escravizados, e muitos de posse dessas armas debandavam.

Quadrinho 02: Dialogo na roda de conversa

Falas:

Pai Manoel: a fuga em grupo podia ser mais perigosa, pois chamava a atenção dos senhores da região que organizavam expedições para recapturar os escravizados fugitivos.

Pai Manoel: Contava meu pai que seu bisavô que era escravizado, conseguiu fugir do Engenho Mata Norte, famoso engenho da época, e depois retornou para capturar sua esposa e filha, e foi se esconder nas matas do Catucá no desenrolar da Confederação do Equador.

Quadrinho 03: Continua na roda de conversa

Falas:

Luciano: também estudamos sobre a Confederação do Equador, lembrás Andreza?

Andreza: não tem como esquecer. Lembro sobretudo do triste fim de Frei Caneca um dos líderes dessa Confederação, que foi condenado a forca, só que por ser padre o carrasco desistiu. A sentença passou a ser o fuzilamento.

Quadrinho 64. Roda de conversa

Falas:

José: ele fugiu sozinho ou com outros companheiros, Sr. Manoel?

Pai Manoel: Fugiu ele e mais dois amigos angolanos.

Sanchirles: Seu pai contou como foi a fuga?

Quadrinho 65: Conversa e os estudantes prestando atenção e perguntando.

Falas:

Pai Manoel: contou sim. Foi uma aventura e tanto. Querem ouvir a saga?

Sanchirles: com certeza, adoramos essas histórias.

A Fuga

Parte 3: Aqui a narrativa vai ao passado como se Pai Manoel estivesse viajando no tempo e os estudantes a observar com muita atenção.

Páginas 16

Pai Manoel: contava meu pai ter ouvido do seu meu bisavô, que certo dia:

Quadrinho 01. Aqui há a representação de um engenho com toda a sua estrutura, mostrando gente trabalhando, pessoas cuidando de animais e outros na produção de açúcar e um moleque chegando cansado na senzala

Falas:

Moleque: Sr. está chamando Manoel da Cruz, João da Hora e Benedicto, pois vai levar eles para lutar a favor dos Confederados.

Manoel da Cruz: Nos levar para luta?

Manoel da Cruz: balão pensamento: é dessa vez que a gente foge desse Sr. malvado.

Quadrinho 02: Manoel da Cruz se despede da esposa e fala alguma coisa no ouvido dela e sua filha a olhar com tristeza tal despedida.

Quadrinho 03: Chegam ao encontro do Sr. que já está montado:

Fala do Sr.: Entregue as armas a eles. Espero que não nos decepcione.

Quadrinho 04: Os escravizados recebem as armas com um misto de surpresa e felicidades.

Página 17

Quadrinho 01: eles andando pela estrada acompanhando seus senhores montado em cavalo com outros companheiros e jagunços.

Quadrinho 02: Benedicto para e pega umas frutas no caminho, comem e dá a seus companheiros.

Fala:

Jagunço: Não coma essa fruta quente negro. Podes adoecer.

Manoel da Cruz: Surge balãozinho de ideias.

Quadrinho 03: Chega na fazenda do compadre dos senhores, fazenda cheia de plantação de cana de açúcar, senzala, igreja, porém com uma enorme mata fechada de um lado.

Quadrinho 04: um dos escravizados reclama de dores na barriga . ai, aí, aí.

Página 18

Quadrinho 01: os outros dois começam com as mesmas dores, aí, aí, aí... vão em direção a mata e o jagunço fica a observar os negros.

Quadrinho 02: Quadrinho com um jagunço: pensamento cadê aqueles negros que não voltaram?

Quadrinho 03: jagunço entrando na mata a procura os negros que estão escondidos atrás de algumas árvores.

Quadrinho 04: Manoel da Cruz dá uma coronhada com a arma no jagunço que desmaia.

Quadrinho 05: Pega a arma do jagunço e saem correndo.

Página 19

Quadrinho 01: cena em primeiro plano mostrando o Jagunço desmaiado e os negros fugindo.

Quadrinho 02: Os três negros correndo mata a dentro.

Quadrinho 03: Os três negros correndo mata a dentro, enfrentando alguns perigos como animais e atoleiros de lama e depressões

Quadrinho 04: Os três negros correndo mata a dentro, chega nas proximidades de um rio que precisam atravessar para o outra margem.

Página 20

Quadrinho 01: Volta para a roda de conversa.

Natália: estou curiosa, e aí o que aconteceu? Eles conseguiram escapar

Quadrinho 02: param embaixo de uma árvore para descansar um pouco

Quadrinho 03: escutam os gritos dos capangas os procurando.

Quadrinho 04: Os negros levantam e correm para se esconder em uma gruta que ver ao lado.

Página 21

Quadrinho 81: Os jagunços se aproximam.

Quadrinho 82: De repente os jagunços escutam um barulho das folhas se mexendo.

Quadrinho 83: os estudantes com uma cara de ansiedade.

Natália: O Que aconteceu?

Pai Manoel: As formigas começam a morder, e um dos companheiros fez barulho

Quadrinho 84: os jagunços ouvindo o barulho e parado com os ouvidos bem abertos:

Falas

Jagunços: são eles. Vamos eles estão aqui não viram o barulho.

Jagunço 02: pode ser um outro animal...

Página 22

Quadrinho 85: Ênfase em Benedicto na gruta

Fala:

Benedicto: pelos Orixás, que minha mãe Iansã nos proteja.

Quadrinho 86: um vento forte com uma tempestade

Fala:

João da Hora: Ela está nos protegendo.

Quadrinho 87: um quadro grande com o orixá Iansã surge no ar.

Quadrinho 88: Os capangas sendo arrastado pelo vento forte.

Página 23

Quadrinho 01: Os jagunços jogados ao longe, todos machucados e caído no chão.

Quadrinho 02: Volta para a roda de conversa

Falas

Sanchirlles: E aí o que aconteceu com os seus parentes, Sr. Manoel?

Pai Manoel: Eles se adentraram pelas matas.

Pai Manoel: Meu pai conta que seu bisavô e amigos andaram pelas matas por dois dias, enfrentando vários perigos, e se alimentando do que encontravam na natureza até avistarem um reduto de povos negros dentro da mata.

Quadrinho 03: correndo pelas matas: esses quadros podem ser divididos em mais cenas, dependendo da criatividade do ilustrador, para dá mais emoção a história.

Quadrinho 04: correndo pela mata ouvem um barulho ao entardecer após dois dias de caminhada pelas matas.

O quilombo

Página 24

Quadrinho 01: Se aproximam e percebe que é o quilombo. Mostra imagem do quilombo com as plantações e criações de alguns animais e pessoas circulando ao longe. Eles observando atrás de uma árvore.

Falas:

Manoel da Cruz: pelos Orixás conseguimos chegar no quilombo.

João da Hora: Agora estamos seguros Manoel.

Quadrinho 02. Cena ênfase em Benedicto atrás da árvore.

Benedicto: Olhem Manoel do Gabão e João Batista.

Quadrinho 03: Seguem em direção ao quilombo

Quadrinho 04: São recebidos com abraços e aperto de mãos, cena deve trazer emoção.

Benedicto: Quanto tempo companheiros?

Página 25:

Quadrinho 01. Início da noite. É feita uma grande fogueira e todos festejam a chegada dos novos malungos.

Quadrinho 02. Ênfase em uma Roda de capoeira, João Batista cantando e tocando berimbau:

Paranauê, paranauê paraná

Paranauê, paranauê paraná

Paranauê, paranauê paraná

Paranauê, paranauê paraná

Fala João Batista: Quanto tempo, malungo.

João da Hora: Achei que nunca mais fosse ver você.

Quadrinho 03: Mostra a festa no quilombo. Cantando música. Sempre em roda.

Sou eu, sou eu, sou eu maculelê sou eu

E Nós Viemos De Mato Grosso

Num lema da casa real

Dizem que ele dorme noite e dia um pé na África outro na Bahia

Quadrinho 04: Cenas da festa no quilombo ênfase em uma roda de conversa com pessoas idosas.

O Resgate

Página 26

Quadrinho 01: Volta para o tempo real Pai Manoel, contando a história?

Monique: e o seu trisavô tinha família no engenho?

Pai Manoel: Tinha sim, uma esposa e uma filha.

Monique: e o que aconteceu com elas?

Pai Manoel: Ele foi resgatar com uns amigos do quilombo. Foi uma aventura e tanto. Querem ouvir?

Monique: E então, adoramos suas histórias.

Quadrinho 02: Estudantes atentos a ouvir a história.

Quadrinho 03: Mostra o grupo comandado por Manoel da Cruz indo fazer a captura de Maria de Angola e Mariazinha filha.

Quadrinho 04: mostra o deslocamento

Quadrinho 05: mostra Manoel da Cruz e uns amigos nos arredores do engenho Mata Norte a noite bem protegido com os capangas andando nos arredores da senzala.

Página 27:

Quadrinho 01: aproximam um pouco mais. E dá um assovio bem forte.

Quadrinho 02: Esposa sai de dentro da senzala

Manoel da Cruz: Pensamento é Maria ela entendeu o meu código cadê a Mariazinha? Outro assovio.

Quadrinho 03: Maria e Mariazinha aparece e fica observando nos arredores e disfarçadamente, entram na mata.

Quadrinho 04: De repente um jagunço percebe a movimentação e vai a senzala e percebe a falta de Maria e Sua filha.

Quadrinho 05: o Jagunço começa a procurar nos arredores da Senzala.

Página 28

Quadrinho 01: É atacado por Manoel da Cruz com uma porrada na parte de trás da cabeça e amarra um pano na boca e 0 amarra pelos pés.

Quadrinho 02: Fogem pelas matas com Maria e Mariazinha.

Quadrinho 03: pelas matas com a família, enfrenta alguns perigos.

Quadrinho 04: O jagunço é encontrado por um colega que o acorda e conta o acontecido.

Página 29

Quadrinho 01: os jagunços saem pela mata a procura dos fugitivos, porém devido ao longo tempo que fazia resolvem voltar.

Quadrinho 02: Mostra os fugitivos pelas matas

Quadrinho 03: Mostra a caminhada e o cansaço na ida ao quilombo

Quadrinho 04: chegando no quilombo

Página 30

Quadrinho 01: Volta para Pai Manoel na Roda de Conversa.

Daniel: Que aventura pai Manoel.

Daniel: seu pai ouviu histórias do seu bisavô de como era a vida no quilombo?

Pai Manoel: sim, sempre falava. Dizia que as pessoas viviam de forma muito simples, porém em uma realidade muito diferente da Senzala. Lá eles tinham a liberdade, trabalhavam, dançavam, cantavam, cultuavam seus orixás sem ser incomodado.

Quadrinho 02. Roda de conversa com os estudantes

Daniel: E eles sobreviviam de quê?

Pai Manoel: sobreviviam do que plantavam e criavam, também negociavam com os moradores e comerciantes da região, com escravizados das fazendas próximas, e até com alguns senhores e senhoras de engenho da região.

Quadrinho 03. Diálogo com Pai Manoel

Nathaly: Como assim Pai Manoel? Negociavam com senhores de engenho?

Pai Manoel: Pois é, tinha alguns senhores que as vezes por medo de sofrerem retaliação ou por necessidades, negociavam com os aquilombados, alguns até contratavam os serviços dos negros aquilombados.

Quadrinho 04. Diálogo com Pai Manoel

Nathaly: Oxente Pai Manoel, quer dizer que eles não viviam isolados, como os moradores do Quilombo dos Palmares?

Pai Manoel: Claro que não, Nathaly. A maioria dos moradores dos quilombos não viviam isolados, inclusive o dos Palmares. Existiam uma rede de solidariedade.

Página 31

Quadrinho 01: roda de diálogo

Nathaly: Estou de queixo caído!!

Pai Manoel: E o Catucá, por estar inserido em uma das regiões mais desenvolvida da província de Pernambuco, área de produção de açúcar, algodão e de transporte de gado, era difícil o isolamento.

Quadrinho 02. roda de diálogo

Olga: e por esse motivo também acredito que era mais fácil a repressão por parte dos senhores e do governo, não é Pai Manoel?

Pai Manoel: Isso mesmo, Olguinha. Foram várias as expedições organizadas pelos senhores e pelo governo da província de Pernambuco para por fim ao quilombo do Catucá.

Quadrinho 03. roda de diálogo

Pai Manoel: e isso muitas vezes deixavam os moradores do quilombo irritado com alguns senhores e agiam com retaliação, ateando fogo nas plantações antes da colheita, realizavam pequenos furtos de animais e das plantações dos engenhos. Ou podiam organizar para capturar os negros dos engenhos desses senhores.

Nathaly: E eles não tinha medo de sofrerem mais retaliações desses senhores de engenho também?

Pai Manoel: O medo e o risco sempre existiam, porém era necessário arriscar e demonstrar força, coragem e organização em suas ações.

Quadrinho 04: roda de diálogo

Benjamim: E se ele fosse pego o que acontecia?

Pai Manoel: eram entregues aos seus antigos donos quando informava o nome, e geralmente os líderes vendidos para outras províncias. Eram punidos com chicotadas no tronco, orelha cortada, perna quebrada, Marcação com ferro quente, a morte para servir de exemplo, entre outros.

Pai Manoel: Meu pai contava o caso do primo do meu trisavô chamado Feliciano que fugiu e foi recapturado e ao chegar no engenho foi punido no tronco, e depois ainda foi marcado com um ferro em brasa.

Benjamim: pelos Orixás! Fico até arrepiada só em imaginar.

Punições

Página 32

Quadrinho 121: Estudante saindo um balão de imaginação.

122, 123, 124: Quadrinho de imaginação página inteira: Só mostrando cenas de possíveis castigando ao negro Feliciano e marcando com ferro quente.

Benjamim: e o que aconteceu com ele?

Pai Manoel: Acabou morrendo dias depois.

Página 33

Quadrinho 01: Alunos a escutar Pai Manoel:

Pai Manoel: e essa repreensão acontecia de forma constante. Porém nos momentos em que as elites como já mencionei, estavam envolvidas nas querelas, os quilombolas do Catucá, de certa forma, ficavam mais sossegado.

Pai Manoel: Porém quando essas querelas acabavam a repressão voltava, contudo, para destruir o quilombo do Catucá.

Quadrinho 02: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes

Daniel: os quilombolas sabiam quando a tropa do governo ia atacar o quilombo?

Pai Manoel: Na maioria das vezes sim, Daniel, e dava para se preparar, tirando as crianças e mulheres do quilombo e enviando para outros lugares, assim como dava para organizar a defesa, como a elaboração de estrepe. Outra vezes não.

Pai Manoel: diferente do que diziam havia uma rede de solidariedade e cumplicidade entre os quilombolas e os moradores da região.

Quadrinho 03: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes

Daniel: O que é estrepe?

Júlia: posso explicar pai Manoel?

Pai Manoel: Fique a vontade Júlia.

Júlia: Era um tipo de armadilha que, durante guerras, conflitos, era posto em fosso, vala etc. para dificultar a passagem do inimigo. Eram feitos com madeiras pontiagudas ou com ferro.

Quadrinho 04: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes

Daniel. Entendi Júlia. Quer dizer que eles colocavam esses objetos pontiagudos nos buracos ou valas para os inimigos caírem dentro e se estrepar, como diz a história.

Júlia. Justamente, muitas vezes eles ainda cobriam com galhos de arvores e/ou outros materiais para disfarçar e quando você passava caía dentro e geralmente morriam.

Página 34

Quadrinho 01: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes

Pai Manoel: Meu pai conta que seu bisavô sobreviveu a um dos ataques que aconteceu em 1828, ao quilombo, porém uma boa quantidade de pessoas conseguiu sair e se esconder em outra região.

Pai Manoel: segundo contava nossos antepassados lutaram bravamente, porém alguns morreram, outros foram presos e muitos ficaram feridos.

Daniel: E da tropa do governo, não houve baixa?

Pai Manoel: Houve Daniel, alguns militares também foram mortos e muitos ficaram feridos.

Quadrinho 02: Diálogo entre os estudantes na roda de conversa

Luciano: mais e aí o que aconteceu com o quilombo?

Pai Manoel: nada restou do quilombo, destruíram tudo, inclusive atearam fogo nas moradias e nas plantações.

Luciano: Quanta maldade. E os sobreviventes?

Quadrinho 03: Continua o diálogo com os estudantes

Pai Manoel: ficaram perambulando pelas matas, divididos em vários grupos para evitar serem pegos pelas forças governamentais por alguns dias para só depois se fixarem em outra região dentro da mata.

Quadrinho 04: Continua o diálogo só vai mudando quem está em primeiro plano

Nathaly: E para sobreviver o que eles faziam, já que não tinha mais suas plantações?

Pai Manoel: muitos passaram a viver cometendo pequenos furtos aos engenhos e comerciantes da região, montando tocaias, colhendo frutos e pescando nos rios e no mar, negociavam com os pequenos agricultores e até mesmo com escravizados e senhores de engenho.

Página 35

Quadrinho 01: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes

Nathaly: Como assim, havia senhores que negociavam com os fugitivos?

Pai Manoel: Meu pai contava um caso que aconteceu aqui bem pertinho em Tejucupapo. Que mostra essa proteção ou de certa forma a vista grossa de alguns senhores de engenho dessa região.

Quadrinho 02: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes

Nathaly: Como assim, Pai Manoel.

Pai Manoel: disse que um certo dia um grupo de negros e negras aquilombados, passaram a noite de Santo Antônio batucando na senzala do engenho Macaco sem ser incomodada. Ao raiar do dia foram embora.

Quadrinho 03: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes

Monique: Quer dizer que passaram a noite batucando na senzala de um engenho?

Pai Manoel: Isso mesmo.

Monique: nunca ouvi, nem li nada parecido em meus livros. Incrível esta informação.

Quadrinho 04: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes

Pai Manoel: Pois é Monique, ele disse ainda que dias depois um outro grupo de quilombola aparecera no engenho e tentaram roubar os anéis dos dedos da dona do Engenho.

Pai Manoel: A mucama aproveitando um descuido do grupo, saiu correndo para comunicar o fato ao grupo que haviam passado a noite de Santo Antônio na Senzala.

Página 36

Quadrinho 01: Diálogo entre os estudantes e Pai Manoel.

Monique: E aí o que aconteceu?

Pai Manoel: Eles foram a procura dos meliantes, e ao encontrar prenderam e levaram para o juiz de paz, ao chegar lá o juiz alegou que não tinha como deixar os meliantes presos.

Quadrinho 02: Diálogo entre os estudantes e Pai Manoel.

Luciano: Como assim?

Pai Manoel: na maioria das vilas na época não existiam cadeias, Luciano. Logo ele tratou de resolver a situação punindo os dois, onde um dos quais acabou morrendo após os castigos.

Luciano: Pelos Orixás.

Quadrinho 03: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes circulando na frente da igreja

Natália: uma questão que me intriga. Qual era o papel das mulheres no quilombo?

Pai Manoel: as mulheres Natália participavam de todas as atribuições do quilombo, inclusive montando tocaia e lutavam contra as tropas governamentais.

Quadrinho 04: Diálogo entre Pai Manoel e os estudantes circulando na frente da igreja

Natália: é que pouco ouvimos falar das mulheres no quilombo. E a história das mulheres muito me interessa.

Pai Manoel: É Natália, lembre-se que nós fomos formados a partir de uma estrutura patriarcal, onde o papel das mulheres era muito restrito, mesmo que a mulher tivesse um protagonismo em uma ação, dificilmente o homem iria dá notoriedade a esta ação.

Página 37

Quadrinho 01: Roda de conversa com os estudantes a escutar e interagir

Luciano: Como assim, Sr. Manoel?

Pai Manoel: O sonho dos senhores e do governo era acabar com esse foco de resistência dos povos negros nas matas do Catucá. E um grande passo foi dado com a criação da colônia Amélia no final de 1829.

Quadrinho 02: Roda de conversa com os estudantes a escutar e interagir

Daniel: Colônia Amélia? Que colônia foi esta que nunca ouvi falar?

Pai Manoel: Daniel este foi o nome dado a uma colônia, que foi instalada pelo governo da província de Pernambuco nas matas do Catucá com o intuito de povoar a região para diminuir os focos de resistência negra na região.

Quadrinho 03: Os estudantes continuam a interagir com Pai Manoel

Daniel: E de onde vieram as pessoas para formar essa colônia?

Pai Manoel: Vieram de muito longe, Daniel. Eram povos germânicos, que vieram com o intuito de ir para Santa Catarina, porém tiveram problema no navio e acabaram tendo que se instalar em Pernambuco.

Pai Manoel: O governo não perdeu a oportunidade e deu para eles terras nas matas do Catucá em um local chamado Cova da Onça.

Quadrinho 04: Roda de conversa com os estudantes

José: E eles aceitaram?

Pai Manoel: E então José, acharam que estavam fazendo um ótimo negócio, tendo em vista que além do lugar e a moradia o governo também ofereceu uma ajuda de custo para as famílias. Só não disseram a eles que essa área era reduto de quilombolas, indígenas e outros fugitivos.

Página 38

Quadrinho 01: estudantes a ouvir e interagir

José: E aí o que aconteceu?

Pai Manoel: logo passaram a enfrentar os perigos de perto, sendo atacados por grupos que viviam nas matas, muito acabaram desistindo e procurando outros lugares para viverem, os que permaneceram acabaram fazendo da produção de carvão com as madeiras da mata seu principal meio de subsistência.

Quadrinho 02: Estudantes estão a interagir com pai Manoel e ouvindo a história.

José: Então quer dizer que eles derrubaram as matas para fazer carvão?

Pai Manoel: Isso mesmo José. A derrubada dessa mata de certa forma contribuiu para o aniquilamento do quilombo, pois destruiu boa parte da mata fechada que existia nas proximidades de Recife, Olinda e Paulista, o que dificultou a escapada dos escravizados, assim como facilitou a repressão.

Quadrinho 03: Roda de conversa

Luciano: Então quer dizer que após a instalação dessa colônia, ficou mais fácil a repressão?

Pai Manoel: Isso mesmo Luciano. E o destino do quilombo foi selado com o fim da Revolta dos Cabanos em 1835.

Quadrinho 04: Roda de conversa

Benjamim: Lembro disso, Sr. Manoel, meu professor falou dessa revolta que aconteceu na região onde moramos lá nas divisas com Alagoas.

Pai Manoel: a essa altura do campeonato as matas do Catucá, era frequentada não apenas por negros e negras fugitivos, mais também por fugitivos da justiça e outros grupos.

Pai Manoel: ele falava que era comum escutar que haviam assaltado determinado engenho, ou determinado comerciante, e tudo era colocado nas contas dos quilombolas.

A defesa e a repressão

Página 39

Quadrinho 01: Pai Manoel contando o desfecho do quilombo e os estudantes prestando atenção

Pai Manoel: tais delitos deixavam os senhores e o presidente da província injuriados com os quilombolas. O governo resolveu enviar a tropa vencedora da Revolta dos Cabanos sob o comando do Tenente **Coronel Francisco da Rocha de Paes Barreto** para acabar com o Quilombo do Catucá. Meu pai fala que eles lutaram bravamente, porém Pensamento

Depois de alguns anos vivendo de certa forma seguro, os negros recebem a informação de que os senhores junto com o governo estão organizando uma invasão ao quilombo para destruir o quilombo. Então eles começam a se organizar com estrepes, cavando valas pelos prováveis caminhos por onde a força repressora ira passar, eles possuem algumas armas e munições que compram de comerciantes, porém são armas precárias. Também no grupo tem alguns indígenas que usam o arco e flexa. Fazem cercas com varas, e organizam prováveis locais de fugas para mulheres e crianças.

As forças militares formadas por guardas nacionais, Guardas Nacionais, soldados de primeira linha, e além do mais um grupo de índios. Depois de uma batalha sangrenta, muitos foram presos outros mortos o quilombo destruído, João Batista é preso com esposa e filha de 14 anos que é entregue a um senhor que era capaz de dá o destino que ela merecia. E outros foram presos. Alguns como o filho conseguiu escapar porém depois de alguns dias é preso.

Quadrinho 02: chegada no quilombo

João Batista: reúnam todos, precisamos conversar

Quadrinho 03: reunião

João Batista: quando estava vindo no caminho soube por um comerciante que nosso quilombo será atacado mais uma vez.

João Batista: e dessa vez eles vem até com granadeiro, e ainda segundo o comerciante a tropa também é formada por índios de Barreiros e soldados de primeira linha.

Quadrinho 04: todos ouvindo atentos

João Batista: em 1828, conseguimos resistir, embora tenham destruído tudo, nossas casas e nossas plantações, sobrevivemos agora não será diferente.

João Batista: Vamos reforçar nossos estrepes, cavar mais valas, para quando o inimigo chegar cair nas nossas armadilhas;

Manoel Gabão: vamos reforçar nossa proteção.

Página 40

Quadrinho 01: todos trabalhando na proteção do quilombo

Quadrinho 02: Outros apontando a ponta da madeira para os estrepes

Quadrinho 03: João Batista conversa com as mulheres

João Baptista: vamos organizar um local distante daqui para as crianças e as mulheres.

Maria Ignácia: sou a favor de nós mulheres ficar para ajudar na luta. Só as crianças e os mais idosos devem sair para se proteger.

Mulheres: Concordo. Iremos ficar.

Quadrinho 04: uma escrava de um engenho próximo chega cansada ao quilombo

Escrava: João Baptista, meu senhor, falou que a tropa militar já estão bem perto e dizem que mais de quinhentos combatentes todos bem armados.

João Baptista: Obrigado por nos avisar, estamos nos fortificando.

Página 41

Quadrinho 01: João Baptista falando para o grupo

João Baptista: aconteça o que acontecer, lutem por nossa liberdade, somos todos Malunguinhos; a tropa já está bem próxima.

Quadrinho 02: Conversa entre João Baptista e seu filho Vicente Ferreira

Malunguinho: Se eu for preso ou morrer, assumo comando e continue lutando pela nossa liberdade;

Vicente Ferreira: Não vai acontecer nada com o Sr. meu pai, nunca deixarei de lutar pela liberdade de nosso povo.

Quadrinho 03: mostra alguns idosos e crianças saindo do quilombo.

Quadrinho 05: mostra os quilombolas montando tocaia, inclusive com algumas mulheres

Quadrinho 04: mostra a tropa militar do governo junto com os senhores chegando ao quilombo no caminho ao longe;

Página 42

Quadrinho 01: Mostra o início do ataque com tiros de granadeiras e incendiando tudo.

Quadrinho 02: Mostra cena dos soldados se aproximando e alguns caindo nas armadilhas.

Quadrinho 03: Mostra os Malunginhos saindo da tocaia e atacando os soldados.

Quadrinho 04: Mostra os ataque dos dois lados.

Página 43

Quadrinho 01: Mostra pessoas sendo atingida por armas de fogo e por flexas de indígenas dos dois lados.

Quadrinho 02: Continua mostrando a luta e o avanço da tropa do governo e o cerco ao quilombo.

Quadrinho 03: Mostra a tropa militar cercando o quilombo por vários lados.

Quadrinho 04: Mostra a falta de munição dos quilombolas

Página 44:

Quadrinho 01: Mostra o avanço dos militares e a prisão de João Baptista

Guarda: Até que fim seu facínora eu falei que iria pegar você.

Quadrinho 02: Mostra Malunguinho tentando se soltar e correndo.

Quadrinho 03: Mostra sendo recapturado por outros soldados que já trazem várias pessoas presas inclusive sua esposa e filha.

Quadrinho 04: Cena com ênfase em Maria Ignacia e a filha de Malunguinho de 14 anos.

Soldado: Esta daqui se diz que morava com João Batista e essa outra se diz filha dele.

Soldados: Apalpando as duas

Quadrinho 05: Malunguinho furioso tentando se soltar novamente.

Soldado: é isso mesmo seu facínora?

Página 45

Quadrinho 01: mostra alguns quilombolas debandando e alguns soldados atras.

Quadrinho 02: Mostra o quilombo destruído;

Quadrinho 03: cena de soldados mortos e feridos.

Quadrinho 04: Mostra cena dos soldados retornando com alguns soldados feridos e alguns negros presos.

Quadrinho 05: Chegada a um ponto de apoio em um engenho.

Página 46

Quadrinho 121: mostra a entrega da filha de Malunguinho ao senhor do engenho ponto de apoio, que a pega com desejo;

Quadrinho 122: Mostra a tropa retornando por uma estrada, e João Baptista sendo provocado pelos soldados

Quadrinho 123: Ele revida e leva uns socos e pontapés, e tenta fugir.

Quadrinho 124: João Baptista é atingido por uma bala e cai morto no chão.

Página 47

Quadrinho 01: Roda de Conversa.

Pai Manoel: O bisavô do meu pai com sua esposa e filha depois de lutarem bravamente tiveram que debandar se esconder dentro de uma gruta.

Pai Manoel: Tempo depois chegou a notícia de que o nosso líder João Batista, nosso Malunguinho maior havia sido morto por tentar atacar as tropas governamentais no caminho para a prisão no dia 18 de setembro.

Quadrinho 02: Roda de Conversa

Pai Manoel: Segundo meu pai depois da morte de João Batista, seu filho obedecendo o pedido do pai, ocupou o lugar na liderança, porém logo foi preso também.

Luciano: E o que aconteceu com seu bisavô?

Pai Manoel: ele ficou perambulando pelas matas por algum tempo, pois as tropas do governo passaram a fazer tocaias nas principais entradas das matas, vivendo do que encontrava na natureza, até tudo se acalmar novamente.

Quadrinho 03: Roda de Conversa

Luciano: Além de João Batista seu pai falava de mais alguém que lutou pela liberdade no Quilombo do Catucá?

Pai Manoel: Falou de vários, Manoel Gabão, Valentim, João Pataca; Manoel da Hora, Cosme da Hora; João Bamba, Manoel Galo, José Brabo, Maria Ignacia. Todos valentes e corajosos que lutaram pela sua liberdade e de seus companheiros.

Luciano: E para onde foram os seus trisavôs?

Quadrinho 04: Roda de Conversa

Pai Manoel: depois de vagar por muito tempo pelas matas chegaram a essa região e se instalaram nas margens do Rio Goiana, local onde já viviam algumas famílias alforriadas, que deram proteção a sua família, passando a viver da agricultura, da pesca do Marisco e do Caranguejo.

Página 48

Quadrinho 01: Roda de Conversa

Pai Manoel: porém nem todos tiveram a mesma sorte. Muitos foram presos e levados de volta para seus senhores como escravizados, outros foram mortos, outros ainda se recusaram a informar o nome dos seus antigos donos e foram vendidos para outras províncias.

Luciano: Que triste.

Quadrinho 02: Roda de Conversa

Pai Manoel: Pois é, Luciano. Porém não podemos esquecer que nossa história não é apenas de tristeza, ela é, sobretudo, de luta e resistência, solidariedade e sobrevivência até os dias de hoje.

Pai Manoel: Por exemplo, nosso Rei Malunguinho se tornou divindade no culto da Jurema Sagrada, sendo aquele que abre os caminhos.

Quadrinho 03: Roda de Conversa

Andreza: Jurema Sagrada? Não conhecia esse culto, já ouvi falar do Candomblé e da Umbanda.

Pai Manoel: O culto da Jurema Sagrada é muito comum nessa nossa região. É uma mistura de tradição indígenas, africana e do catolicismo.

Quadrinho 04: Roda de Conversa

Pai Manoel: em sua homenagem, geralmente, no mês de setembro é realizado nas matas de um antigo engenho em Abreu e Lima, uma festa chamada Kipupa Malunguinho.

Andreza: Luciano falou isso, quando vínhamos no ônibus.

Quadrinho 05: Roda de conversa

Pai Manoel: Essa festividade é organizada pelo Quilombo Cultural Malunguinho (Organização não governamental que luta no combate à intolerância religiosa).

Pai Manoel: e tem por objetivo celebrar a memória do líder quilombola João Batista, também conhecido como Malunguinho morto em 18 de setembro de 1835. Nosso Rei Maior.

Página 49 e 50.

Quadrinho de duas páginas: Imagem da Festa do Kipupa Malunguinho.